

**UNIVERSIDADE ABERTA**



**O HUMANISMO NA EUROPA DO SÉCULO XXI**

**Luís Manuel Cardoso Monteiro**

**MESTRADO EM ESTUDOS SOBRE A EUROPA**

**2017**

**UNIVERSIDADE ABERTA**



**O HUMANISMO NA EUROPA DO SÉCULO XXI**

**Luís Manuel Cardoso Monteiro**

**MESTRADO EM ESTUDOS SOBRE A EUROPA**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Ana Paula Machado**

**2017**

## RESUMO

Partindo da ideia generalizada de que o Humanismo pode ser definido como um conjunto de ideais e princípios que valorizam as ações humanas, mormente a ética, a moral, o respeito, a justiça, a honra, o amor, a liberdade, a solidariedade, a responsabilidade e de que ele sofreu, ao longo de inúmeras centúrias, mutações relevantíssimas, tanto no seu conteúdo ontológico, como na forma de se manifestar na Humanidade, por força dos mais diversos eventos (sociais, religiosos, culturais, financeiros, económicos, políticos), que ocorreram e continuam a suceder, o cerne desta dissertação sustenta-se, essencialmente, nas grandes causas que hoje assolam o mundo moderno - em exclusivo na Europa -, procurando esclarecer e dentro do viável obter respostas para questões essenciais, como os recentes paradigmas sociológicos e culturais, os novos caminhos e desafios que surgem no proscénio europeu e internacional, assim como averiguar se o Humanismo está presente (ou não) na vida dos atores sociais, hodiernamente.

Revisitando, inicialmente, o alvor do pensamento europeu e a génese do Humanismo no espaço europeu, procura-se posteriormente desenvolver, com mais acuidade, a profusão de questões gravíssimas que assolam a Europa, neste primeiro quartel do século XXI, tentando efetivar um exercício meditativo entre a realidade - aquilo que “foi”, e um futuro desejável - o que “deveria ser”.

A metodologia de investigação utilizada tem como grupo-alvo a comunidade científica, respeitando criteriosamente, *ipso facto*, as formalidades que são apanágio de tal escolha, isto é, segue, como critério metodológico, os seguintes parâmetros: quanto ao propósito, trata-se de uma investigação básica; quanto à classificação, apresenta-se como uma investigação histórica e por ser um estudo qualitativo, emprega, na sua estrutura e evolução da mesma, um método diacrónico, heurístico e holístico.

### **Palavras-Chave:**

Humanismo, Ética, Moral, Europa, Modernidade, Pós-Modernidade, Religião, Migrações.

## ABSTRACT

Starting from the widespread idea, according to which Humanism can be defined as a set of ideals and principles that value human actions and morals, especially ethics, morality, respect, justice, honour, love, liberty, solidarity, responsibility, and also acknowledging the fact that, over the centuries, it has undergone important mutations, both in its ontological content, and in the way it has manifested itself in humanity, by virtue of the various (social, religious, cultural, financial, economic, political) events that have taken place and continue to take place in society, the core of this thesis is mainly centred upon the major issues disrupting the modern world, namely the European continent. It tries to clarify and, as far as possible, find answers to key issues, such as the recent sociological and cultural paradigms, the new paths and challenges emerging in the European and international proscenium, and also ascertain if, at the present time, Humanism plays a major role in the life of the social players.

It starts by revisiting the dawn of European thought and the origin of Humanism in Europe, and subsequently explores a profusion of such relevant issues that keep distressing Europe in the first quarter of the 21st century, trying to mentally bridge the gap between the reality of what it “*was*”, and the desirable future - what it “*should be*”.

The research methodology followed has the scientific community as a target group, and *ipso facto*, carefully respects the characteristic procedures of such a choice, *i.e.* it follows the following parametres as methodological criteria: regarding its objectives, it is a basic research work; regarding its classification, it is presented as historical research; and because it is a qualitative study, it uses a diachronic, heuristic and holistic method in its structure and development.

### **Keywords:**

Humanism, Ethics, Morals, Europe, Modernity, Post-modernity, Religion, Migrations.

## **Dedicatória**

À minha esposa Carla Susana.

Sem ela a meu lado e sem o seu apoio incondicional, mesmo com o grande empenho que depositei neste projeto universitário, jamais alcançaria os êxitos acadêmicos que, gradativamente, fui granjeando.

Ela foi o meu suporte, o meu incentivo e o meu porto de abrigo nas horas menos agradáveis, assim como foi a primeira a festejar, comigo, as vitórias que foram sendo atingidas.

Bem-hajas sempre, pois o que se obteve foi uma vitória a dois e não uma conquista isolada.

Ser-te-ei eternamente grato, minha linda e carinhosa companheira de viagem, que tanto amo.

## **Agradecimentos**

A minha mais profusa e sentida gratidão à Professora Doutora Ana Paula Machado, pelo apoio académico e pela disponibilidade que, com alteada bonomia e sapiência, devotou a este trabalho, assim como pela motivação que sempre me soube inculcar e pela confiança que depositou na minha capacidade enquanto discente.

Agradeço ainda à Universidade Aberta, a minha casa do conhecimento, a excelência de aprendizagem que sempre me proporcionou ao longo dos 1º. e 2º. Ciclos, assim como aos professores que mais marcaram esta minha “aventura académica extraordinária”. Para além da minha extraordinária Orientadora de Dissertação, exalto ainda a Profª. Drª. Maria do Céu Marques (Coordenadora do Mestrado em Estudos sobre a Europa), a Profª. Drª. Maria do Rosário Lupi Bello, a Profª. Drª. Maria do Rosário Matos Bernardo, o Prof. Dr. José Fontes e o Prof. Dr. Marc Jacquinet.

Agradeço, igualmente, à minha Família, aos meus Amigos e Colegas das mais diversas Licenciaturas, com quem tive a honra de privar e criar laços de profunda amizade, que, de uma forma ou outra, acompanharam este meu percurso e apoiaram-me, a todo o tempo, com palavras de entusiasmo e outro género de manifestações.

## ÍNDICE GERAL

Resumo	Pág. iii
Abstract	Pág. iv
Dedicatória	Pág. v
Agradecimentos	Pág. vi
Índice Geral	Pág. vii
<b>Introdução</b>	Pág. 001
<b>Capítulo I - Uma Europa em Permanente Convulsão e Transformação</b>	Pág. 009
1 - Na Senda da Europa Humanista	Pág. 012
2. - Humanismo - Um Paradigma Europeu Genuíno	Pág. 018
3. - Humanismo - Do Século XII ao Século XVIII	Pág. 021
4. - Humanismo - Do Século XIX ao Século XX	Pág. 032
<b>Capítulo II - Secundarização do Humanismo na Europa a partir do Século XX e respetiva repercussão no Mundo</b>	Pág. 045
1. - Dez Fatores Cruciais que Transformaram a Europa e o Mundo no Século XX e Começo do Século XXI	Pág. 047
2. - Uma Europa Refém de Organismos Supranacionais	Pág. 058
3. - Tratados sobre Direitos Humanos: - Regulamentos Imprescindíveis ou Meras Falácias?	Pág. 067
4. - Fundamentalismo versus Refugiados e Migrantes	Pág. 071
<b>Capítulo III - O Homem do Século XXI: - Humanista ou Não?</b>	Pág. 079
1. - O Homem Fragmentado e o Neotribalismo	Pág. 083
2. - Retorno do Homem do Século XXI à Religião Tradicional ou Eclosão de um Novo Tipo de Religiosidade?	Pág. 095
3. - Os Desafios da Europa do Século XXI	Pág. 104

<b>Conclusão</b>	Pág. 113
<b>Referências Bibliográficas</b>	Pág. 123
<b>Webgrafia</b>	Pág. 130





# INTRODUÇÃO

## 1. - Relevância do Tema

O Humanismo, para além de um movimento transformador, progressivo e sem paralelo - no espaço hoje denominado Europa -, que teve o seu proémio na Idade Média, se consubstanciou no Renascimento, atingiu a sua maturidade no Iluminismo e originou, no seu percurso, um rompimento gradual com o Teocentrismo Medieval, representa uma novel conspeção sobre o homem no mundo, passando a predominar a Visão Antropocêntrica, onde o ser humano passou a ser o centro das perscrutações e inquietações, e constitui ainda uma reconquista dos valores da Antiguidade Clássica, podendo ser definido, enquanto filosofema, como um conjunto de ideais e princípios que, emanando do imo do ser humano, orientam e valorizam as suas ações nas mais diversas áreas, através de alteados valores doutriniais, mormente a arte, a ética, a moral, o respeito, a justiça, a honra, o amor, a liberdade e a responsabilidade. Como *Martin Heidegger* expõe na sua obra *Carta sobre o Humanismo*, “[...] *humanismo é isto: meditar, e cuidar para que o homem seja humano e não des-humano, inumano, isto é, situado fora da sua essência.*” (Heidegger, 1987: 41).

Saliente-se, entretentes, que o Humanismo sofreu, ao longo de inúmeras centúrias, metamorfoses relevantíssimas, tanto na forma de se manifestar - por força dos mais díspares eventos que ocorreram (sociais, religiosos, económicos, políticos e culturais) - como no seu conteúdo ontológico e, por essa razão, o cerne desta dissertação irá sustentar-se numa análise sobre a evolução do Humanismo através dos tempos, no contributo que os Legados Greco-Romano e Judaico-Cristão tiveram na construção do mesmo, na enunciação pragmática do conceito em si, nas grandes causas que assolam hoje o mundo moderno, em particular a Europa, procurando elucidar sobre os colossais problemas e questões que causticam o planeta, no seu todo, nestas primeiras décadas do século XXI.

Procurará, igualmente, demonstrar como determinadas organizações internacionais reagem e atuam, furtando-se, devido a interesses pífios, a adotarem soluções humanistas para solucionarem os graves problemas que alastram por

toda a parte.

Por último, demandará defender, na sua conclusão, que o Humanismo - indubitavelmente um prodígio especificamente europeu e que se constitui como um dos grandes alicerces do pensamento europeu -, quase que desapareceu por força da influência sistémica do Estruturalismo, das consequências infaustas da atual globalização, do capitalismo selvático que medra neste mundo pós-moderno, das conveniências egoístas de uma classe mínima que impera e que só busca o ganho em detrimento do bem-estar da restante população mundial, de um assistencialismo hipócrita que somente cuida da pessoa humana quando grandes ganhos se sobrepõem e da destruição, paulatina, de identidades culturais, em benefício de uma identidade global sem rosto, que se movimenta e desenvolve através das redes sociais, dos *mass media* e não só.

## **2. Importância da Investigação**

Os terríveis acontecimentos que têm fustigado o planeta e em particular a Europa, especialmente desde a segunda metade da década de 70 do século XX, transformaram a Humanidade de forma indelével, relegando o ser humano para um desempenho secundário, em virtude de se ter passado a dar primazia a outro tipo de valores.

A revolução telemática e a globalização económica sequente não só consolidaram as redes de comunicação e transporte originando um tráfego de informação e pessoas sem precedentes, como causaram, a nível de relações internacionais, conexões cada vez mais complicadas e infrutíferas e uma correria desregrada a armamentos para sustentar ciclos de guerra infintos e enriquecer os senhores que dominam esse universo tenebroso.

As guerras religiosas sem fundamento inteligível que emergiram, os genocídios, a pirataria, o tráfico e a escravatura humana à escala mundial, o surgimento de crianças-soldados, crianças-espiões, crianças vítimas de redes internacionais de pedofilia e crianças-trabalhadoras, assim como a violência gratuita, são os desfechos mais aterradores e visíveis de uma sociedade cada vez mais descontrolada e menos humanista.

A falência de Estados soberanos e a formação de novas entidades que governam em seu nome, mantendo aqueles dependentes das suas conveniências e proveitos, a debilidade e decadência da ONU, de blocos económicos internacionais e da União Europeia, enquanto organismos representativos dos interesses dos povos, a estagnação e inoperabilidade das instituições judiciais internacionais, as contendas pelo controlo dos recursos naturais, destacando-se entre estes a água potável, as transformações climáticas e demográficas, em resultado da intervenção humana descomedida, a destruição dos ecossistemas, o incremento imoderado do negócio da droga, as mudanças globais a nível social que originam elevadíssima insatisfação a nível das populações (na Europa, no Médio Oriente, na América Latina e não só), principalmente entre os jovens, são, igualmente, efeitos atrozos da época que vivemos e que constatamos em cada novo dia que desponta.

Por fim e mais marcante devido à desumanidade perturbante que provoca, as dezenas de milhões de seres humanos que fogem dos seus países devido a variados motivos, sendo o mais terrífico e mediático o produzido por grupos terroristas por causa de recursos naturais, problemas religiosos e étnicos, os quais originam êxodos intermináveis, o que gera como sequela a alteração de rotas migratórias, a edificação de novos muros e campos de concentração para acolher e delimitar o elevado número de refugiados, assim como as doenças, a fome e a miséria.

Todos estes problemas gravíssimos, que se se vão manifestando no dealbar do século XXI, não têm sido analisados, à luz da ótica humanista, pelos novos *mass media*, tão-pouco pelos políticos que governam e administram os destinos dos povos.

À exceção do líder da Igreja Católica - Papa Francisco -, de diversos responsáveis de outras confissões religiosas, de alguns preeminentes autores contemporâneos, de uns quantos grupos académicos e algumas Organizações Não Governamentais, mais ninguém tem a preocupação de avaliar o que vai ocorrendo - sob a perspetiva humanista -, e sugerir mudanças.

Neste contexto, o objeto de análise do presente trabalho - para além de assaz importante -, é uma avaliação, através de um estudo tanto quanto possível

detalhado e isento sobre a importância do Humanismo no comportamento societário hodierno, com vista a determinar até que ponto este se encontra ou não implantado no ADN do ser humano coetâneo (em termos gerais).

Assim, esta dissertação assume o pressuposto de que o atual comportamento humano se encontra bastante arredado dos valores e das manifestações que o Humanismo defende e, *ipso facto*, vai-se assistindo diariamente às mais dantescas barbáries e ao perigo eminente de se vir a viver num mundo desordenado, onde a anomia imperará, não se divisando por isso e no imediato, as consequências assoladoras que irão suscitar.

### 3. Metodologia

O presente trabalho académico tem como grupo-alvo a **comunidade científica**, daí que “... o rigor do discurso académico não deve dispensar a sua clareza se bem que a homogeneidade do público-alvo implique uma terminologia codificada para o público a que se destina.” (Carmo e Ferreira, 2008: 173), por essa razão e respeitando criteriosamente as formalidades que são apanágio de tal preferência, seguirá, como critério metodológico, os seguintes parâmetros: quanto ao **propósito** será uma **investigação aplicada** dado que “... tem como propósito desenvolver a teoria e estabelecer princípios gerais.” (Carmo e Ferreira, 2008: 227), para além de procurar aferir a teoria e aquilatar o seu interesse na solução dos problemas societários; quanto à **classificação** tratar-se-á de uma **investigação histórica** pois “... envolve o estudo, a compreensão e a explicação de acontecimentos passados.” (Carmo e Ferreira, 2008: 229) e isto porque este género de pesquisa tem por fim “... testar hipóteses ou responder a questões que digam respeito às causas, aos efeitos ou às tendências de acontecimentos passados, que possam ajudar a explicar acontecimentos actuais e a prever acontecimentos futuros.” (Carmo e Ferreira, 2008: 229) e por ser um **estudo qualitativo**, que “... implica [... ...] um plano de investigação estruturado, no qual os objectivos e os procedimentos de investigação estejam indicados pormenorizadamente.” (Carmo e Ferreira, 2008: 196), utilizará na sua estrutura e evolução da mesma, um método **diacrónico** pois engloba alterações ocorridas através do tempo, **heurístico** por

pretender encontrar soluções para as grandes questões que irão ser dissecadas e **holístico** em virtude de ter “... *em conta a ‘realidade global’.*” (Carmo e Ferreira, 2008: 198). No que respeita ao **estudo qualitativo**, este cuida de se sustentar numa bibliografia científica atualizada e especializada em filosofia, religião, política e ciências sociais, incidindo particularmente em obras de *Martin Heidegger, Zygmunt Bauman, Anthony Giddens, Samuel Huntington, Gilles Lipovetsky, Edgar Morin, Papa Francisco e Jacqueline Russ.*

Recorre-se, ainda, a outros contributos fundamentais - de variadas áreas de averiguação -, dada a transversalidade do tema em apreço, procurando-se, neste particular, privilegiar a diversidade das fontes tendo em conta a qualidade científica e a sua contemporaneidade.

Sem pretender ser uma exteriorização de *hubris*, este trabalho procura, na sua evolução, prover apoio para as asserções que são produzidas no mesmo. Quanto aos preceitos de referenciação bibliográfica utilizou-se os que se encontram plasmados na obra *Citar e Referenciar: Norma Portuguesa 405* de Isabel Marcos - Universidade Aberta, Direção de Serviços de Documentação - 2016.

#### **4. Limitações**

As teorias que gozam de maior aceitação, no âmbito da sociologia e da filosofia, advêm essencialmente de autores atuais, que procuram explicações para o comportamento humano contemporâneo e, ao mesmo tempo, encontrar respostas para uma mudança profunda do paradigma social vigente. No entanto, estas conjeturas não têm dado grande relevo à essência do prodígio humanista, sendo que, por tal facto, rareia a oferta de bons trabalhos académicos nesta área intelectual, daí que se recorra a uma vasta bibliografia, dado que o tema em consideração abarca diferentes disciplinas, o que implica o estudo de diferentes ramos das ciências sociais e humanas.

#### **5. Descrição da Estrutura do Trabalho**

A presente dissertação encontra-se dividida em três capítulos.

No primeiro, após sucinta análise sobre os mais importantes factos que ocorreram no mundo desde 1945 e que transformaram a sociedade global - em particular nas décadas de 60 (revolução informática e tecnológica) e 80 (queda do Muro de Berlim e respetivas consequências) do século XX e já no século XXI (atentado terrorista do 11 de setembro) -, é efetivada uma visita aos Legados Greco-Romano e Judaico-Cristão no intuito de se perceber a influência que tiveram no pensamento europeu e como, em seguimento de tal, o Humanismo aflorou na Europa e ganhou acentuada expressão em épocas e movimentos culturais como o Renascimento, o Iluminismo, o Positivismo e outros.

No segundo capítulo, procura-se destacar os arquétipos sociológicos e culturais que transfiguraram o planeta, desde o período pós-moderno até aos dias de hoje, bem como as sequelas que aqueles operaram na sociedade humana, sobretudo no que concerne à globalização, à religião, ao choque de culturas, ao capitalismo desumano que predomina e que transforma os seres humanos em estatísticas e fontes exclusivas de lucro, ao desempenho quase nulo de organizações internacionais e ONGs e ao recrudescimento da xenofobia, do racismo, do populismo e do nacionalismo, em virtude da crise de refugiados que assola o solo europeu e da revolta que os povos começam a denotar, no que tange aos políticos que os representam.

O propósito deste capítulo é o de comprovar, de forma documentada e numa perspetiva histórica, que as graves questões que se alastram na Europa e no mundo em geral - a partir, essencialmente, do século XX e nestes primeiros anos do século XXI -, afastam-se de forma célere e imoral dos mais elevados valores que o Humanismo preconiza e convida a viver.

Por último, no terceiro capítulo, intenta-se perceber as novas orientações da Igreja Católica e de outras confissões religiosas no que respeita ao Humanismo e aos problemas que afetam a Humanidade, os atuais reptos que o mundo tem pela frente, em especial a zona europeia, em virtude do problema relacionado com os refugiados, com os problemas sociais e com a fragmentação da União Europeia.

Demanda-se, na conclusão, sugerir novos caminhos para que o prodígio europeu - o Humanismo -, volte de novo a ser o desígnio dos homens e mulheres

contemporâneos, no propósito de serem criadas condições para que o mundo melhore e a Europa em particular, tendo em mente as gerações vindouras.





## **CAPÍTULO I - Uma Europa em Permanente Convulsão e Transformação**

A sociedade global onde estamos inseridos, constituída por um agregado de sociedades globais que interagem entre si, mas que também se rejeitam, tornou-se cada vez mais volúvel e imprevisível.

A ideia que no século passado se possuía sobre uma Europa pronta para uma união sólida e duradoura, essencialmente a partir do fim da 2ª. Guerra Mundial em 02 de setembro de 1945 (assinatura da rendição do Japão) e de 25 de março de 1957 (Tratado de Roma - CEE e Euratom), hoje não passa de uma quimera, devido às desavenças e à incerteza que campeia no velho Continente.

A Europa, que se acreditava liberta de guerras e crises sociais, é, presentemente, palco de problemas sociais gravíssimos e incompreensíveis, de ininteligíveis ataques terroristas, de lutas regionais e/ou intestinas para definir novas fronteiras entre regiões e/ou Estados, de aviltante desrespeito aos direitos humanos e à dignidade humana, do ressurgimento do tráfico humano e da escravatura, de ataques despidorados à liberdade de expressão e circulação em nome de uma seguridade impossível de garantir e tudo isto sob a desculpa de que se encontram em perigo valores tão peculiares, no espaço europeu, como a sustentabilidade, a seguranga e a democracia.

A convicção de que os holocaustos e os gulags tinham terminado definitivamente com a queda do último bastião que significava cisão e apreensão (queda do muro de Berlim em 9 de novembro de 1989), evola-se irreparavelmente ao constatar-se que em diversos Países europeus se pratica - em pleno século XXI -, de forma sórdida e arbitrária, a exterminação étnica, assim como se erigem novos campos de concentração (designados, falaciosamente, de 'campos de refugiados'), bem como novos muros anti-emigração (na Hungria, no intento de separar este País da Sérvia, a Sul; em Espanha, nos enclaves de Ceuta e Melila; na Grécia, em Nea Vyssa/Evros; na Bulgária, no sentido de fazer controlo da fronteira Turca <sup>1</sup>).

Nos restantes Continentes verificam-se, igualmente, chocantes situações

---

<sup>1</sup> Os Novos Muros da Europa. Texto de João de Almeida Dias. In, Observador - 29/08/2015 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://observador.pt/especiais/os-novos-muros-da-europa/> (Consultado em 27/11/2016).

(de jaez político, geoestratégico, económico e social) e no que respeita ao Médio Oriente, constatam-se profundas e ignóbeis conjunturas, designadamente no que respeita à disseminação do terrorismo, a guerras religiosas e étnicas, assim como a conflitos geoestratégicos devido aos recursos naturais (em especial, a água e o petróleo), o que origina a dizimação de povos e culturas, bem como a fuga - daqueles que conseguem - para outras paragens (essencialmente para a Europa), em busca da paz que não têm e de uma vida digna, que é seu direito natural.

Face a esta realidade pungente, uma questão torna-se oportuna colocar:

- Terá sido sempre assim no mundo em geral e na Europa em particular, ou estes eventos (que se atropelam no dia a dia) são a confirmação, peculiar, de uma pós-modernidade incontrolada?

Tristemente, a resposta é a de que sempre existiram contendas e problemas deste quilate, em particular neste velho Continente, contudo e devido à mediatização que estas ocorrências recebem hodiernamente, através dos novos *mass media* e das redes sociais (tudo se encontra à distância de um 'clique'), faz com que tenhamos conhecimento delas em tempo real e que fiquemos perplexos perante a incompetência de quem governa, no que concerne a resoluções imediatas para terminar com estas vis situações.

Se recuarmos no tempo, verificaremos isso mesmo e, se nos sustentarmos nas 'curvas logísticas' de *Rondo Cameron*, aferimos que, no caso concreto da Europa - foco central do nosso estudo,

"[...] foram identificadas vagas de longo ciclo de crescimento populacional, cada uma seguida por um período de relativa estagnação ou mesmo declínio. O primeiro destes surtos teve início no século IX ou X, atingiu provavelmente os índices mais altos no século XII, começou a abrandar no século XIII e terminou abruptamente com a Grande Peste de 1348, quando a Europa perdeu um terço, ou mais, da sua população total. Após um século de relativa estagnação, a população começou novamente a crescer em meados do século XV, atingiu valores de pico no século XVI e de novo estabilizou, ou possivelmente até diminuiu, no século XVII. Em meados do século XVIII, o processo recomeçou uma vez mais, desta vez muito mais vigorosamente e continuou com taxas sem precedentes até ser interrompido pelas guerras mundiais e por infortúnios conhecidos que ocorreram na primeira metade do século XX. Há sinais de uma quarta logística, desta vez à escala mundial, que teve início depois da II Guerra Mundial."

(Cameron, 2004: 35)

Neste âmbito e ainda segundo este autor, apuramos que,

“[...] as fases finais de todas as logísticas - e os intervalos de estagnação ou depressão que se seguiram - testemunharam a propagação da tensão social, da agitação e da desordem civis e o eclodir de guerras invulgarmente violentas e destrutivas. Claro que noutras épocas ocorreram igualmente guerras e tumultos civis [...]”.

(Cameron, 2004: 36)

Perante estes argumentos, comprova-se que, ao longo da sua história, a Europa tem sofrido enormes convulsões e transformações, as quais foram permitindo uma evolução progressiva em todos os domínios, sendo, até ao início das duas Grandes Guerras do século XX, o Continente que espalhou no mundo toda a sua influência política, económica, social e cultural, em virtude da sua hegemonia.

Convirá salientar ainda e a propósito das agitações que emergiram no Continente Europeu através dos tempos, que,

“Sem dúvida, sugerir que períodos eminentes de agitação intelectual e cultural estiveram também de certa forma relacionados com a logística seria forçar a credulidade. Todavia, é digno de nota que as fases de aceleração de cada período de crescimento populacional na Europa testemunharam surtos de criatividade intelectual e artística, seguidos da proliferação de arquitetura monumental - catedrais medievais, palácios barrocos e o florescimento gótico do século XIX. Anteriormente, as ‘Eras de Ouro’ da Grécia e de Roma - e, ainda antes, as da Mesopotâmia e do Egipto - foram períodos de crescimento populacional e terminaram com luta civil e guerra sangrenta (a Guerra do Peloponeso e o declínio de Roma).”

(Cameron, 2004: 37)

Face a esta triste constatação - de que os seres humanos necessitam contender entre si para saciarem as suas ambições e a sua ânsia de mudança ou poder -, resta-nos, perante a nossa impotência para sarar as feridas da Humanidade, acompanhar o pensamento do *Papa Francisco*<sup>2</sup>, pleno de assertividade e realismo e que, igualmente, relembra o trajeto calcorreado pelo povo europeu, ao longo dos séculos, apelando ao mesmo tempo, para um encontro de nós connosco próprios, no sentido de recuperarmos o Humanismo que nos é intrínseco e de, depois, disseminarmos no mundo essa onda de esperança e bem-

---

<sup>2</sup> Discurso do Papa Francisco, proferido no Parlamento Europeu em Estrasburgo em 25/11/2014 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: [http://pt.radiovaticana.va/news/2014/11/25/discurso\\_do\\_papa\\_ao\\_parlamento\\_europeu\\_em\\_estrasburgo/1112319](http://pt.radiovaticana.va/news/2014/11/25/discurso_do_papa_ao_parlamento_europeu_em_estrasburgo/1112319) (Consultado em 01/12/2016).

aventurança:

“A nossa história recente caracteriza-se pela inegável centralidade da promoção da dignidade humana contra as múltiplas violências e discriminações que não faltaram, ao longo dos séculos, nem mesmo na Europa. A percepção da importância dos direitos humanos nasce precisamente como resultado de um longo caminho, feito também de muitos sofrimentos e sacrifícios, que contribuiu para formar a consciência da preciosidade, unicidade e irrepetibilidade de cada pessoa humana. Esta tomada de consciência cultural tem o seu fundamento não só nos acontecimentos da história, mas sobretudo no pensamento europeu, caracterizado por um rico encontro cujas numerosas e distantes fontes provêm «da Grécia e de Roma, de substratos celtas, germânicos e eslavos, e do cristianismo que os plasmou profundamente», dando origem precisamente ao conceito de «pessoa».”

(Papa Francisco, 2014)

Aduziria, a esta eloquente análise que o *Papa Francisco* proferiu, o seu desejo final - manifesto neste seu discurso <sup>3</sup> -, e que apela a um regresso ao divino e aos caminhos do Humanismo:

“[...] chegou a hora de construir juntos a Europa que gira, não em torno da economia, mas da sacralidade da pessoa humana, dos valores inalienáveis; a Europa que abraça com coragem o seu passado e olha com confiança o seu futuro, para viver plenamente e com esperança o seu presente. Chegou o momento de abandonar a ideia de uma Europa temerosa e fechada sobre si mesma, para suscitar e promover a Europa protagonista, portadora de ciência, de arte, de música, de valores humanos e também de fé. A Europa que contempla o céu e persegue ideais; a Europa que assiste, defende e tutela o homem; a Europa que caminha na terra segura e firme, precioso ponto de referência para toda a humanidade.”

(Papa Francisco, 2014)

## 1. Na Senda da Europa Humanista

*Jacqueline Russ* refere na sua obra *A Aventura do Pensamento Europeu - Uma História das Ideias Ocidentais* (1997), que somos legatários de duas gêneses, ambas concebidas entre o Eufrates e o Nilo há vários milénios: o Egito e a Mesopotâmia por um lado, de onde emergem o universo, os deuses e o homem, gradativamente gerados; e por outro, os Hebreus que adotam a existência de um Deus que, a partir de nenhures, cria o cosmos e o ser humano à sua imagem. Se

---

<sup>3</sup> Discurso do Papa Francisco, proferido no Parlamento Europeu em Estrasburgo em 25/11/2014 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: [http://pt.radiovaticana.va/news/2014/11/25/discurso\\_do\\_papa\\_ao\\_parlamento\\_europeu\\_em\\_estrasburgo/1112319](http://pt.radiovaticana.va/news/2014/11/25/discurso_do_papa_ao_parlamento_europeu_em_estrasburgo/1112319) (Consultado em 02/12/2016).

na primeira forma de entendimento, a Grécia Antiga vai colher percepções que, presentemente, ainda fazem mover o orbe terrestre e a sociedade global, a segunda maneira de compreender será a inspiração para a Revolução Cristã. Todavia, com o passar dos séculos e com todos os eventos e mestrias que alcançou através dos personagens que nele viveram, o espaço europeu continuou a não ter, no seu alvor, um princípio fundador singular no seu “pensamento”.

Os princípios, grego e latino, afluem da sua periferia e são-lhe anteriores; a origem cristã advém da Ásia e só brotará no espaço europeu nos fins do seu primeiro milénio (Morin, 1987: 33). Conquanto toda esta evolução tenha ocorrido com o descobrimento da lavoura no Neolítico, o qual motivou transformações bastante expressivas na maneira como os seres humanos começaram a entender o Universo, originando essa novel percepção de uma forma diferente de se constituírem como grupo (valorização da *imago mundi*), *Mircea Eliade* revela-nos, no seu entendimento, que “*As culturas agrícolas elaboram o que podemos chamar religião cósmica, uma vez que a atividade religiosa está concentrada em torno do mistério central: a renovação periódica do Mundo*” (Eliade, s.d. *apud* Machado, 2015: 91). Não devemos olvidar, similarmente, o que *Karen Armstrong* defende, quando afirma que,

“[...] os seres humanos são animais espirituais. Sem dúvida que há muito boas razões para se argumentar que o *Homo sapiens* também é *Homo religiosus*. O homem começou a venerar deuses mal se fez reconhecivelmente humano; criou religiões ao mesmo tempo que criava obras de arte, não simplesmente porque queria propiciar forças poderosas, mas porque essas convicções arcaicas expressavam o espanto e mistério que parece terem sido sempre componentes essenciais da experiência humana neste belo, mas aterrorizador mundo. [...] Como qualquer outra actividade humana, a religião pode ser mal utilizada, mas parece ser algo que sempre praticámos. Não foi adicionada a uma natureza primordialmente secular por reis ou sacerdotes manipuladores, é antes natural à humanidade.”

(Armstrong, 1996: 19)

Esta religiosidade e esta existência, segundo a influência de um inicial período cósmico especialmente proveniente do intervalo descontínuo das culturas e da regeneração dos afazeres rurais, encontra-se na origem da noção de tempo circular e de ciclo cósmico que “[...] implica a repetição ad infinitum do mesmo padrão: nascimento, morte, renascimento” (Machado, 2015: 91). *Mircea Eliade* desperta-nos, identicamente, para a ascendência que estas concepções antiquíssimas produziram em épocas ulteriores: “*As cosmologias, escatologias e*

*messianismos que vão dominar durante dois milénios o Oriente e o mundo mediterrânico têm as suas raízes nas concepções dos neolíticos*” (Eliade, s.d. *apud* Machado, 2015: 92).

É, pois, por via da iteração ritualista de mitos cosmogónicos, que entrementes gerou, que o homem refaz o cosmos, dentro desse período de tempo. Toda esta expansão e desenvolvimento do ser humano, enquanto comunidade e através da religião, não só se reforça, no entendimento de *Anthony Giddens*, quando refere que,

“Nós, os seres humanos, sempre sentimos curiosidade pelas razões do nosso próprio comportamento, mas durante milhares de anos as tentativas de nos entendermos dependeram de formas de pensar transmitidas de geração em geração. Estas ideias eram expressas frequentemente em termos religiosos, ou em mitos bem conhecidos, superstições ou crenças tradicionais”.

(Giddens, 2008: 6)

como se justifica, igualmente, através do que *Carl Jung* intitula de “*Inconsciente Coletivo*”, isto é,

“O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo facto de que não deve a sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente colectivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem a sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste na sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente colectivo é constituído essencialmente de arquétipos”, sendo que o “arquétipo, que constitui uma correlação indispensável da ideia do inconsciente colectivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que está presente em todo o tempo e em todo o lugar. A pesquisa mitológica denomina-as ‘motivos’ ou ‘temas’; na psicologia dos primitivos elas correspondem ao conceito das ‘représentations collectives’ de Levy-Bruhl e no campo das religiões comparadas foram definidas como ‘categorias da imaginação’ por Hubert e Mauss. Adolf Bastian designou-as bem antes como ‘pensamentos elementares’ ou ‘primordiais”.

(Jung, 2000: 53,54).

O importante para o entendimento do conceito de *Inconsciente Coletivo*, é que este se encontra em nós, com os seus mitos esquecidos, lendas, fábulas, contos de fadas e experiências. Foi este *Leitmotiv* da religiosidade ancestral que perpassou o pensamento humano ao longo dos milénios, de cultura para cultura, de civilização para civilização.

Se demandarmos o âmago da Europa no seu dealbar só descobriremos uma

consciência europeia passageira, dado que muitos foram os povos - do Norte, do Sul, da Ásia e do Médio Oriente -, que subjugaram este espaço geográfico, que o habitaram e que lhe deixaram não só as suas culturas, como as suas tradições e as suas raízes.

Neste sentido, *Edgar Morin* exorta-nos para o facto de que,

“Deste modo, se a Europa é o direito, é também a força; se é a democracia, é também a opressão; se é a espiritualidade, é também a materialidade; se é a moderação, é também a húbris, a desmesura; se é a razão, também é o mito, incluído no seio da ideia de razão. A Europa é uma noção incerta, nascida da barafunda, com fronteiras indefinidas, de geometria variável, sofrendo deslizes, rupturas, metamorfoses. Trata-se, por conseguinte, de interrogar a ideia de Europa justamente naquilo que ela tem de incerto, de turvo, de contraditório, para tentar daí extrair a identidade complexa.”

(Morin, 1987: 33)

Assim, o que se considera cultura ocidental não passa de uma edificação ideológica que, durante muitos séculos, a Europa foi burilando, constituindo-se numa matriz própria e diferenciando-se, assim, dos demais povos.

Há muito que a Europa proclama a preeminência da sua cultura, das memórias e dos costumes que a enformaram, tanto no campo doutrinal (*Legado Judaico-Cristão*), como na área da política e do direito (*Legado Romano*) e, por fim, no capítulo das artes e do pensamento (*Legado Grego*).

Todavia, neste assumir de uma identidade que não é uma criação genuína (*creatio ex nihilo*), são omissas as suas verdadeiras origens: o Egito, a Mesopotâmia (e todas as civilizações que nela subsistiram), os Hebreus e os Povos Nórdicos, ou seja, a África, a Ásia e o Norte do espaço europeu.

Se o Cristianismo tem um precedente histórico que é a memória judaica, do qual emana e de que é, na ótica cristã, a total efetivação, tem também um outro antecedente e este deve a sua natureza - como autêntico imo de sabedoria -, à reflexão filosófica grega.

Se o Legado Judaico localiza a palavra cristã no âmbito da história de um povo, a quem Deus progressivamente se anuncia, o espírito heleno prepara a consciência humana para a compreensão da doutrina de Jesus, O Homem / Cristo, O Redentor, como genuína erudição, como um saber que subentende, de certa forma, a expansão teórica atingida pelos filósofos gregos.

Neste encadeamento, *Sócrates* (469 a.C. - 399 a.C.), *Platão* (428 a.C. - 347



a.C.) e *Aristóteles* (384 a.C. - 322 a.C.) são igualmente antecessores dos cristãos, de forma similar como o são os profetas e patriarcas do Antigo Testamento.

A aspiração cristã foi, desde a sua génese, a de demonstrar o que as coisas são, não no seu aspeto científico - que compete à razão determinar -, mas na sua veracidade profunda, isto é, na sua afinidade entre a origem e o termo, entre o alfa e o ómega, daí que o Cristianismo, ao invés das religiões greco-latinas, não seja o corolário de um mito, mas sim um saber que tem lugar na história e conduz à unidade suprema.

*Platão* e *Aristóteles*, entre outros, não abraçam as versões alegóricas da sua época e demandam, através da filosofia, uma explanação lógica da verdade. Apesar de pagãos, as suas especulações racionais servirão de alicerce à teologia católica, por tal facto, é, em boa parte, devido à sabedoria grega e à sua expansão teórica que o Cristianismo se tornou, para além de manifestação prodigiosa, um efetivo conhecimento.

Para *Aristóteles*, a unidade era a cidade: a pedra angular de todo o seu processo. O homem existia para habitar a cidade e esta era a unidade da sua vida e da existência do todo. Para os Romanos, a unidade sobrevinha da conquista e esta cingia-se em submeter o universo mediterrâneo e a extorquir aos bárbaros o que era indispensável para a defesa do Império. Os Estoicos cogitaram uma unidade mais penetrante e o próprio *Cícero* (106 a.C. - 43 a.C.), comentador dos seus ensinamentos, criou a existência de um Direito Natural que seria idêntico em Roma e em Atenas. Porém, a conceção sobre a generalidade do Direito teve parca utilização antes da Era Cristã.

Cada povo, cada cidade e cada família tinham os seus deuses próprios e os seus espíritos defensores. Não existia equidade jurídica, nem equidade espiritual e neste aspeto, a mudança inserida pelo Cristianismo é extraordinariamente intensa e perentória. Este não acolhe qualquer desigualdade entre os homens, pois nele podem subsistir multiplicidades fortuitas de profissão, de condição, de naturalidade, de estirpe, porém, não as há no que respeita à Humanidade dado que todos os homens são equitativamente filhos de Deus.

A eliminação de limites tem, por efeito, a consumação da unidade e a origem desta união é Deus. O léxico cristão dá um sentido moderno ao vocábulo

“Humanidade”, seja na forma grega *anthropotès*, ou na forma latina *humanitas*.

Altera integralmente a dimensão do termo e já não encara a essência normal do animal humano, mas a essência natural das pessoas criadas na sua respeitabilidade nova, rumo à salvação. Deste modo, a locução “Humanidade” passa a denominar um indivíduo próprio, fundado por todas as gerações e raças; pelos homens de todas as épocas e de todos os Países; pelos seres de todas as categorias, entre os quais a presença de Deus estabeleceu uma solidariedade verdadeira e, através dela, são revogadas todas as dependências que a existência antiga, quer na sua feição semita, quer no seu formato grego, tinham logrado elevar. Ao mesmo tempo, altera-se o significado da palavra “filantropia” e esta passa a denominar o amor fraternal de todos os que cooperam na mesma essência espiritual e a nova aceção dada a este termo representa a originalidade do contributo cristão no que respeita à conceção de “Humanidade” ou seja de um *Humanismo Cristão*.

Uma comunidade singular e ecuménica, construída e consolidada pelo próprio Deus, a qual produz a maior de todas as universalidades. Torna-se então coerente que a “Humanidade” seja uma juridicamente, tal como o é espiritualmente; que proceda de uma só lei e de um só governo; que forme a primeira daquelas *universitates* já arquetadas pelo Direito Romano e cuja consciência ganhará tanta relevância na Idade Média.

Os séculos V a X caracterizam-se, essencialmente, pela influência da Igreja sobre toda a sociedade e a partir do ano 1000, o pensamento reforça-se e a razão ganha impulso. Será a alvorada de um ressurgimento intelectual mais profundo, que se solidificará no Renascimento, depois das guerras, epidemias e miséria, que assolaram o espaço europeu, na esteira das cruzadas, do comércio marítimo <sup>4</sup>, da migração dos judeus <sup>5</sup>, assim como das incursões Árabes, Vikings e Magiares, que

---

<sup>4</sup> “A Peste Negra tem sua origem no continente asiático, precisamente na China. Sua chegada à Europa está relacionada às caravanas de comércio que vinham da Ásia através do Mar Mediterrâneo e aportavam nas cidades costeiras europeias, como Veneza e Génova. Calcula-se que cerca de um terço da população europeia tenha sido dizimada por conta da peste. A propagação da doença, inicialmente, deu-se por meio de ratos e, principalmente, pulgas infetados com o bacilo, que acabava sendo transmitido às pessoas [...]”. In, História do Mundo. Peste Negra. Texto de Cádio Fernandes [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-media/peste-negra.htm> (Consultado em 10/12/2016).

<sup>5</sup> “Outro fenómeno da época em que se desencadeou a peste foi a atribuição da causa da moléstia aos povos estrangeiros, notadamente aos judeus. Os judeus, por não serem da Europa e por, desde

ocorreram entre os séculos VIII e XIII.

Os séculos XI e XII encontram-se fadados às propriedades da alma e *Pedro Abelardo* (1079 - 1142) torna-se no paladino da dialética.

O século XIII fará brotar a escolástica, a ciência medieval, o incremento das artes e o renovamento das ideias políticas, tudo fatores que concedem a esta centúria particularidades inéditas, em que o latim cria uma unidade cultural na Europa, onde avultam universidades e se estabelece a correspondência entre elas, permitindo dessa forma o início de uma Civilização Europeia. Esta Europa Cultural, gerada na Idade Média, deve imenso ao Islamismo e ao universo árabe, de onde o Ocidente aproveitou inúmeros paradigmas intelectuais essenciais, em resultado de uma permuta mútua, pois o próprio espírito islâmico sofre interferência da cogitação grega.

A Idade Média torna-se, desta forma e por força de todas as circunstâncias que albergou durante a sua vigência, tão-somente, uma “ponte” entre duas colossais realidades ocorridas na “Humanidade”: o Legado Greco-Romano-Cristão e o Renascimento.

Por ela perpassaram dantescos rubicões, mas foram eles que motivaram o homem, qual *Fénix*, a renascer e a reconstruir o seu devir com novas ideias, por esse facto, nesse hiato que subsistiu durante vários séculos, muito sucedeu e, se algumas coisas menos positivas ocorreram, jamais se pode omitir que relevantíssimos eventos e descobertas sobrevieram, abrindo definitivamente novas sendas rumo ao conhecimento, que se foi reinventando entrementes e que por fim se alicerçou.

## 2. Humanismo - Um Paradigma Europeu Genuíno

“Que te sucedeu Europa humanista, paladina dos direitos humanos, da democracia e da liberdade? Que te sucedeu Europa, terra de poetas, filósofos, artistas, músicos, escritores?”

---

a Idade Antiga, viverem em constante migração, passando por várias regiões do mundo até se instalarem nos domínios do continente europeu, acabaram por se tornarem o “bode expiatório” das multidões enfurecidas.”, In, História do Mundo. Peste Negra. Texto de Cádio Fernandes [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-media/peste-negra.htm> (Consultado em 10/12/2016).

Que te sucedeu Europa, mãe de povos e nações, mãe de grandes homens e mulheres que souberam defender e dar a vida pela dignidade dos seus irmãos?”

(Papa Francisco, 2016)

Perante esta exteriorização do *Papa Francisco*, proferida em 06/05/2016, durante a Cerimónia de Entrega do Prémio Carlos Magno em Aachen, constatamos que a Europa, em especial e o mundo em geral, vivem momentos bastante sombrios no que concerne ao “Espírito Humanista” que, num passado distante foi apanágio da Cultura Europeia, atravessando, enquanto herança, diversos séculos. Resta-nos, enquanto estudiosos e no sentido de entendermos o que se está a perder nos dias de hoje - ainda que de forma simples -, rebuscar nas origens o que é de facto o Humanismo, como surgiu e o que representou então, em termos de cultura e forma de se expressar.

Assim, segundo *Martin Heidegger* (1889 - 1976), é ...

“Somente na época da república romana, [que a] *humanitas* foi, pela primeira vez, expressamente pensada e visada, sob este nome. O *homo humanus* contrapõe-se ao *homo barbarus*. O *homo humanus* é, aqui, o romano que eleva e enobrece a *virtus* romana através da «incorporação» da *humanitas* herdada dos Gregos. Estes Gregos são os Gregos do helenismo cuja cultura era ensinada nas escolas filosóficas. Ela refere-se à *eruditio et institutio in bonas artes*.”

(Heidegger, 1987: 41,42)

Discorre o mesmo autor sobre o Humanismo de uma perspetiva cristã:

“O cristão vê a humanidade do homem, a *humanitas do homo*, desde o ponto de vista da sua distinção da *Deitas*. Ele é, sob o ponto de vista da história da salvação, homem como «filho de Deus», que, em Cristo, escuta e responde ao apelo do Pai. O homem não é deste mundo, na medida em que o «mundo» pensado, teórica e platonicamente, é apenas uma passagem provisória para o Além. [...] Em Roma, encontramos o primeiro humanismo. Ele permanece, por isso, na sua essência, um fenómeno especificamente romano, que emana do encontro da romanidade com a cultura do helenismo. Assim, a chamada Renascença dos séculos XIV e XV, na Itália, é uma *renascentia romanitatis*.”

(Heidegger, 1987: 41,42)

Assim e tendo por válida a asseveração de *Martin Heidegger*, no que concerne à origem do Humanismo, concluímos que este,

[...] entendido historicamente, faz sempre parte um *studium humanitatis*; este estudo recorre, de uma certa maneira, à Antiguidade, tornando-se assim, em cada caso, também um renascimento da grecidade. Isto é evidente no humanismo do século XVIII, aqui entre nós, sustentado por *Winckelmann*, *Goethe* e *Schiller*.”

(Heidegger, 1987: 42)

Contudo, o Humanismo enquanto criação genuína do pensamento europeu não tem uma única fonte e uma exegese exclusiva. Outras origens e formas de o entender brotam do entendimento humano, por isso, se ...

“[...] por humanismo, se entende de modo geral, o empenho para que o homem se torne livre para a sua humanidade, para nela encontrar a sua dignidade, então o humanismo distingue-se, em cada caso, segundo a concepção da «liberdade» e da «natureza» do homem. Distinguem-se, então, do mesmo modo, as vias para a sua realização. O humanismo de Marx não carece de retorno à Antiguidade, como também não o humanismo que Sartre concebe, quando fala em Existencialismo. Neste sentido amplo, em questão, também o Cristianismo é um humanismo, na medida em que, segundo a sua doutrina, tudo se ordena à salvação da alma (*salus aeterna*) do homem, aparecendo a história da humanidade, na moldura da história da salvação. Por mais que se distingam estas espécies de humanismos, segundo as suas metas e fundamentos, segundo a maneira e os meios de cada realização, segundo a forma da sua doutrina, todas elas coincidem nisto: que a *humanitas* do *homo humanus* é determinada a partir do ponto de vista de uma interpretação fixa da natureza, da história, do mundo, do fundamento do mundo, isto é, do ponto de vista do ente na sua totalidade.”

(Heidegger, 1987: 42,43)

Conduzindo a atual análise para um campo filosófico, apuramos que ...

“Todo o humanismo se funda, ou numa Metafísica ou ele mesmo se postula como fundamento de uma tal metafísica. Toda a determinação da essência do homem que já pressupõe a interpretação do ente, sem a questão da verdade do ser, e o faz sabendo ou não sabendo, é metafísica. Por isso, mostra-se, e isto no tocante ao modo como é determinado a essência do homem, o elemento mais próprio de toda a Metafísica, no facto de ser «humanística». De acordo com isto, qualquer humanismo permanece metafísico.”

(Heidegger, 1987: 43)

Concluindo esta interpretação, atestamos que ...

“Na determinação da humanidade do homem, o humanismo não só deixa de questionar a relação do ser com o ser humano, mas o humanismo tolhe mesmo esta questão, pelo facto de, por causa de sua origem metafísica, não a conhecer, nem a compreender. [...] O primeiro humanismo, a saber o romano, e todos os tipos do humanismo que, desde então até ao presente, têm surgido, pressupõe como óbvia a «essência» mais universal do homem. O homem é tomado como *animal ratiomal*.”

(Heidegger, 1987: 44)

É relevante referir, no final deste subcapítulo, que outros pensadores, contemporâneos ou não, poderiam ter sido citados no intuito de abordar o Humanismo, todavia, o autor deste trabalho optou por utilizar somente a obra de *Martin Heidegger - Carta sobre o Humanismo* -, porque, entre os filósofos e pensadores estudados, ninguém faz uma análise tão profusa e abrangente como ele sobre a matéria em apreço e, ainda, porque este autor desenvolve este tema

através de um regresso à ontologia <sup>6</sup> da compreensão, por via da fenomenologia <sup>7</sup>, “[...] cujo instrumento é a hermenêutica da existência fáctica do homem [...]” <sup>8</sup>.

### 3. Humanismo - Do Século XII ao Século XVIII

Se o século XII está intimamente ligado ao domínio da Alma e da Dialética, encontra-se igualmente associado ao Humanismo, como realçam, conjuntamente, o exemplo de *Pedro Abelardo* e o *Espírito de Chartres*.

*Bernardo de Chartres* (... - 1130), sobre a perceção da evolução intelectual, um dos alicerces do Humanismo daquele tempo, referia de forma alegórica, em 1119: “Somos como anões aos ombros de gigantes, pois podemos ver mais coisas do que eles e mais distante, não devido à acuidade da nossa vista ou à altura do nosso corpo, mas porque somos mantidos e elevados pela estatura de gigantes.” <sup>9</sup>.

Eis, portanto, um Humanismo que reunirá os ensinamentos dos enormes filósofos pagãos. O *Humanismo Chartrense* rejeita uma das alegações costumadas da Teologia: o homem não é, nem um acaso, nem um epifenómeno - negativo - da criação divina; ele é gerado à imagem de Deus, por isso o homem eleva-se a uma respeitabilidade única; longe de ser um elemento accidental, ele está conjeturado no conjunto das realidades.

Este conceito filosófico caminha a par de uma dessacralização da essência,

---

<sup>6</sup> Ontologia: Parte da metafísica que estuda o ser em si, as suas propriedades e os modos por que se manifesta”. In, Infopédia, Dicionários Porto Editora [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ontologia> (Consultado em 15/12/2016).

<sup>7</sup> Fenomenologia: Estudo ontológico dos fenómenos, destinado a determinar as suas estruturas, a sua génese e a sua essência. In, Infopédia, Dicionários Porto Editora [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Fenomenologia%20> (Consultado em 15/12/2016).

<sup>8</sup> A Fenomenologia como Retorno à Ontologia em Martin Heidegger. Texto de Newton Aquiles von Zuben. In, Trans/Form/Ação, Vol. 34, Nº. 2. Marília, 2011. S. Paulo, Universidade Estadual Paulista - Departamento de Filosofia. Print Version ISSN 0101-3173 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31732011000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732011000200006). (Consultado em 19/12/2016).

<sup>9</sup> Bernardo de Chartres, referido por João de Salisbúria (1115 - 1180), *Metalogicon III*, 4 (Ed. Webb, Oxford 1929, Pág. 136, ls. 23-27) [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://dererummundi.blogspot.pt/2011/12/aos-ombros-de-gigantes.html> (Consultado em 20/12/2016).

restituindo às realidades temporais a sua capacidade original, a qual se encontrava excessivamente submetida ao poder religioso, ou seja, a essência cumpre as leis, mas a razão humana assevera a revelação e permite-se entendê-la. É a consciência moderna de essência que começa a desenvolver-se no século XII, quando se bosqueja a percepção de uma ordem natural e toda esta labuta permitirá a Revolução Científica do Renascimento, abandonando dessa forma, gradativamente, o Teocentrismo (Deus como centro do mundo) e a estrutura hierárquica medieval (nobreza-clero-povo).

Os cometimentos e os paradigmas intelectuais - Escolástica, Teoria Lógica, etc. - convertem-se vivamente no século XIII, por interferência de conjunturas históricas diferentes. A história cultural medieval está aliada à das formações escolares e as técnicas pedagógicas não se apartam, nem das formas da erudição, nem do progresso do pensamento e, assim, a emergência das universidades - outra maravilha europeia -, engendra torneios mentais, em que cada um se exercita e se faz valer. Daí a evolução do raciocínio, bem como uma fartura do processo escolástico e das leis da explicação. De uma ponta à outra do Continente, as universidades correspondem-se e a Civilização Europeia configura-se por via do labor dos eruditos. Já não nos encontramos, neste íterim, somente no desenvolvimento de uma forma nocional de viver a essência humana. Esta alia-se, progressivamente, a todo um movimento reformador que irá engendrar incontáveis e inenarráveis transmutações na Europa em particular e no mundo em geral.

Enquanto a Escolástica Inicial (séculos IX-XII) é subjugada pela ascendência de *Santo Agostinho* (354 d.C. - 430 d.C.) e do Neoplatonismo, a Grande Escolástica do século XIII fundamenta-se no Aristotelismo, que é tomado como fonte e desta forma se expandem as reflexões de *Alberto Magno* (1193 - 1280) e, particularmente, de *São Tomás de Aquino* (1225 - 1274).

Enquanto em *Santo Agostinho* não subsiste espaço gizado para o exercício da razão, *S. Tomás de Aquino* encara a criação celeste na sua independência e na sua especificidade. Este ilustre pensador diferencia na existência, dois espaços distintos: o das exatidões da razão e o das precisões da fé, convertendo-se no primeiro filósofo moderno da Idade Média, que aceita a emancipação da pesquisa racional e da filosofia.

A Idade Média, segundo *Umberto Eco* na sua obra *Idade Média - Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos*, terminará no fim do século XV (1492) <sup>10</sup>, com a elevação do Humanismo, que prenuncia diretamente o Ocidente Moderno, sendo em pleno século XIV, em Itália, com *Francesco Petrarca* (1304 - 1374), que aquele definitivamente brota, aliás, segundo *Juan Cordón* e *Tomás Martínez* na sua obra *História da Filosofia - Dos Pré-Socráticos à Filosofia Contemporânea*, dois eventos relevantíssimos ocorrem em 1438 e 1453 que “[...] constituem fatores importantes do desenvolvimento do humanismo [...]” (Cordón e Martínez, 2014: 208). A saber:

“No domínio cultural, tem lugar em 1438 o concílio de Florença-Ferrara, no qual comparecem teólogos do Oriente, conhecedores da língua grega e peritos na filosofia e nos textos gregos. Poucos anos depois (1453) dá-se a queda de Constantinopla, que obriga muitos intelectuais orientais a emigrarem para a Itália. [...] os intelectuais procedentes do Oriente dão impulso ao estudo da língua grega e à transmissão dos textos dos filósofos gregos.”

(Cordón e Martínez, 2014: 208)

Esboça-se assim um modelo de cultura, precursor do de *Erasmus de Roterdão* (1466 - 1536) ou *Guillaume Budé* (1467 - 1540), com a primazia da perspetiva humana. O *Humanismo Francês* do século XIV vai consentir a interferência de *Francesco Petrarca*. Nesta época, trata-se de um *Humanismo Ciceroniano*, em virtude de a retórica de *Cícero* ser exercida em Paris, tanto em privado, como em público. No fim da Idade Média, apresentam-se, pois, novas concepções, cuja energia tudo certifica.

Por volta do Século XV, *Johannes Gutenberg* (1398 - 1468) edita a primeira Bíblia, daí que “[...] a descoberta da imprensa facilita a expansão cultural, a edição dos clássicos por parte dos humanistas e a circulação de textos bíblicos, o que favorece a reforma religiosa.” (Cordón e Martínez, 2014: 208) e na área da Ética, o

---

<sup>10</sup> “**A Idade Média não é um século.** Não é um século, como o século XVI ou o século XVII, nem um período bem definido e com características reconhecíveis como o Renascimento, o Barroco ou o Romantismo. É uma sucessão de séculos assim chamada pelo humanista Flavio Biondo, que viveu no século XV. Como todos os humanistas, Biondo preconizava um regresso à cultura da Antiguidade Clássica e, por assim dizer, colocava entre parêntesis os séculos (em que ele via uma época de decadência) que decorreram entre a queda do Império Romano (476) e o seu tempo - embora o destino haja decidido que, afinal, Flavio Biondo pertencesse também à Idade Média, por ter morrido em 1463 e se ter convencionalmente fixado o fim da Idade Média no ano de 1492, o ano do descobrimento da América e da expulsão dos mouros de Espanha.” (Eco, 2010: 4)



Cristianismo estabelece uma nova forma de pensamento. Doravante, através de uma novel hermenêutica, o “erro” assume a denominação de “pecado”, atitude cônica pelo qual se violam as intenções divinas e o cristão, ao transgredir, ofende o seu Deus, daí um tipo de Ética inflexível impõe-se à erudição antiga, que via no mal um ser menor.

Perdurando em ser súbdito do Cristianismo, o Humanismo dos séculos XV e XVI admite o seu débito para com as conjeturas platônicas e faz, com assiduidade, tábua rasa do pecado original. As bonitas letras - as *humaniores litterae* -, confluem, assim, para essa essência e esse *Logos do Grecismo*. Se o *Deus Judaico-Cristão* ocupa o Período Medieval, o *Eros Platónico* organiza o Renascimento (Russ, 1997: 44,45).

Enjeitando o Teocentrismo, surge uma nova concepção sobre o homem no cosmos: passa a prevalecer, entre os pensadores de então o Antropocentrismo, onde o homem é o centro das indagações e inquietudes, o qual retoma os valores da Antiguidade Clássica, rompe com os cânones de *Cláudio Ptolomeu* (90 - 168) que defendia o Geocentrismo e dá lugar ao Heliocentrismo de *Nicolau Copérnico* (1473 - 1543).

O Humanismo, durante o Renascimento, consolida-se e coloca o homem como centro de interesse, ou seja, é em torno dele que tudo acontece.

O indivíduo do Renascimento conquista, finalmente, poder sobre o tempo, que se retrata na proficuidade da consciência e as circunstâncias técnicas deste período vão, de facto, estabelecer novas maneiras na movimentação das ideias e estas vão tornar-se fatores constituidores do universo e espalhar-se celeremente nele, por via da imprensa, que faculta uma disseminação melhor que anteriormente, contribuindo assim, através dos Humanistas e da Reforma, para a constituição gradual da Civilização Europeia. *Jaqueline Russ* retrata, de forma bem singular, este facto quando afirma que:

“Ao abrir as portas do alto mar, ao descobrir mundos novos, a Europa enche a Terra com as suas ideias, que universaliza. À dispersão e ao isolamento dos grupos humanos, à ignorância das culturas, à vida separada das civilizações que se ignoram, substitui-se progressivamente uma unificação pela razão europeia que, dentro em breve, no século XVII, se vai munir de um método. A criação dos rumos da civilização europeia não tem nada de anedótico: significa a penetração da *ratio* ocidental no resto do mundo.”

(Russ, 1997: 86).

Com a Reforma, originam-se os alicerces de novas reflexões condutoras: a influência da Reforma Protestante concorre para as mudanças, de forma categórica, pois é a consciência de cada indivíduo que aquela invoca e não o domínio da Igreja, assim como promove ...

“[...] fatores económicos e políticos [que] atuaram em conjunto, impulsionando a investigação técnica e científica, favorecendo o aparecimento de diferentes concepções religiosas e ideias filosóficas. Juntamente com estes fatores, há três forças culturais que confluem na transformação do pensamento europeu e no advento da modernidade: o **humanismo**, a **reforma** e o desenvolvimento da **ciência**.”

(Cordón e Martínez, 2014: 210)

Porém,

“Os filósofos humanistas adotaram na generalidade uma atitude de menosprezo, quando não de aberta hostilidade, para com a experimentação. Neste divórcio entre **humanismo** e **ciência** radica a separação - prolongada até aos nossos dias - entre estudos científicos e estudos humanísticos, entre ciências e letras, bem como da pouco razoável inclusão da filosofia entre estas últimas.”

(Cordón e Martínez, 2014: 210,211)

É a partir desta cisão que sucede o espírito de reforma de Humanistas como *Erasmus de Roterdão*, mas também a inovação de um *Martinho Lutero* (1483 - 1546) ou de um *João Calvino* (1509 - 1564). Daí em diante, a Reforma, ao propagar a vida cristã, explicando-a pela fé pessoal e pela graça, contribui para a génese da concepção de indivíduo. É correto admitir, recuando no tempo, que as origens desta consciência se descobrem no *Legado Judaico-Cristão* e no que Jesus, o Homem / Cristo, O Redentor ensinou, visto que a alma individual colhe valor imortal através da sua ligação com Deus, por isso o individualismo religioso e a perceção de indivíduo progridem nesta ótica cristã e durante todo o tempo que antecede a Reforma.

O *Humanismo do Renascimento*, centralizado na regeneração da noção de ser humano, fomenta mutações no próprio conceito de Ética, firmado na dignidade e na pessoa. A dignidade do homem - concepção primordial da Ética - surge como assunto predominante e mesmo elementar no Humanismo. *Pico della Mirandola* (1463 - 1494) explica a dimensão do ser humano, asseverando que o homem não nasce realizado, mas, pelo contrário, desenvolve-se, o que estabelece a sua dignidade.

O Humanismo dos Séculos XV e XVI redescobre a reflexão de *Protágoras*: “O homem é a medida de todas as coisas.” e, neste âmbito, anuncia o movimento de consciência dos Humanistas do Renascimento, que apelidou a sua ensinância de “*Letras de Humanidade*”. A redescoberta da Antiguidade institui uma proveniência para o Humanismo que se ostenta, em parte, como tarefa filológica. Este confessa-se, igualmente, como um vigoroso movimento de regeneração espiritual do ser humano, assim como uma resistência de entusiasmo contra as energias de morte e de fragmentação. O retorno às energias essenciais, o renovamento do indivíduo, a consciência de uma figura superior de “Humanidade”, eis o efetivo conteúdo deste Humanismo, que labora, nos séculos XV e XVI, em proveito da ascensão da ideia de humano.

*Erasmus de Roterdão*, o “Príncipe dos Humanistas”, discerne no objetivo humano dos antigos uma intercessão no sentido de um paradigma superior de “Humanidade” e quanto a Jesus, o Homem / Cristo, O Redentor, incorpora, no seu entender, o ser irrepreensível e exemplar e é através dele a materialização do sonho do homem, que se eleva à filosofia. O exemplo de *Erasmus de Roterdão* determina, outrossim, a diversidade dos assuntos que o Humanismo abarca. Conquanto se socorra do *Modelo Greco-Latino*, também encarna o *Humanismo Cristão e Evangélico*. Porém, *Erasmus de Roterdão* e os Humanistas eram também pedagogos e a partir de então, um ensino reformado revela a finalidade última da “Filosofia Humanista”.

A educação molda, edifica o espírito da individualidade, cria um objetivo independente e concebe uma percepção analítica. A intenção de formar a juventude, a certeza de que a criança e o adolescente são seres distintos dos crescidos, todas estas particularidades complementares do *Humanismo Pedagógico*, marcam um novo limiar na cultura; aquele que esboça a Modernidade.

Devido a *Erasmus de Roterdão*, a *Guillaume Budé* e a tantos outros, cria-se uma reestruturação educativa, aplicada nos colégios, mas também na educação superior. O *Humanismo Pedagógico* destina-se, igualmente, amplamente às mulheres e, em 1574, as “Ursulinas” (exemplo de tal) constroem, em Avinhão, a primeira instituição para aprendizas, numa cidade de língua francesa. Assim, o *Humanismo Pedagógico* do Renascimento possibilita que uma elite feminina tenha

ingresso na cultura, conquanto a marca feminina na filosofia, na ciência e nas artes já tivesse tido momentos áureos no passado, como atesta, de forma exemplar, a figura de *Hipátia de Alexandria* (370 - 415) - filha do filósofo, matemático e astrónomo *Theón de Alexandria* (335 - 405).

*Hipátia de Alexandria* foi, não só o expoente máximo nesta prática de educação, como pioneira na arte de desbravar os espinhosos caminhos do saber, tendo tido um desempenho abissal no ensino da matemática e da filosofia, doando dessa forma, ao porvir, grandes descobertas nestas matérias, bem como na física e na astronomia. Dedicou-se identicamente à poética e ao exercício das artes, destacando-se na Retórica. Quando *Cirilo* (375 - 444) se tornou o novo Bispo de Alexandria (líder dos Parabolanos), *Hipátia de Alexandria* foi chacinada por ordem dele.

Mas o Humanismo, essa crença na energia de uma causa aberta e independente, é também cívico: diz também respeito ao estatuto do cidadão que habita na cidade, particularmente na Florença do século XV, e que, tal como todas as cidades toscanas, desvendam um Humanismo que não pode limitar-se a um simples prodígio literário, mas que privilegia, também, a ambição, a liberdade e o entusiasmo humano que germinam na cidade.

“*Homens livres numa cidade livre*”, eis como se perspetivam, não só os elementos da Academia Florentina, mas, identicamente, toda sua a população.

A convicção na pujança da Razão Política, eis o que o incremento do *Humanismo Toscano* determina. Gera-se e organiza-se um novo *ratio*, que propende para a obtenção da liberdade no universo. Esta nova recriação conceptual, que tem a sua proveniência nesta Itália - terra de cultura pagã -, difunde-se por toda a Europa erudita: em Florença, em Veneza, em Paris, em Oxford, em Cambridge, na Alemanha e na Polónia, onde *Nicolau Copérnico* determina a sua especulação sobre os movimentos planetários.

O *Humanismo Renascentista*, indubitavelmente um prodígio especificamente europeu, institui o alicerce da Europa e delimita, neste espaço, um género de República das Letras.

O advento da Arte pela Arte, autónoma de qualquer Teologia, conceção de que a Arte é uma tomada de atenção sobre toda a realidade humana, tais são as

especificidades do *Humanismo Estético* do Renascimento. Ao valorizar o indivíduo, o *Humanismo do Renascimento* conduz à proeza do espírito e das noções do século XVII, a esses períodos clássicos em que vence a Revolução Científica. Ingressa-se, igualmente, nesses campos ilimitados que, nesse século, se vão tornar em ocasiões categóricas para a edificação do mundo moderno.

O *Humanismo Iluminista* surge, mais tarde, como uma resposta ao dogmatismo religioso que ocorreu no apogeu dos séculos XVI e XVII, tendo como figuras centrais *René Descartes* (1596 - 1650) - considerado o “Fundador da Filosofia e Matemática Modernas” - e que concebeu os alicerces do Racionalismo como a única origem de conhecimento, pois afirmava que só se poderia obter uma verdade absoluta contestando todas as teorias ou ideias pré-existentes e *John Locke* (1632 - 1704), referido como o “Pai do Iluminismo”, que defendia - para além da liberdade dos cidadãos e da condenação do Absolutismo -, que a mente humana era como uma tábua rasa sem nenhuma opinião formada e que o homem obtinha conhecimento com o decorrer do tempo, através do empirismo.

Os autores desta nova forma de cogitar foram encarados como arrojados, dado que as suas heresias conduziam os indivíduos para longe da Igreja e para a iluminação. Após uma longa letargia, esses criadores tiveram como propósito encaminhar o mundo para o progresso, eliminando dessa forma a obscuridade que a Igreja havia inculcado na sociedade durante séculos.

O século XVIII marca, desta maneira, uma nova fase no Humanismo com a solidificação do Iluminismo, o qual tendo os seus primórdios em Inglaterra, com *Thomas More* (1478 - 1535), *Francis Bacon* (1561 - 1626) e *Isaac Newton* (1643 - 1727) e em França, com *René Descartes* (1596 - 1650), atinge o seu pináculo neste último País, através de *François Voltaire* (1694 - 1778), expoente supremo desta época, por via das suas críticas ao clero católico, à inflexibilidade religiosa e ao despotismo dos dominadores. O Iluminismo torna-se essencial, desta forma, por ter investigado bastantes conceitos do Renascimento e, igualmente, por dele terem assomado muitas noções primordiais e relevantes para o Humanismo.

O *Humanismo Religioso*, então, procede de uma cultura ética, do unitarismo e do universalismo e esse entendimento perfilha a convicção de *Immanuel Kant* (1724 - 1804) de que tudo o que era relativo a uma questão ética deveria ser

realizado para o bem do maior número de pessoas e isto porque, segundo *Jacqueline Russ*, “*Embora haja quem reduza Kant a não passar de um porta-voz da Aufklärung, ele realizou, na realidade, uma tarefa de outra amplitude: esboçou o nosso horizonte moderno e mesmo contemporâneo, pois a teoria do primado da razão prática enforma todo o pensamento ético contemporâneo*” (Russ, 1997: 220).

O *Humanismo Secular*, por sua vez, recusa as ideias da Igreja que são fundadas na fé e não em provas concretas. Esta atitude surge com o Racionalismo do século XVIII e, mais tarde, com o Movimento de Livre-Pensamento, desenvolvido no século XIX, porque é assumida a convicção de que a razão podia proporcionar todas as respostas à “Humanidade”.

Tal como os humanistas da Antiguidade, os filósofos do Iluminismo acreditavam na razão do homem, sendo, por esse facto, este movimento cultural igualmente sabido como a Idade da Razão. O seu objetivo foi o de constituir um alicerce moral, religioso e político que ladeasse a razão intemporal do ser humano. O relevo passou a ser aplicado na educação, com a finalidade de se conceber uma geração iluminada que pudesse ensinar e informar as massas, gerando dessa maneira uma sociedade melhor. Com uma melhor educação, atingir-se-ia o fim da miséria e da opressão, pois estas, segundo eles, eram ocasionadas somente pela incultura e pela credence.

No intuito de alcançarem estas metas, os iluministas deste período pugnaram pelos direitos dos indivíduos e do cidadão, o que manifestava uma luta essencial pela liberdade de imprensa, que não existia na época. O direito de uma pessoa expor as suas opiniões tinha que ser assegurado, quer fossem temas de jaez religioso, moral ou político.

Este período tão rico, reinventa o termo “Humanismo” como o,

“[...] «amor geral pela humanidade» [...]: o humanismo alia-se (Condorcet) ao progresso do espírito humano, mas também à crítica dos preconceitos que pervertem a utilização da razão (Voltaire), bem como à confiança no homem natural, à ideia de que o sofrimento e o mal, são gerados por uma sociedade falseada (Rousseau). O Humanismo do Iluminismo refere-se geralmente ao «tribunal da razão», a essa *ratio* crítica que espalha a sua marca pelos fenómenos: designa os esforços de homens que tudo atuam pela razão. Este humanismo é europeu e universalista [... ...]” e “[...] está ligado a uma Europa que tem a vocação do Universal e que encarna «uma grande república dividida em vários Estados» (Voltaire).”

(Russ, 1997: 179,180)

Por estas razões tão significativas, torna-se relevante evidenciar, devido à influência que tiveram na época em que viveram, os contributos de alguns dos mais proeminentes pensadores iluministas do século XVIII:

*Charles Montesquieu* (1689 - 1755) que,

“[...] é sobretudo famoso pela sua teoria da separação dos poderes, admitia que é tendência natural do homem abusar de qualquer parcela de poder que lhe seja confiada e que, por conseguinte, todo governo, seja qual for a sua forma, é suscetível de degenerar em despotismo. A fim de prevenir tais resultados, a autoridade do governo deve ser dividida nos seus três ramos naturais: o poder legislativo, o executivo e o judiciário”.

(Burns, 2005)

*Charles Montesquieu* torna-se conhecido, igualmente, através do seu livro *Cartas Persas* (1721) e por via da sua crítica aos costumes da época. Porém, “[...] é *‘Do Espírito das Leis’* (1748) que vai servir de polo de reflexão à Europa do Iluminismo. Nele, Montesquieu funda a ciência jurídica moderna” (Russ, 1997: 195).

Ainda segundo esta autora:

“Montesquieu radica o direito simultaneamente nas leis eternas inscritas na natureza das coisas e na razão humana. Esta dupla afirmação não esconde qualquer contradição, pois a razão humana encarna, em Montesquieu, estabilidade e eternidade: aproxima-se da natureza humana, visto que nenhuma mudança histórica pode alterar uma ou outra.”

(Russ, 1997: 196)

*François Quesnay* (1694 - 1774), autor do “*Tableau Economique*”, ficou reconhecido como o inspirador dos Fisiocratas, os quais combatiam a doutrina mercantilista.

A sua teoria económica propunha que:

“Um dos [...] grandes objetivos era provar que os empreendimentos naturais como a agricultura, a mineração e a pesca são mais importantes para a prosperidade nacional do que o comércio. [...] e que a natureza era [...] a verdadeira produtora de riquezas, e, por conseguinte, deveriam ser mais prezadas aquelas indústrias que realmente exploram os seus recursos e destes extraem coisas de valor para o homem.”

(Burns, 2005).

Ainda segundo este autor, “*Esta doutrina era concisamente expressa pela pitoresca máxima: Laissez faire et laissez passer, le monde va de lui-même [...]. O ideal do laissez faire não tardou a incorporar outras conceções como a da santidade*

*da propriedade privada e a dos direitos de livre contrato e livre produção*". (Burns, 2005).

*Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778), considerado o "Pai da Democracia" e do "Romantismo", defendava a criação de um Estado Democrático que caucionasse a igualdade jurídica para todos os cidadãos e que o soberano devia governar segundo a vontade do povo. "As mais significativas de suas obras de teoria política são o 'Contrato Social' e o 'Discurso sobre a Origem da Desigualdade'. Defendia, em ambas, a tese em voga de que o homem viveu originalmente no estado natural."* (Burns, 2005).

No campo do Humanismo, *Jean-Jacques Rousseau* chega "[...] à ideia de uma sociedade dos povos da Europa abrangendo toda a Europa, de Leste a Oeste. Pretende promover o tema de uma paz perpétua e universal entre todos os povos da Europa." (Russ, 1997: 180).

*Denis Diderot (1713 - 1784) e Jean Le Rond d'Alembert (1717 - 1783), que, em conjunto, criaram uma enciclopédia que reunia conhecimentos e pensamentos filosóficos da época. "A Enciclopédia, acusada [...] de criar «os fundamentos da irreligião e da incredulidade», não pode assumir abertamente uma posição. Mas Diderot e os seus amigos defendem a ideia do primado dos direitos da razão, infinitamente superior a qualquer revelação e a qualquer fé."* (Russ, 1997: 182).

*Adam Smith (1723 - 1790), tornou-se conhecido com a publicação das suas obras, Teoria dos Sentimentos Morais (1759) e Indagação da Natureza e das Causas da Riqueza das Nações (1776), sendo esta última apreciada "[...] como o mais influente tratado de economia que já se escreveu. Nessa obra asseverava que o trabalho, mais do que a agricultura ou a generosidade da natureza, é a verdadeira fonte de riqueza."* (Burns, 2005).

Ainda que concordasse, em síntese, com "[...] o princípio do *laissez faire*, admitindo que a melhor maneira de promover a prosperidade geral seria permitir que cada um seguisse os seus próprios interesses, era de opinião que certas formas de interferência governamental seriam desejáveis." (Burns, 2005). Neste particular e segundo *Adam Smith*, "O estado deveria intervir para prevenir a injustiça e a opressão, fazer progredir a educação e proteger a saúde pública, bem



*assim como para manter empresas necessárias que o capital privado nunca poderia instalar.” (Burns, 2005).*

Foi este espírito - dos pensadores humanistas do Século das Luzes -, que promoveu mudanças políticas, económicas, filosóficas e sociais, alicerçadas em ideais de liberdade, igualdade e fraternidade (pilares insofismáveis do Humanismo), originando, como corolário, transformações na estrutura social europeia e não só, assim como a consolidação do Humanismo na Europa e no mundo.

#### **4. Humanismo - Do Século XIX ao Século XX**

Se *Immanuel Kant* “[...] acreditava nos direitos naturais do homem e defendia mesmo a separação dos poderes como uma proteção, necessária à liberdade do cidadão. No campo filosófico, porém, distancia-se enormemente do racionalismo do século XVIII” (Burns, 2005) dado que “*Dividia o universo em dois mundos: o reino da natureza física, ou o mundo dos fenómenos, e o reino da realidade última ou o mundo dos números.*” (Burns, 2005).

Já os seus discípulos mais diretos, *Johann Gottlieb Fichte* (1762 - 1814) e *Friedrich Schelling* (1775 - 1854), inclinaram-se, genericamente, para uma filosofia mais abstrata e metafísica. “*Ambos pensavam que o mundo da mente ou do espírito é o mundo real e que o indivíduo só realiza a sua verdadeira natureza pondo-se em harmonia com os fins universais.*” (Burns, 2005). Daí que, a filosofia de *Johann Gottlieb Fichte* e *Friedrich Schelling* tenha evoluído para uma “[...] espécie de panteísmo espiritual, com um espírito do mundo a dirigir toda a vida e toda a atividade para uma meta final de sublime perfeição.” (Burns, 2005). Para *Johann Gottlieb Fichte* o Idealismo Subjetivo condena a teoria das “coisas em si”.

O ponto de partida do seu sistema, a que chama Doutrina Científica, é a consciência, ou “eu”. No fundo é a consciência habitual do homem, mas para este filósofo ela assoma-se como autónoma, isolada daquele e transformada numa entidade absoluta. Este autor defende que todo o mundo exterior - o “não eu” -, é o corolário da atividade inventiva do “eu”; para *Friedrich Schelling*, a natureza é a consequência da consciência, contudo não do “eu” subjetivo da razão humana. É o resultado do espírito universal absoluto, daí que se exteriorize como um espírito

em organização, ou seja, em progresso. A natureza representa uma etapa da evolução do espírito absoluto. Como efeito desse avanço, o espírito absoluto, na sua evolução inconsciente, obtém a autoconsciência. Se estes dois vultos da filosofia alemã foram relevantes, é *Georg Hegel* (1770 - 1831), o mais ilustre Filósofo Idealista da Alemanha, que origina de maneira notável, através do seu pensamento, a confluência entre todas as filosofias antecedentes. Neste contexto, “O projeto filosófico hegeliano consiste em pensar a conexão interna entre um e outro [Natureza e Espírito] <sup>11</sup>, de modo a conseguir elaborar uma teoria unitária, total e fechada sobre toda a realidade.” (Cordón e Martínez, 2014: 430), ou seja, o Idealismo Absoluto de *Georg Hegel* defende que este é a verdade plena do ser. A união deste conceito com a realidade é a asserção de que toda a realidade é uma ideia.

O que é real (ou Realidade) “É” a ideia, mas não em sentido subjetivo ou individual; “É”, tão-somente, em sentido absoluto. Para *Georg Hegel* tudo que se encontra abaixo da Metafísica, isto é, o concreto e o corpóreo são apenas ilusões, mas que devem ser considerados e a partir desta concepção, o filósofo gerou uma espécie de Monismo, onde a Essência e o Fenómeno originam uma coisa una e, por esse facto, o seu Idealismo é Absoluto pois abrange tanto o interior, como o exterior, de qualquer coisa ou ser.

Contudo, a sua filosofia - que examina as questões e os problemas religiosos, políticos e sociais do período histórico que viveu -, é, similarmente, assaz ambígua e esta característica, em termos interpretativos, não só possibilita a “[...] consolidação e manutenção da religião e da teologia, [mas] também como justificação «ideológica» do poder autoritário e Estado «fascista»; e, por outro, como a negação da religião e de Deus; [o que], proporciona um «motor de transformação» da ordem política e social vigente.” (Cordón e Martínez, 2014: 456).

Neste âmbito, o Marxismo, através de *Karl Marx* (1818 - 1883), inicialmente ligado à apelidada esquerda hegeliana, diferencia o Idealismo Absoluto de *Georg*

---

<sup>11</sup> “[...] a filosofia de Hegel propõe-se pensar a relação entre os dois grandes e fundamentais conceitos postos em evidência pela tradição filosófica anterior: natureza e espírito. O primeiro, principal objeto de investigação por parte da filosofia grega; o segundo, descoberta do cristianismo sobre o qual se apoiou e em torno do qual girou especialmente a filosofia moderna (a partir de Descartes), sob o nome de consciência ou subjetividade.” (Cordón e Martínez, 2014: 411,429,430).

*Hegel* do seu Método Dialético <sup>12</sup>, o qual sugere que num conflito de opostos surge um novo estágio, uma nova realidade e que o mundo evolui pela síntese dos opostos <sup>13</sup>, o que origina que, no *Humanismo Marxista*, o homem é, antes de tudo o mais, parte da natureza, desfrutando, todavia, de uma particularidade que lhe é peculiar, a consciência que se exterioriza por via do conhecimento.

De igual forma, *Auguste Comte* (1798 - 1857) renova o racionalismo hegeliano e concebe a ideia de espírito objetivo, através da corrente filosófica que gerou - o *Positivismo* -, a qual defendia o pensamento científico destacando-o como única forma de progresso, o que ainda hoje domina as nossas vidas e que tem como suporte essencial a concepção de que a filosofia deve ser real e não imaterial, ou seja, que deve resolver casos concretos.

Segundo esta sua ideia, os saberes científicos passaram, ao longo da história, por três etapas ou condições - da mesma maneira que sucede com os atores sociais durante as suas vidas -, a apelidada “Lei dos Três Estados”: Estado Teológico ou Fictício, Estado Metafísico ou Abstrato e Estado Positivo.

Neste contexto, o progresso da sociedade encontrava-se assente no mesmo delineamento tripartido: num primeiro momento a sociedade é principalmente subjugada por militares, posteriormente por legislativos e, finalmente, pela indústria e economia, por essa razão, esta novel forma de interpretar a sociedade de então, assim como os modelos de governação que foram surgindo, serviu de inspiração para a génese de muitas Constituições, que subsistem ainda hoje, e para a concepção dos alicerces da Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas, de 10 de Dezembro de 1948. Se houve propósito que dominasse toda a

---

<sup>12</sup> “A dialética é a história do espírito, das contradições do pensamento que ela repassa ao ir da afirmação à negação. [... ..]. Esta contradição não é apenas do pensamento, mas da realidade, já que ser e pensamento são idênticos. Esta é a proposição da dialética como método a partir de Hegel. Tudo se desenvolve pela oposição dos contrários: filosofia, arte, ciência e religião são vivos devido a esta dialética. Então, tudo está em processo de constante devir”. In, “O Dia da Terra - Em Defesa do Meio Ambiente” [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://dia-da-terra.blogspot.pt/2011/07/dialeticatese-antitese-e-sintese.html> (Consultado em 20/12/2016).

<sup>13</sup> “Costuma caracterizar-se a estrutura e essência da dialética, recorrendo às palavras «tese», «antítese» e «síntese», como três passos sucessivos nos quais se cumpre a dialética. No entanto, já Hegel prevenira contra o grave e constante risco de entender esta trilogia de um modo abstrato e formalista, com a conseqüente desvirtuação da sua natureza. Muiíssimo mais hegeliano é pensar a dialética como um todo estrutural complexo, constituído por três momentos ou aspetos que Hegel denomina: a) o aspeto «abstrato ou intelectual»; b) o momento «dialético ou negativo-racional»; c) o aspeto «especulativo ou positivo racional» [...].” (Cordón e Martínez, 2014: 440).

filosofia de *Auguste Comte*, foi o de procurar encontrar os melhores meios para aperfeiçoar as relações humanas e, nesta vertente humanística, acreditava que:

“O grande objetivo de todo ensino social deveria ser o de promover a supremacia do altruísmo (palavra inventada por Comte) sobre o egoísmo. Na convicção de que tal finalidade só poderia ser alcançada por meio de um apelo ao sentimento do amor e do sacrifício pessoal, Comte desenvolveu o que ele chamava a religião da Humanidade, a qual deveria unir os homens numa devoção comum à justiça, à caridade e à benevolência.”

(Burns, 2005)

Conquanto tenha sido escarnecida pelos seus opositores como "*um catolicismo sem cristandade*", a religião que concebeu representa uma tentativa de erigir um sistema de crença com o desígnio de promover o progresso social (Burns, 2005) e de colocar o Homem no centro das atenções. É, portanto, uma forma de Humanismo.

Por sua vez, para o *Existencialismo* - *Soren Kierkegaard* (1813 - 1855) é, geralmente, considerado o seu precursor -, “[...] o ponto de partida do indivíduo é caracterizado pelo que se tem designado por "atitude existencial", ou seja, uma sensação de desorientação e confusão face a um mundo aparentemente sem sentido e absurdo.” (Solomon, 1974: 1,2).

No campo do Humanismo, os Existencialistas, com a sua rejeição do Racionalismo e do Empirismo, centram a sua filosofia na experiência humana, especialmente tal como ela é comunicada através da linguagem e esta é o modo como o homem exprime as suas experiências do mundo e, para o compreendermos, temos de perceber o que se relata sobre a realidade. *Jaqueline Russ* revela-nos, com particular acuidade, o que *Jean-Paul Sartre* defende ...

“Um humanismo sem essência humana, eis o que nos propõe Jean-Paul Sartre, ao teorizar um humanismo inseparável do ateísmo. Deus, ausente, não nos concede natureza. Nem criatura de Deus nem representante de uma natureza humana, o homem define-se pela sua existência, pela sua liberdade e pelos seus valores, únicos conteúdos do «humanismo existencialista», que implica a morte de Deus”.

(Russ, 1997: 297)

O *Existencialismo*, inspirado nas obras de *Arthur Schopenhauer* (1788 - 1860), *Soren Kierkegaard* (1813 - 1855), *Fiódor Dostoiévski* (1821 - 1881) e nos filósofos *Friedrich Nietzsche* (1844 - 1900), *Edmund Husserl* (1859 - 1938), *Karl Jaspers* (1883 - 1969), *Martin Heidegger* (1889 - 1976), *Gabriel Honoré*

*Marcel* (1889 - 1973), foi especialmente generalizado em meados do século XX através das obras de *Jean-Paul Sartre* (1905 - 1980), da sua companheira *Simone de Beauvoir* (1908 - 1986), de *Albert Camus* (1913 - 1960) e de *Boris Vian* (1920 - 1959).

Entretanto, consolida-se, com alteado vigor e relevante influência no mundo, em consequência das mutações que o Iluminismo originou, o *Movimento Modernista*, o qual ocasionou uma profunda mudança, não só no campo cultural, como social, político, religioso e económico.

Segundo *Laura Bettencourt Pires*, na sua obra *Teorias da Cultura* (2004a), a denominação *Modernismo* “[...] pode ser usada para descrever movimentos de arte da era moderna, como impressionismo, arte pela arte, surrealismo e movimento vanguardista”. Já o conceito de *Modernidade* pode ser entendido como “[...] um longo período de mudança histórica, alimentado por um desenvolvimento científico e tecnológico e dominado pela propagação extensiva por todo o mundo e no espírito dos homens da economia capitalista de mercado.”

Sobre esta última noção, a autora elucida-nos que ...

“O conceito de modernidade nasce quando, no fim do Romantismo, se começou a sentir insatisfação com as reações ao classicismo e, segundo a tradição, foi Baudelaire quem utilizou pela primeira vez a palavra. Com efeito, foi nas últimas décadas do século XIX que o termo começou a ser reabilitado e passou a ter ainda mais aceitação e legitimidade a partir de 1920. Na Igreja Católica, houve um debate teológico no final do século XIX e o uso do vocábulo veio a ser condenado por Pio X. Talvez por isso, em Itália, teve uma conotação pejorativa, tendo Marinetti e os outros futuristas feito uma caricatura da modernidade. Em 1890, na América do Sul, o termo El Modernismo, significava independência cultural. Nos países de língua inglesa, o termo adquiriu o significado de progresso, mudança revolucionária e mesmo de socialismo.”

(Pires, 2004a: 2)

Afirma, ainda, que ...

“A Modernidade é um longo período de mudança histórica, alimentado por um desenvolvimento científico e tecnológico e dominado pela propagação extensiva por todo o mundo e no espírito dos homens da economia capitalista de mercado. Pode dizer-se que ainda não chegou ao fim, havendo quem veja o pós-modernismo como uma variante do modernismo, facto que, no fundo, implica a existência de entusiasmo por alguns aspetos da modernidade.”

(Pires, 2004a: 3)

E isto porque se tratou de ...

“[...] uma época que é frequentemente definida como um período histórico da cultura ocidental que teve a sua origem no Iluminismo no fim do século XVIII. Há, contudo, muitos discursos de modernidade e o termo refere-se a uma variedade de transformações económicas, políticas, sociais e culturais. A modernidade, tal como foi teorizada por Marx, Weber e outros pensadores, é um termo histórico periodizante que se refere à época que se seguiu à Idade Média ou ao feudalismo. Opõe-se às sociedades tradicionais e caracteriza-se pela sua inovação, dinamismo e novidade.”

(Pires, 2004a: 3)

No que concerne ao Humanismo *per se*, o *Movimento Modernista* traz-nos novas correntes, mormente o *Humanismo Logosófico*, que tenta inculcar no ser humano a execução de um processo de desenvolvimento que o leve a aprimorar os seus atributos até atingir a mestria da sua condição humana; o *Humanismo Universalista*, que encerra em si, como um dos primordiais valores - ser internacionalista -, a ambição de ser criada uma comunidade humana mundial, que não seja, todavia, amorfa; anela isso sim, um universo humano variado e interativo, composto por todas as etnias, línguas e costumes existentes, assim como pelas mais diversas convicções, desde o agnosticismo até à religiosidade.

Antagonicamente, contudo, o *Modernismo* testemunha o surgimento do “[...] sofrimento e miséria para as suas vítimas, que vão dos camponeses, do proletariado e dos artesãos oprimidos pela industrialização capitalista até à exclusão das mulheres da esfera pública e ao genocídio da colonização imperialista.” (Pires, 2004a: 11). Esta época originou, identicamente, “[...] um conjunto de instituições, práticas e discursos que legitimam os seus modos de domínio e de controle.” (Pires, 2004a: 11).

Este é um período que sofre as consequências funestas da chamada segunda revolução industrial, que tem o seu advento cerca de 1850 e termina em 1945 durante a segunda guerra mundial. Neste espaço de tempo, a “Humanidade” vive, de forma impotente, ao desenrolar dos mais ignóbeis acontecimentos (guerras, revoluções, sistemas políticos totalitários, destruição, fome e miséria).

No que alude ao século XX, o início desta centúria sofreu profundas mudanças, tendo vivido uma grave crise onde ocorreu a desagregação, ou extinção de muitos valores. Neste intervalo, a *Modernidade* agudiza-se nas suas manifestações e os artistas, de então, respondem à descrença social, assinalada por uma propensão para não acatar os deveres ou não adotar as regras morais com base em desculpas acidentais, através do ataque cultural, do escárnio, da

ação desinteressada das vontades pessoais e da pesquisa - em alguns momentos de forma esclarecida e preocupada no que respeitava às áreas intactas e indeterminadas do inconsciente, noutras, por via da entrega à obra das sensibilidades, à dimensão desumana das máquinas e da técnica ou da existência comunitária nas cidades. No proêmio do século XX as minorias criativas exteriorizaram-se através de ímpetos que conduziram à segmentação das variadas ordens imperantes. Os movimentos que ousaram estas proezas destruíram, com o seu denodo, as defesas envelhecidas das classes obsoletas e tentaram desvendar um novo mundo através da reinvenção da linguagem estética.

Em resposta ao *Movimento Modernista* sobrevém o *Pós-Modernismo*, designação que ...

“[...] começou a ser usado a partir de 1960 em referência a estratégias anti modernistas na arquitetura, na arte e na crítica literária. Porém, em filosofia e teoria cultural, "pós-modernismo" não foi, praticamente, utilizado antes de 1980 e surge ligado às obras de pensadores franceses, tais como Baudrillard, Deleuze, Derrida, Foucault e Lyotard.”

(Pires, 2004b: 1,2).

Esta novel cosmovisão que se justapõe a todas as outras óticas do universo coloca em causa as interpretações tradicionais de verdade, estrutura e realidade. Move o centro do discurso para os subúrbios da paixão e da subjetividade humana e fortalece a certeza de que a crença da *Modernidade* no progresso e o seu pendor para as meta-narrativas universalistas são exemplo de uma construção redutora da realidade. Esta consciência de que não há uma verdade concreta fica cada vez mais fortificada. Assiste-se a uma modificação na conspeção do cosmos, que equivale a um trânsito do *Moderno* para o *Pós-Moderno*.

Neste contexto, o *Pós-Modernismo* recusa a percepção de que a realidade faz sentido e circunscreve qualquer estruturação a prenoções particulares ou culturais.

A razão, durante muito tempo coisificada e concebida como uma substância superior, fica doravante, sujeita à máxima vigilância. As descobertas científicas surgidas no decurso deste século, destruíram as certezas do século anterior.

É neste espetro e ambiência global, que emerge, evolui e continua a desenvolver-se o *Pós-Modernismo*, corolário natural do *Modernismo* e tanto um,

como o outro, estão associados a movimentos estéticos e intelectuais, tal como sucedeu na arquitetura e na literatura, assim como a *Modernidade* e *Pós-Modernidade* tendem a ser usadas em referência a mudanças nas condições sociais e económicas. A *Pós-Modernidade*, em princípio, refere-se a um período de tempo e o *Pós-Modernismo* a uma ideologia distinta que corresponde a uma situação complexa e ambígua.

Segundo *François Lyotard* (1924 - 1998), a *Modernidade* caracteriza-se pela ruína dos mitos fundadores particularistas e pela emergência do Racionalismo Universalista, a partir do Século das Luzes. Este Racionalismo construiu grandes narrativas explicativas, tendo como pano de fundo a promessa da emancipação do homem graças à ciência.

O ápice *Pós-Moderno* é aquele em que essas metanarrativas, cujo exemplo mais recente talvez seja o marxismo, acabam por perder a legitimidade, dado serem interpretações teóricas de aplicação universal. A interpretação *Pós-Modernista* toleraria que houvesse uma mundividência desde que ela não fosse considerada universal na sua aplicação.

O propósito do *Pós-Modernismo* seria não apenas rejeitar as metanarrativas, mas também a crença generalizada na sua coerência. O *Pós-Modernismo* critica ou desconstrói as várias mundividências de forma a provar que nenhuma delas é mais verdadeira do que a outra. Para os pensadores desta corrente, não existem verdades absolutas e não pretendem construir um modelo ou paradigma que ordene a realidade. Criticam, por isso, o projeto do Iluminismo, cujo intento era descobrir, popularizar e aplicar universalmente, princípios compreendidos através da razão.

O vocábulo *Pós-Modernidade* descreve mudanças culturais ocorridas em todo o mundo pós-industrial e numa tentativa de usar o termo com alguma precisão pode dizer-se que, em princípio, ele corresponde ao abandono e à crítica do projeto do Iluminismo. Trata-se de um período de transição, de transmutação e corresponde-lhe a construção de uma teoria cultural, social e filosófica recente que desfaz as divisões cartográficas da *Modernidade*, que tinham sido artificialmente construídas e legitimadas em discursos e narrativas ideológicas patentes, por exemplo, nas noções de Estado-Nação, fronteiras nacionais, disciplinas



acadêmicas e formas de cultura hierarquizadas. Para iluminar a dinâmica deste momento crucial, requer-se uma estrutura transdisciplinar e perspectivas múltiplas em que se abandonam as premissas e as atuações da teoria moderna e se vai ao encontro das teorias emergentes.

No alvor da década de 60 (século XX), o horizonte do pensamento a nível global altera-se, tanto nas ciências humanas, como na filosofia. Sendo a época do *Pós-Modernismo* e o tempo do ator social independente, da pessoa incógnita, muito apartada do indivíduo que consegue a liberdade, estas novéis formas de pensar e entender o homem em si, vieram causar novos entendimentos e, neste contexto, este período é assinalado pela diversidade de representações do ser humano, ressurgindo o *Essencialismo* e, ulteriormente, o *Construcionismo*.

O *Essencialismo* descreve a propensão do pensamento que procura conhecer o âmago da realidade a partir de uma natureza primária - a essência -, e surge em sequência da segmentação do real em essência e existência: a primeira é o que continua sempre fiel a si mesma, uma natureza não criada e nem perecedoura, que forma o imo modelar, fundamental e geral, da realidade factual; a segunda revela a composição verdadeira, a manifestação concreta dos *entes*, a razão de eles serem. O *Essencialismo* mistura-se na própria memória metafísica, ontológica e idealista, da filosofia ocidental, que tem no espírito de *Platão* e *Aristóteles* a sua origem, em *René Descartes* e *Immanuel Kant*, a sua argumentação e em *Georg Hegel* a sua conclusão mais realizada.

O *Pós-Modernismo* opõe-se ao *Essencialismo*, mas, similarmente, resiste às metanarrativas, à razão universal e às culturas não-pluralistas e essas conspeções provavelmente são fundamentais. Apesar de tudo, o anti-essencialismo pós-modernista certamente merece crédito. Persistem, com efeito, usos redutores, supostamente eternizantes, violentamente homogeneizantes do conceito de essência que originaram particular prejuízo nas áreas da etnicidade e do género.

O *Construcionismo Social* ou a *Construção Social da Realidade* é uma teoria do conhecimento em Sociologia e Teoria da Comunicação, que analisa o desenvolvimento de entendimentos sobre o universo, arquitetados em conjunto. Assume-se que a percepção, significação e sentido são desenvolvidos,

não isoladamente dentro do sujeito, mas em coordenação com outros seres humanos. As construções sociais são os subprodutos de incontáveis dileções humanas, ao invés de leis derivadas de crítica humana, neste âmbito, o *Construcionismo Social* não é o desfecho de anti-determinismo, todavia, é vulgarmente colocado em contraposição ao *Essencialismo* que vê, “em termos de fenómenos inerentes e transitórios, essências independentes do julgamento humano” (Burr, 1997). Embora a introdução, exata, do *Construcionismo Social* seja incerta, é usualmente considerado que, no âmbito da teoria social, este paradigma emergiu na década de 80 (século XX), tendo-se difundido na década de 90. O *Construcionismo Social* pode designar muitas coisas para diferentes autores. No caso de *Ian Hacking* (1936 - ...), quando se refere a esta corrente de pensamento, argumenta que:

“[...] por **construcionismo** (ou construcionismo social, se necessitarmos, ocasionalmente, de enfatizar o social), quero referir-me a vários projetos sociológicos, históricos e filosóficos que visam apresentar ou analisar interações sociais reais, historicamente situadas, ou percursos causais que estiveram envolvidos ou conduziram à criação ou enraizamento de alguma entidade ou facto presente.”<sup>14</sup>

(Hacking, 1999: 48)

*Ian Hacking* ajunta, ainda, que posteriores asserções, por exemplo, no âmbito de *estudos gays*, *estudos culturais* e *estudos multiculturais*, são, igualmente e muitas vezes (apesar de nem sempre), subentendidas no uso da expressão “*construção social*”. Neste encadeamento, o argumento de que o género é socialmente traçado, presumivelmente designa que o género, como presentemente percebido, não é um efeito forçoso da biologia, mas grandemente dependente de processos sociais e históricos. Além disso, dependendo do pensador que está a efectuar a declaração, isso pode indicar que o nosso entendimento atual sobre o género é nocivo e deve ser alterado ou suprimido, dentro do possível.

Noutra perspetiva, a *Teoria Pós-Modernista*, nomeadamente de *Michel Foucault* (1926 - 1984), veio aduzir bastante às perceções bosquejadas pelos Iluministas e instituiu a pedra angular de toda a edificação teórica do *Construcionismo*, aliás, os seus livros sobre a *História da Sexualidade* (4

---

<sup>14</sup> Tradução do autor.

volumes) tornam o pensamento deste filósofo uma raiz importante na constituição da abordagem construcionista.

É bem verdade que se pode estabelecer o aparecimento da *Noção Construcionista* a partir do desenvolvimento das pesquisas sobre género, sexualidade, etnicidade e identidade a partir da década de 80 (século XX) e com particular evidência a partir da expansão dos intitulados estudos gays, estudos culturais e do *Multiculturalismo*, conquanto não seja nítida, igualmente, a utilização do vocábulo *Construcionismo* entre os seus autores. A hipótese da construção social da realidade tem sido justaposta a variados assuntos de investigação e originado um levantamento de documentos e análises dispersas, etc., o que torna exequível considerar que o uso do termo *Construcionismo* encaixa de forma decisiva nas ciências humanas, contudo, os construcionistas sociais “[...] *veem o género não como uma característica do indivíduo - como os essencialistas fazem - mas como um processo que lhe é externo*”.<sup>15</sup> Ainda segundo a ótica desta linha de pensamento, “*O género é definido pelas interações entre as pessoas, pela linguagem e pelo discurso de uma cultura*”.<sup>16</sup> Assim, os construcionistas sociais alegam que “[...] *não existem essências verdadeiras, mas que a realidade é socialmente construída, e, por isso, os fenómenos são construções sociais, produto de uma cultura particular, língua e instituições*” (DeLamater and Hyde 15-6).<sup>17</sup> Por se tratar de uma teoria anti-essencialista e por entender o ser humano como um produto do meio onde está inserido, o *Construcionismo* é, igualmente, uma doutrina anti-humanista.

Relevante referir que, no final da década de 70 do século passado, o *Pós-Colonialismo* tornou-se parte dos recursos dos críticos e este movimento passa por ser uma teoria que examina e disseca as consequências políticas, societárias, culturais e filosóficas do *Colonialismo*, mormente nos Países colonizados e trata-se

---

<sup>15</sup> Essencialismo e Construcionismo na Ficção Utópica de Charlotte Perkins Gilman - Herland e With Her in Ourland. Texto de Fátima Sousa. In, Dossier: Em Defesa da Utopia - Págs. 83 a 98 (2008) [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5175.pdf> (Consultado em 28/12/2016).

<sup>16</sup> Essencialismo e Construcionismo na Ficção Utópica de Charlotte Perkins Gilman - Herland e With Her in Ourland. Texto de Fátima Sousa. In, Dossier: Em Defesa da Utopia - Págs. 83 a 98 (2008) [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5175.pdf> (Consultado em 28/12/2016).

<sup>17</sup> Idem.

de um termo que foi profusamente usado pelos historiadores a seguir à 2ª. Guerra Mundial, no intento de se referirem ao período do *Pós-Colonialismo*. Neste contexto, a situação pós-colonial reporta-se especialmente ao ciclo histórico pós-independência dos Países colonizados.

Numa primeira instância e com um atributo fortemente político, esta teoria pós-colonial, rapidamente parte para o debate das consequências culturais nas sociedades, atualmente soberanas. Temas relacionados com a identidade e com a representação passam a ocupar uma meditação contínua sobre a arte e a cultura desses Países. Aproveitado de diversas maneiras, o *Pós-Colonialismo* tanto se refere à análise dos danos do *Colonialismo* europeu, como às réplicas de resistência dos povos colonizados. Subsiste ainda a apreensão, por parte dos investigadores dos Países do denominado Terceiro Mundo, sobre a herança política, económica, social, cultural e filosófica do *Colonialismo*, atendendo à relevância do legado deixado após séculos de presença. Esta corrente de pensamento tem bastante importância na época em que surge, dado que, no que concerne ao Humanismo, se torna uma voz que denuncia o domínio, a aculturação e assimilação que o *Colonialismo* provocou nas sociedades colonizadas.

Os temas relacionados com a língua, a estrutura política e as formas estéticas essenciais, perduram como estruturas da experiência de qualquer sociedade colonizada e, nesta circunstância, a conceção de aculturação é sobrepujada pela perceção de história cumulativa. A partir do *Orientalismo*, teoria fundadora do próprio *Pós-Colonialismo*, *Edward Said* expõe-nos uma estrutura da representação durante o *Colonialismo*: as sociedades colonizadas eram rececionadas como “[...] *um todo*, o *Oriente*, que é o *outro*, o *diferente*, o *exótico*, o *desconhecido*.” (Said, 1990).

Em seguimento do que já foi aludido anteriormente, numa fase tardia do século XX (últimas 3 décadas), ressurgiu com mais intensidade o *Humanismo Secular* - corrente que surgiu com o Racionalismo do século XVIII e, mais tarde, com o Movimento de Livre-Pensamento -, igualmente sabido por *Humanismo Laico*, o qual se centraliza nos assuntos humanos e utiliza métodos racionais e científicos para analisar e resolver assuntos essenciais que afetam a sociedade global. Ao mesmo tempo que o *Humanismo Secular* é hostil às teorias

religiosas, sustentadas na fé, para resolver a maior da parte das situações, consagra-se, todavia, à evolução do ser humano e da humanidade em geral. Para granjear este propósito, estimula a devoção a um conjunto de preceitos que incentivam ao desenvolvimento da tolerância, da compaixão, do entendimento dos processos que a ciência emprega, da análise crítica e da reflexão filosófica <sup>18</sup>. Entre os Humanistas Seculares mais conhecidos, podem-se realçar: *Carl Sagan; Frank Zappa; Bertrand Russell; Andrei Sakharov; Steve Allen; Sanal Edamaruku; Isaac Asimov; John Lennon; Martin Luther King; Mahatma Gandhi; Julia Kristeva*.

Fica-nos na ideia, após esta breve viagem pelas mais diversas e relevantes correntes filosóficas que têm sustentado o paradigma humanista (até meados do século XX), que, conforme as sociedades evoluem e outro género de problemas surdem, novos conceitos alteram a ideia de Humanismo, chegando mesmo ao ponto de o colocar em perigo. É esse trajeto que, nos capítulos que se seguem, se irá percorrer.

---

<sup>18</sup> Breve Introdução à História do Humanismo. In, Humanismo Secular Portugal. Texto de Miguel Duarte, 2002 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.humanismosecular.org/historia-humanismo> (Consultado em 29/12/2016).

## **CAPÍTULO II - Secundarização do Humanismo na Europa, a partir do Século XX e respetiva repercussão no Mundo**

Após a análise desenvolvida até ao momento, em que se procuraram encontrar as origens mais remotas do Humanismo, onde se tentou aclarar, com a acuidade exequível, uma das suas possíveis interpretações, assim como a sua evolução até ao pretérito século, quem ambicionar entregar-se a uma análise mais refletida sobre o que hodiernamente ocorre na Europa e no mundo em geral, principalmente no que se relaciona com o comportamento humano atual e com os infaustos incidentes que acontecem diariamente, reportando para plano secundário a essência humanística de antanho, necessitará, infalivelmente, examinar as causas mais proeminentes que conduziram a “Humanidade” à incivilidade que hoje se vive.

Outras circunstâncias, subjacentes e/ou acessórias (como efeito das mais relevantes), agudizaram este estado de coisas, e muitos pensadores - nas mais distintas áreas do conhecimento -, defenderão com sagacidade que, tanto as mais representativas, como as que se desenvolveram em sequência delas, terão tido o seu começo a partir das últimas décadas do século XX, altura em que, nas suas perspetivas, tudo se transformou para pior e sustentarão a sua argumentação com factos bem entretecidos e quási que inatacáveis, assim como outros investigadores remeterão estas mutações estruturais para tempos mais remotos e defenderão a sua opinião de maneira inflamada e bem estruturada.

Na ótica que se defende no presente trabalho, subsiste a ideia de que tudo se começou a transmutar no início da vigésima centúria, ápice em que inúmeros eventos de carácter político, económico, laboral, social, étnico, religioso, cultural, além de científico-tecnológico, sobrevieram como corolário do choque entre dois movimentos intelectuais (*Modernismo versus Pós-Modernismo*), originando, por essa razão, dez fatores primordiais na Europa, os quais tiveram repercussões negativas no espaço europeu, difundindo-se, ulteriormente, no orbe terrestre.

Insiste-se na opinião de que outros estudiosos terão um constructo diferente a propósito do que acima se defende e que ocorreram no século XX e nas quase duas décadas do século XXI que neste ínterim aconteceram, assim como das suas

origens, todavia, esta é a linha de pensamento que norteia este estudo e assim seguirá.

Se o século XX causou, com todos os seus obstáculos e antinomias, devastações incompreensíveis e, paradoxalmente, avanços extraordinários em diversas áreas, já em pleno século XXI - em especial a partir de 11 de Setembro de 2001 - e considerando a preservação e agudização dos problemas críticos que as situações nocivas sucedidas no século anterior geraram, essas circunstâncias provocaram um dos maiores anátemas da história humana que, devido ao seu poder aniquilador, alterou irreversivelmente o comportamento dos seres humanos, a confiança destes num porvir pacífico e próspero e, com tamanho temor em suas mentes perante a contingência de esta realidade se consumir num pesadelo distópico, desvirtuou e secundarizou a essência do Humanismo, transformando estes atores sociais em meros títeres alucinados e dependentes de um sistema cruel que não se compadece com as suas necessidades elementares e em seres cada vez mais individualistas e egocêntricos, para além de ter transvertido o planeta num espaço de experiências perniciosas, que cada vez mais o destroem.

Todas estas sequelas têm cabimento neste proscénio internacional, em resultado de uma xenofobia que se universalizou velozmente, de um racismo que ganha, de novo, mais espaço para atuar, de um nacionalismo cada vez mais acerado, de um segregacionismo inconcebível, de uma intolerância religiosa ininteligível, de um populismo negativo e de uma demagogia impudente que ganham terreno celeremente entre os povos descontentes, com modelos ideológicos e de governação esgotados e com o laxismo dos políticos que governam o mundo, cujas reputações se encontram desacreditadas de forma radical por causa das atitudes imorais, corruptas e polémicas que defendam, assim como pela ingerência económica na soberania dos Países por parte de um capitalismo desorganizado e desmedido, que passou a dominar o destino de tudo e todos.

*Rondo Cameron* argumenta, a propósito das grandes mudanças que se operaram no mundo, em particular na área económica e laboral, que,

“Há algumas centenas de anos, [...] a produtividade agrícola começou a aumentar, a princípio lentamente e depois com mais rapidez. Ao aumentar, começaram a ser

necessários menos trabalhadores para a produção de bens de subsistência e mais pessoas puderam ser dispensadas para outras atividades produtivas. Assim se iniciou o processo de industrialização, que se estendeu desde o fim da Idade Média até meados do século XX (na Europa Ocidental e na América do Norte; e ainda continua em muito do resto do mundo). A proporção da mão-de-obra que se dedicava à agricultura caiu de 80 ou 90 por cento do total para menos de 50 por cento no fim do século XIX nas nações industriais mais avançadas, e, mais recentemente, para menos de 10 por cento. Concomitantemente, a proporção do rendimento total, ou PNB, com origem na agricultura também caiu, se bem que em termos absolutos o valor total da produção agrícola tenha aumentado de várias formas.”

(Cameron, 2004: 33)

Este acentuadíssimo decréscimo da mão de obra rural originou inúmeras consequências que o mesmo autor descreve de seguida:

“[O] sector secundário subiu, embora não na mesma proporção; tipicamente, em nações altamente industrializadas, a indústria e ocupações afins empregam entre 30 a 50 por cento da mão-de-obra, sendo o restante dividido entre os sectores primário e terciário. Como a quota da mão-de-obra no sector secundário subiu, o mesmo aconteceu com o rendimento originado naquele sector. Os processos geminados de mudança nas proporções da mão-de-obra empregada e do rendimento com origem nos dois sectores são importantes exemplos de *mudança estrutural* na economia. Desde aproximadamente 1950, as economias mais avançadas sofreram uma *nova mudança estrutural*, do sector secundário para o sector terciário.

(Cameron, 2004: 34)

Face a esta mudança estrutural que *Rondo Cameron* expõe, presentemente vivemos uma outra que tem implicações muito mais marcantes e que passam, segundo ele, por “*Mudanças na tecnologia, com produtividade acrescida, [que causam] outras mudanças económicas, como o aumento de novas indústrias e o declínio de antigas ou a mudança de produção duma área geográfica para outra. Os preços de bens e serviços são determinados pela interação de oferta e procura [...].*” (Cameron, 2004: 34). Contudo, não é somente esta mudança estrutural que produz enorme labilidade nos mercados internacionais, bem como na vida social global, o que provoca descontentamento generalizado e movimentos de revolta.

Outros fatores, bastante alarmantes e decisivos, têm igualmente elevado o seu predomínio e é sobre eles que se irá discorrer.

## **1. Dez Fatores Cruciais que Transformaram a Europa e o Mundo no Século XX e Começo do Século XXI**

Através dos tempos, a História Universal registou, nas suas páginas,



aviltantes acontecimentos por causa da intervenção direta do homem ou da natureza, assim como destacou nelas o ressurgimento do ser humano, qual Fénix, devido à sua indómita verve e à sua idiossincrasia irrefreável, pois este sempre teve a alteada capacidade para sobrepujar adversidades sombrias, conceber novos espaços civilizacionais e, em resultado dos mesmos, novéis formas de cogitar, de recomeçar, de viver e de progredir.

Se, fugazmente, analisarmos os períodos históricos que antecederam os tempos atuais - a evolução da Idade Média para o Renascimento; a passagem desta época para o Iluminismo; a transmutação deste movimento cultural e o surgimento da Modernidade, etc. -, apuramos que, nos momentos de transição dos mesmos, se verificaram, entre muitas outras causas, a eclosão de guerras, o extermínio de populações inteiras, de doenças, de fome e miséria, de sublevações civis e de inquietação e tensão social, as quais se dispersaram na Europa e, posteriormente, no mundo.

O século XX, infelizmente, não foi exceção e, por esse motivo, foi fértil em mudanças significativas na sociedade global, devendo-se realçar pela sua importância e para boa compreensão dos novos arquétipos económicos, políticos, sociais e culturais que advieram então, dez ocorrências que são consideradas cruciais. A saber: **1) Evolução do Modelo Produtivo:** do Taylorismo<sup>19</sup> (1ª. década do século XX), ao Fordismo<sup>20</sup> (1914 a 1945) e, posteriormente, ao Toyotismo<sup>21</sup> (a partir da década de 60 do século XX). Este tipo de desenvolvimento produtivo, que acolhe, atualmente, cinco setores económicos (primário, secundário, terciário, quaternário e quinário), desencadeia cada vez mais desemprego, ampliando, dessa forma, o descontentamento empresarial por ambicionar cada vez mais lucros e a revolta social dos trabalhadores por serem tão maltratados e mal compensados; **2) Epílogo da 2ª. Revolução Industrial** (1945) e o surgimento da **3ª. Revolução Industrial** (década de 70 do século XX), a qual foi estimulada pelo avanço de uma

---

<sup>19</sup> Modelos Produtivos: As Diferenças entre Taylorismo, Fordismo e Toyotismo - Taylorismo. In, Geografia Opinativa. Texto de Fernando Soares (18/03/2015) [em linha]. Disponível na Internet:<URL:

<http://www.geografiaopinativa.com.br/2015/03/modelos-produtivos-as-diferencas-entre.html>.

(Consultado em 01/01/2017).

<sup>20</sup> Idem

<sup>21</sup> Idem

ampla diversidade de tecnologias (eletrônica, telecomunicações, progresso dos *mass media* - tradicionais e novos -, internet, robótica, telefones móveis, redes sociais e ensino a distância) e que modificaram por completo, todos os mais variados aspetos e valores da vida humana - no seu comportamento em sociedade e na sua interação com outros seres humanos, sobretudo no que concerne a relações familiares, afetivas, conexões sociais, políticas, económicas, educacionais, culturais, a nível de saúde, ambientais, laborais e lazer. Antevê-se, entretantes, a consolidação da *4ª. Revolução Industrial*, a qual não é delineada por uma associação de tecnologias emergentes em si mesmas, mas pelo progresso de novos programas que foram produzidos com base na revolução digital. Como ápice deste progresso - automatização das fábricas através de sistemas ciberfísicos, que, ao ajustarem as máquinas a métodos digitais, habilita estes a tomarem decisões descentradas e a colaborarem com os humanos através da Internet, ou seja, a apelidada “fábrica inteligente” -, ondas massivas de desemprego irão suceder (juntando-se ao desemprego estrutural e conjuntural já existente) e os efeitos não irão ser agradáveis, podendo conduzir os povos a enormes tumultos coletivos e, quiçá, a uma anomia generalizada.<sup>22</sup> De recordar, por ser relevante assinalar, que a *2ª. Revolução Industrial* teve o seu dealbar na segunda metade do século XIX (1850/1870) com o início do uso do petróleo e da energia elétrica, o que permitiu o surgimento das indústrias siderúrgica e química, assim como do capitalismo financeiro que associava o setor industrial ao lucro dos grandes bancos e o seu desfecho adveio, sensivelmente, nos finais da década de 60 do século XX. A *1ª. Revolução Industrial* decorreu entre a segunda metade do século XVIII (1760) e a segunda década do século XIX (1820/1840), altura em que a produção artesanal passou a ser realizada por máquinas, originando, identicamente, graves problemas como o surgimento de sindicatos com o propósito de defender os interesses dos trabalhadores, o agravamento do êxodo rural justificado pela criação de empregos nas indústrias, o aparecimento da poluição do ar devido à combustão de carvão mineral para produzir energia para as máquinas, o desenvolvimento

---

<sup>22</sup> O Que é a *4ª. Revolução Industrial* e como ela deve afetar as nossas vidas. In, BBC Brasil. Texto de Valéria Perasso (22/10/2016) [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-37658309> (Consultado em 01/01/2017).

desordenado das cidades, o aumento de doenças e acidentes de trabalho por causa das deploráveis condições existentes nas cidades e nas fábricas e a utilização, em grande escala, de mão de obra infantil; **3)** *As Diversas Revoluções* que ocorreram em pleno século XX (mexicana, russa, chinesa, indonésia, húngara, cubana, portuguesa, iraniana, sandinista e talibã) que alteraram o rumo da História Universal, assim como as *Guerras Ignominiosas* que marcaram de forma indissipável esta centúria, mormente na Europa com as 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. guerras mundiais; **4)** *As Alterações Políticas* que surdiram como resultado desses conflitos, de onde se destacam o *Comunismo*, o *Fascismo*, o *Socialismo*, o *Liberalismo* e, mais recentemente, o *Neoliberalismo*; **5)** *As Novas Correntes de Pensamento* no campo das ciências sociais e da filosofia, que ocasionaram um novo entendimento sobre a essência e o comportamento do ser humano atual; **6)** *O Surgimento do Capitalismo Coetâneo* que tem causado bastantes disparidades em termos de significação: segundo os *neomarxistas* é um “capitalismo tardio” que se assoma após 1945; *Fredric Jameson* define-o como um “capitalismo recente”; *Jacques Derrida* entende que se trata de um “neocapitalismo”; e *Zygmunt Bauman* apelidado de “capitalismo parasitário”. Todavia, este capitalismo (independentemente da classificação que se queira atribuir), a todos os níveis desumano, devido à precarização de trabalho que incrementa e sustentado em colossais multinacionais e economias de escala, tem instigado à uniformização dos mercados e do trabalho, ao aumento dos fluxos de capital, a um consumo exacerbado e insustentável que propicia o esgotamento dos recursos naturais existentes devido ao elevadíssimo número de habitantes no planeta <sup>23</sup> e ao progresso tecnológico que esta situação obriga, para além do crescente e assustador índice de pobreza, miséria e disparidades sociais; **7)** *O Termo da Velha Ordem Mundial* que ocorreu entre 1945 (com o início da *Guerra Fria*) e a queda do Muro de Berlim (1989), finalizando assim a bipolarização existente entre Estados Unidos da América-U.R.S.S. Este contexto

---

<sup>23</sup> “A atual população mundial de 7,2 mil milhões está projetada para crescer cerca de 1 milhão nos próximos 12 anos e alcançar cerca de 9,6 mil milhões em 2050, de acordo com um relatório lançado ontem pelas Nações Unidas, que aponta que o crescimento será maior nos países em desenvolvimento, mais da metade na África.” In, “Relatório das Nações Unidas estima que a população mundial alcance os 9,6 mil milhões em 2050” - UNRIC (19/03/2017) [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.unric.org/pt/actualidade/31160-relatorio-das-nacoes-unidas-estimaque-a-populacao-mundial-alcance-os-96-mil-milhoes-em-2050-> (Consultado em 08/01/2017).

político suscitou imensos problemas no mundo e na Europa em particular, de onde se ressaltam a contenda entre o *Capitalismo* e o *Socialismo*; a cisão da Europa em três blocos económicos (Plano Marshall Americano, Comecon e Comunidade Económica Europeia) e dois militares (Nato e Pacto de Varsóvia); assim como a produção excessiva de armamento e material espacial <sup>24</sup>, em detrimento de outros bens essenciais e o *Início da Nova Ordem Mundial*, que se seguiu à queda do Muro de Berlim e se vai mantendo até à presente data, de onde se realça o fim da bipolarização e o começo de uma multipolarização onde compactuam diversos centros de poder, alicerçados no poder económico e noutras áreas de influência, o advento de novos blocos económicos com intercâmbios comerciais, a consolidação da União Europeia e a supremacia definitiva do *neoliberalismo* sendo o *Consenso de Washington* <sup>25</sup> a grande referência desta mudança <sup>26</sup>; **8) O Problema Demográfico Europeu** que nos revela que a sociedade europeia se encontra em extinção e essa indefetível realidade se não for resolvida intramuros, terá de ser solucionada extramuros, através da imigração e de outras medidas de carácter político. Sobre esta temática, o Parlamento Europeu alega que,

“Ao mesmo tempo que se expande rapidamente e que a qualidade de vida dos seus cidadãos continua a aumentar, a Europa enfrenta uma verdadeira ameaça: a do envelhecimento da população. A diminuição da natalidade altera o funcionamento do mercado de trabalho, dos sistemas de saúde e dos regimes de reforma nos Estados-Membros. Os relatórios sobre demografia são alarmantes: a população europeia está a desaparecer”.

(Parlamento Europeu, 2008) <sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> Saiba as Principais Características da Nova e Velha Ordem Mundial / Resumo. Texto de Karina Lopes (11/11/2016). In, “O Geekie” [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://geekiegames.geekie.com.br/blog/nova-e-velha-ordem-mundial-resumo/> (Consultado em 10/01/2017).

<sup>25</sup> “O termo Consenso de Washington ficou conhecido como um conjunto de medidas de ajuste macroeconómico formulado por economistas de instituições financeiras como o FMI e o Banco Mundial, elaborado em 1989”. Texto de Kássia Tavares (23/10/2011). In, “Política & Economia” [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.politicaeconomia.com/2011/10/os-efeitos-do-consenso-de-washington-na.html> (Consultado em 10/01/2017).

<sup>26</sup> Saiba as Principais Características da Nova e Velha Ordem Mundial / Resumo. Texto de Karina Lopes (11/11/2016). In, “O Geekie” [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://geekiegames.geekie.com.br/blog/nova-e-velha-ordem-mundial-resumo/> (Consultado em 10/01/2017).

<sup>27</sup> Déficit Demográfico na UE: O que vamos fazer? In, Parlamento Europeu [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?language=pt&type=IM-PRESS&reference=20080414FCS26499> (Consultado em 10/01/2017).

Em informação atualizada, sobre esta realidade, o “Eurostat” produziu em março de 2016 um relatório mais completo onde, não só confirma esta tendência avassaladora, como aponta alguns dos efeitos negativos que podem ocorrer:

“As mulheres na UE estão a ter menos filhos, o que contribui para um abrandamento do crescimento natural e até mesmo para uma variação negativa natural (mais óbitos do que nascimentos). [por essa razão] É provável que as alterações demográficas na UE se tornem particularmente importantes nas próximas décadas, dado que a grande maioria dos modelos sobre as tendências demográficas futuras sugerem a continuidade do crescente envelhecimento demográfico da UE, devido aos níveis contínuos de baixa fertilidade e a uma maior longevidade. Embora a migração tenha um papel fundamental no que diz respeito à dinâmica demográfica dos Estados-Membros da UE, é improvável que consiga, por si só, inverter a tendência atual de envelhecimento da população em muitas zonas da UE. As consequências sociais e económicas associadas ao envelhecimento demográfico provavelmente terão implicações profundas em toda a Europa, tanto a nível nacional como regional.

(Eurostat, 2016) <sup>28</sup>

**9) O Terrorismo devido ao Fanatismo Religioso** que desde o atentado às Torres Gémeas em Nova Iorque, ao Pentágono em Arlington/Virgínia e em Shanksville/Pensilvânia no dia 11/09/2001, tem vindo a causar vítimas nos mais diversos locais do globo terrestre desde então, sendo a Europa um dos alvos mais apetecíveis destas organizações (Atocha/Madrid em 11/03/2004; Londres/Reino Unido em 07/07/2005; Montauban e Toulouse /França entre 11 e 15/03/2012; Bruxelas/Bélgica em 24/05/2014; Paris/França entre 5 e 9/01/2015; Copenhaga/Dinamarca em 14/02/2015; Paris e Saint-Denis/França em 13/11/2015; Bruxelas/Bélgica em 22/03/2016; Nice/França em 14/07/2016; Wurzburg/Alemanha em 18/07/2016, Berlim/Alemanha em 19/12/2016, Paris/França em 18/03/2017, Londres/Reino Unido em 22/03/2017, Estocolmo/Suécia em 07/04/2017, Manchester/Reino Unido em 22/05/2017, Londres/Reino Unido em 03/06/2017. Como resultado destes insidiosos ataques, sob a capa de uma falsa “jihad”, a população europeia começa a viver o seu dia a dia sob a ameaça constante de novos ataques, o que pode de forma perigosa, por falta de resposta rápida, eficaz e esclarecida dos organismos europeus, conduzir

---

<sup>28</sup> Estatísticas Demográficas Regionais. In, Eurostat - Statistics Explained. Dados do Eurostat extraídos em março 2016. Atualização do artigo prevista para novembro 2017 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: [http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Population\\_statistics\\_at\\_regional\\_level/pt#Europa\\_2020](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Population_statistics_at_regional_level/pt#Europa_2020) (Consultado em 20/01/2017).

os seus cidadãos a abdicarem da sua “liberdade de ação e expressão” - ou uma delas -, pela “segurança pessoal” que tanto clamam os políticos populistas xenófobos e segregacionistas que proliferam na esfera pública dos Estados-Membros da União Europeia (e não só), tentando aproveitar-se destes momentos críticos para alcançarem o poder, por via da propagação das suas ideias discriminatórias e racistas, abandonando assim o povo europeu, gradualmente, os seus valores humanistas; **10)** *A Globalização, uma Realidade Fraturante*. Apesar de não existir uma definição consistente sobre o que é a *Globalização*, até pela abrangência que ela comporta, *Anthony Giddens* ajuda-nos a perceber um pouco sobre esta temática, quando assevera que,

“A globalização traduz-se no facto de vivermos cada vez mais num «único mundo», onde as nossas ações têm consequências para os outros e os problemas mundiais têm consequências para nós. A globalização afeta hoje em dia a vida das pessoas de todos os países, sejam ricos ou pobres, transformando não apenas os sistemas globais, mas também a vida quotidiana. A globalização resulta da conjugação de fatores sociais, políticos, económicos e culturais. É conduzida, sobretudo, pelos avanços nas tecnologias de informação e comunicação, que intensificam a velocidade e a amplitude da interação entre as pessoas em todo o mundo.”

(Giddens, 2008: 75)

Alerta-nos, ainda, para pormenores que, de alguma forma, passam despercebidos à perceção dos mais incautos:

“A globalização é um fenómeno em rápida expansão, ainda que de forma assimétrica. Foi referida a separação crescente entre os países mais ricos e os países mais pobres do mundo. A riqueza, o rendimento, os recursos e o consumo concentram-se nas sociedades desenvolvidas, enquanto grande parte do mundo em vias de desenvolvimento debate-se com a pobreza, a fome, as doenças e a dívida externa. Muitos dos países que mais necessitam dos benefícios da globalização correm o risco de ser marginalizados. [...] A globalização está a produzir riscos, desafios e desigualdades que atravessam fronteiras nacionais e diminuem a capacidade das estruturas políticas existentes.”

(Giddens, 2008: 76)

Já para *Zygmunt Bauman*, a interpretação que se pode fazer sobre *Globalização*, é a de que esta é composta por um “[...] *caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo. A globalização é a “nova desordem mundial” de Jowitt com um outro nome.*” (Bauman, 1999a: 56).

Aliás, este eminente sociólogo, reforça esta ideia (contrapondo-a à *Universalização*), ao afirmar que,

“Esse caráter, inseparável da imagem da globalização, coloca-a radicalmente à parte de outra ideia que aparentemente substituiu, a da “universalização”, outrora constitutiva do discurso moderno sobre as questões mundiais, mas agora caída em desuso e raramente mencionada, talvez mesmo no geral esquecida, exceto pelos filósofos. Assim como os conceitos de “civilização”, “desenvolvimento”, “convergência”, “consenso” e muitos outros termos chaves do pensamento moderno inicial e clássico, a ideia de “universalização” transmitia a esperança, a intenção e a determinação de se produzir a ordem; além do que os outros termos afins assinalavam, ela indicava uma ordem universal - a produção da ordem numa escala universal, verdadeiramente global. Como os outros conceitos, a ideia de universalização foi cunhada com a maré montante dos recursos das potências modernas e das ambições intelectuais modernas. Toda a família de conceitos anunciava em uníssono a vontade de tornar o mundo diferente e melhor do que fora e de expandir a mudança e a melhoria em escala global, à dimensão da espécie. Além disso, declarava a intenção de tornar semelhantes as condições de vida de todos, em toda parte, e, portanto, as oportunidades de vida para todo mundo; talvez mesmo torná-las iguais. Nada disso restou no significado de globalização, tal como formulado no discurso atual. O novo termo refere-se primordialmente aos efeitos globais, notoriamente não pretendidos e imprevistos, e não às iniciativas e empreendimentos globais.”

(Bauman, 1999a: 56,57)

Porque se trata de um tema vastíssimo e bastante controverso, que afeta as mais diversas áreas da sociedade humana e para o qual não se encontra um consenso concreto devido à sua complexidade, embora verifiquemos, quotidianamente, os resultados (positivos e negativos) que a *Globalização* origina, a verdade é que, presentemente, constatamos que “*O mundo atual não se pode conceber como um sistema organizado, racional. É um caos, é uma vertigem em movimento. É muito difícil de entender o que se passa. É exatamente como disse Ortega y Gasset: "Não sabemos o que passa. E é isso que se passa".* (Morin, 2007: 46).

De igual modo, a migração global (por motivo de guerras ou causas ambientais), os problemas do ambiente e dos ecossistemas, os meios de comunicação e as telecomunicações, em particular as redes sociais, começaram a contribuir para a difusão de influências culturais extremas, o que transformou fatores societários determinantes como a economia, a política, as classes sociais, o género, a etnicidade, a cultura e a religião (Giddens, 2008: 55 a 61). Estas alterações globais, que têm vindo a ser operadas na sociedade coeva nas últimas décadas, principalmente a partir do final da década de 80 do século XX (altura em que a Internet surgiu e de forma avassaladora foi ganhando preponderância), tem

gerado um “[...] *novo individualismo, no qual as pessoas têm de constituir-se a si próprias de modo ativo e construir as suas identidades.*” (Giddens, 2008: 61). De outro modo, o autor assegura ainda que,

“Vários fatores estão a contribuir para o incremento da globalização. Em primeiro lugar, fatores como o fim da Guerra Fria, o colapso dos regimes comunistas de estilo soviético e o crescimento das formas de governação regionais e internacionais, criaram as condições para uma maior aproximação entre os países de todo o mundo. Em segundo lugar, a divulgação das tecnologias de informação veio facilitar o fluxo de informação à volta do globo, encorajando as pessoas a adotar uma postura global. Em terceiro, as multinacionais aumentaram em dimensão e importância, tendo constituído redes de produção e de consumo que abrangem o mundo inteiro e ligam os mercados económicos. [...] A globalização não se restringe aos grandes sistemas globais. O seu impacto reflete-se nas nossas vidas pessoais, na maneira como pensamos acerca de nós próprios e nas nossas relações com os outros. As forças globalizantes penetram nos nossos contextos locais e nas nossas vidas pessoais, seja através de fontes impessoais como os meios de comunicação e a Internet, seja através de contactos pessoais com pessoas de outros países e culturas.”

(Giddens, 2008: 75)

Este legado do século XX, o “século da guerra” como *Eric Hobsbawm* (2003) classifica e que transitou para o século XXI de forma abrupta, é uma herança que transformou radicalmente a sociedade no seu todo e a Europa em especial, nas suas mais diversas componentes. Um século XX onde, *Jacqueline Russ*, recuando algumas décadas, afirma que:

“A crise da consciência ocidental, iniciada durante a primeira metade do século XX, acentua-se a partir da década de 1960. Da «Belle Époque» - os primeiros anos do século XX - até à alvorada do terceiro milénio, a Europa experimenta convulsões tremendas. A sociedade contemporânea perdeu os seus pontos de referência morais, ideológicos, culturais: procura uma civilização nova. As mudanças, longe de serem apenas culturais e científicas, são, antes de mais, históricas. A guerra, que estala em 1914, abala os fundamentos da Europa: começa a formar-se o bloco comunista e o sistema liberal sofre estragos que a grande depressão económica dos anos trinta aprofunda. A Segunda Guerra Mundial varre os fascismos, conduz a uma divisão nítida entre o mundo comunista e o universo liberal, o das nações atlânticas, até à derrocada final do muro dos países de Leste. A estes noventa e cinco anos de transformações históricas correspondem revoluções da cultura, do pensamento e da ciência.”

(Russ, 1997: 281)

O Paradigma Humanista - construído e consolidado na Europa durante cerca de dois milénios -, entrou em rotura devido a ascendências externas e está a perder, progressivamente, a sua identidade. Os sintomas deste declínio começam a revelar-se porque,

“Desde o princípio do século XX e até à década de 1950, as ideias europeias sofrem, assim,



uma desestruturação generalizada que se acelera, grosso modo, a partir dos anos 60. As tecnologias e os meios de informação, a mundialização das permutas e a força da informática, contribuem para perturbar o panorama cultural. A galáxia do audiovisual transforma a cultura.”

(Russ, 1997: 282)

Ainda neste contexto, *Anthony Giddens* alerta-nos para o facto de que novas identidades emergem, alegando que,

“Alguns preocupam-se com o facto de a globalização estar a conduzir à criação de uma «cultura global», em que os valores dos mais ricos e poderosos [...] se sobrepõem à força dos hábitos e das tradições locais. De acordo com esta perspetiva, a globalização é uma forma de «imperialismo cultural», em que os valores, os estilos e as perspetivas ocidentais são divulgados de modo tão agressivo que suprimem as outras culturas nacionais. Outros autores, pelo contrário, associaram os processos de globalização a uma crescente diferenciação no que diz respeito a formas e tradições culturais. Ao contrário dos que insistem no argumento da homogeneidade cultural, estes autores afirmam que a sociedade global se caracteriza atualmente pela coexistência lado a lado de uma enorme diversidade de culturas. Às tradições locais, junta-se um conjunto de formas culturais adicionais provenientes do estrangeiro, presenteando as pessoas com um leque estonteante de opções de escolha de estilos de vida. Estaremos a assistir à fragmentação de formas culturais, e não à formação de uma cultura mundial unificada (Baudrillard, 1988). As antigas identidades e modos de vida enraizados em culturas e em comunidades locais estão a dar lugar a novas formas de «identidade híbrida», compostas por elementos de diferentes origens culturais (Hall, 1992).”

(Giddens, 2008: 64,65)

A título de exemplo e no sentido de reforçar os efeitos mais perniciosos da *Globalização* acima descritos, poder-se-á referir a ocidentalização, seguida da aculturação, que se aciona através do colonialismo inserido pelo Ocidente em povos nativos, presentemente revigorado, especialmente, em África e no Médio Oriente, na sua versão neocolonialista.

Num contato entre etnias dissemelhantes, tudo pode suceder, desde o genocídio, à luta pela defesa da própria cultura, a alterações culturais radicais e a condutas que, de alguma maneira, podem ser entendidas como autodestrutivas. Este tipo de atitude origina um modelo de identidade composta por uma mescla de culturas díspares, as quais, no seu conjunto, não respeitam a matriz das culturas primitivas.

Perante estes factos, verifica-se durante o século XX e confirma-se já em pleno terceiro milénio, o esboroar da Europa Humanista e o surgimento de uma Europa multiculturalmente desorientada, sem liderança política, que se entrega a um materialismo descomedido para poder sobreviver num mundo onde os

mercados imperam e o ser humano não passa de um mero número, ou, como *Slavoj Zizek* argumenta, “[...] o sistema mundial, na atual globalização, completou o seu desenvolvimento e, enquanto sistema capitalista, passou a determinar todas as condições de vida.” (Zizek, 2016: 10), o que condiciona a Europa e a obriga a adaptar-se à realidade global atual, ou ainda, como o *Papa Francisco* alude e bem, assiste-se à triste realidade de uma ...

“[...] Europa cansada e envelhecida, não fértil e sem vitalidade, onde os grandes ideais que a inspiraram parecem ter perdido o seu fascínio; uma Europa decadente que parece ter perdido a sua capacidade geradora e criativa; uma Europa tentada mais a querer garantir e dominar espaços do que a gerar processos de inclusão e transformação; uma Europa que se vai «entrincheirando», em vez de privilegiar ações que promovam novos dinamismos na sociedade; dinamismos capazes de envolver e mobilizar todos os atores sociais (grupos e indivíduos) na busca de novas soluções para os problemas atuais, que frutifiquem em acontecimentos históricos importantes; uma Europa que, longe de proteger espaços, se torne mãe geradora de processos”.

(Papa Francisco, 2016)

Uma Europa que se está a entregar, progressivamente e devido em especial aos acontecimentos que nela ocorrem, a uma *Globalização* bem mais absurda: a do “descarte” - como o *Papa Francisco* acusa -, a da indiferença, a do preconceito, a do estereótipo, a do desprezo, a do materialismo, a do medo, a do terror e, quiçá, a mais grave, a da manipulação dos *mass media* e das redes sociais, que encontra audiências sequiosas por um género de programação e informação propositadamente congeminadas (salvo as devidas exceções), que não as obrigue a pensar e a enfrentar as pesarasas realidades mundiais, desligando-se dessa forma do problema dos “outros” e renunciando, por completo, a uma agnição clássica, para se dedicarem a um conhecimento vazio e pífió.

Face a esta grave crise europeia, urge encontrar um novo fio condutor que permita resolver, com minudência e a boa-vontade de todos, os problemas que vão conduzindo a “Humanidade” contemporânea ao extremo de não considerar o ser humano como tal, mas sim como uma mera estatística, afastando-se dessa maneira de todas as raízes humanistas de antigamente.

No intuito de se projetar e viver um novo começo que reassuma uma novel identidade humanística, nomeadamente no que respeita à Europa, devidamente adaptada à realidade atual e perante tantas vicissitudes e obstáculos, subsistem algumas questões:

- Será possível tal acontecer neste terceiro milénio?
- Até que ponto as forças dominantes estão disponíveis para este esforço, pois tal coloca em causa o seu poder e as suas espúrias conveniências?
- Até quando os mais sofridos e desvalidos vão conseguir suportar as “dores” que vêm sofrendo há tanto tempo?
- Que Europa iremos encontrar, num futuro próximo, mantendo-se as circunstâncias assinaladas até ao momento?

## **2. Uma Europa Refém de Organismos Supranacionais**

Para se poder compreender como o Continente Europeu chegou à situação moribunda que vive a nível político, económico, social, cultural e humanístico, teremos de recuar aos idos anos de 1945, altura em que se começa a despertar de um pesadelo que havia terminado (2ª. Guerra Mundial) e se começam a bosquejar planos para o futuro.

Às perdas humanas incalculáveis, às destruições materiais vastíssimas, à total desorganização da sociedade e à animosidade generalizada contra um povo e uma nação (Rémond, 1994: 372,373), acresce não só a reconstrução colossal que se seguiu, como a definitiva influência americana no espaço europeu, que tornou, definitivamente, a Europa Atlântica numa primeira fase e esta mais a Europa Central após 1989, dependente de uma só nação (Estados Unidos) a todos os níveis, principalmente no que tange a influências económicas e culturais. Ainda que em 1947 ocorra a rutura definitiva entre aliados (Rémond, 1994: 388) devido a causas ideológicas, é a superpotência dominante (USA) que predomina em todos os capítulos no Ocidente europeu, embora a presença maciça da U.R.S.S. na Europa de Leste e Central alarme a Europa Ocidental e tal situação motive a intervenção económica dos Estados Unidos (Plano Marshall).

Convirá, entretanto, recordar que no seguimento da 1ª. Guerra Mundial e sob proposta do Presidente Americano *Woodrow Wilson*, tentou-se criar um mecanismo internacional que tivesse a capacidade de garantir a paz através de

organismos de negociação e arbitragem entre potências discordantes <sup>29</sup>. Esta aspiração foi executada em 1919, após a assinatura do Tratado de Versalhes (sob o nome de “Sociedade das Nações”) e começou a sua atividade em 1920, todavia,

“[...] a falência do projeto tornou-se visível rapidamente, pela falta de autoridade real e pela inoperância para resolver conflitos regionais de amplitude e gravidade excepcionais, como a conquista italiana da Etiópia, a agressão japonesa contra a Manchúria e a Guerra Civil de Espanha. Por outro lado, nem todas as nações foram tratadas de igual modo, pois os vencidos da Primeira Guerra Mundial foram inicialmente banidos e a URSS, olhada com manifesta desconfiança pelas democracias, como pelas ditaduras, só muito tardiamente foi reconhecida (1934), vindo a ser expulsa mais tarde, já durante a Segunda Guerra Mundial (1940). Também os Estados Unidos, que entre as duas guerras mundiais persistiram numa política de isolacionismo, se mantiveram de fora da organização” <sup>30</sup>.

(Infopédia)

Inábil para conter as agressões expansionistas, nomeadamente no que respeita a potências agressoras, a “Sociedade das Nações” estagnou durante o conflito de 1939-1945, deixando de operar completamente. Reconhecido o seu falhanço, embora o mundo ainda tivesse fé nos princípios e objetivos que haviam orientado a sua conceção, acabou por se dissolver, dando lugar à ONU, formada imediatamente após a 2ª. Guerra Mundial com objetivos idênticos aos da “Sociedade das Nações” <sup>31</sup>. Neste contexto, as Nações Unidas, enquanto organismo, surgiram em S. Francisco / Estados Unidos [Consolidação em 24/10/1945] e no prefácio da sua Carta fundadora pode ler-se: “*Nós os povos das nações unidas...*” [...] *Mas a realidade geopolítica internacional gerou uma ONU, sob a configuração da soberania dos Estados nacionais e com predomínio do poder das grandes potências.*” (Brigagão, 1998: 1), o que origina a subjugação dos pequenos Estados-Membros às conveniências asquerosas das apelidadas grandes potências. Aliás, Adriano Moreira, na sua obra *Teoria das Relações Internacionais*, reforça este entendimento quando nos refere que a Carta da ONU busca congregar dois legados ocidentais: “[...] o **legado maquiavélico** que atende ao poder e à hierarquia das potências e o **legado humanista** que atende aos valores e espera a paz pelo direito.” (Moreira, 2005: 569) e adianta que:

---

<sup>29</sup> Sociedade das Nações. In, Artigos de Apoio Infopédia. Porto, Porto Editora, 2003-2017. [em linha]. Disponível na Internet:<URL: [https://www.infopedia.pt/\\$sociedade-das-nacoes](https://www.infopedia.pt/$sociedade-das-nacoes) (Consultado em 27/01/2017).

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Idem.

“O **legado humanista** [...] que tem acolhimento no estatuto da Assembleia Geral da ONU, [...] pretende consagrar tal conceito. Mas o **legado maquiavélico**, acolhido no estatuto do Conselho de Segurança, traduz-se em afirmar que uma grande potência não se subordina aos votos das pequenas no que toca aos seus interesses fundamentais, o que significa que fica na sua vontade e juízo a justiça do direito internacional e da sua aplicação.”

(Moreira, 2005: 569,570)

Após mais de sete décadas de atividade, para além da Carta das Nações Unidas (1945) devem destacar-se conquistas relevantíssimas deste Organismo Internacional como, a aprovação da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948); a criação das Forças de Manutenção da Paz das Nações Unidas (1948); a aprovação Declaração Universal dos Direitos das Crianças (1959); a criação de agências essenciais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Internacional de Desenvolvimento (BIRD), o Tribunal de Haia (Tribunal Internacional de Justiça), o Conselho Económico e Social (ECOSOC), a Universidade das Nações Unidas (UNU), o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) e diversas outras instituições de pesquisa e treino; assim como a geração de programas importantes como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), entre outros <sup>32</sup>.

Contudo, para além de continuar a pugnar pelos seus objetivos (manter a paz em todo o mundo; fomentar relações amigáveis entre nações; trabalhar em conjunto para ajudar as pessoas a viverem melhor; eliminar a pobreza, a doença e o analfabetismo no mundo; acabar com a destruição do ambiente; incentivar o respeito pelos direitos e liberdades dos outros; ser um centro capaz de ajudar as nações a alcançarem estes propósitos), continua refém das resoluções do

---

<sup>32</sup> UNRIC - Centro Regional de Informação das Nações Unidas [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://www.unric.org/pt/informacao-sobre-a-onu> (Consultado em 28/01/2017).

Conselho de Segurança e do poder de veto que cada um dos seus cinco membros permanentes dispõe (a saber: China, Estados Unidos da América, Federação Russa, França e Reino Unido) <sup>33</sup>, pois estes, quando os seus interesses não estão defendidos, não aceitam soluções para os assuntos gravíssimos que medram no planeta, ficando eternamente adiados ou esquecidos, aliás, o que se verifica nos dias de hoje, nomeadamente no que tange ao problema dos refugiados na Europa e às dívidas externas de inúmeros Países Europeus (essencialmente os periféricos), que não têm capacidade imediata para as liquidar, já para não esmiuçar os problemas que não se resolvem por falta de vontade política das grandes potências e dos Países emergentes, nomeadamente os da ACNUR que se confronta com “65,3 milhões de pessoas deslocadas por guerras e conflitos até ao final de 2015 - um aumento de quase 10% se comparado com o total de 59,5 milhões registrado em 2014” <sup>34</sup>, assim como os da Unicef em que “[...] cinco em cada seis crianças com menos de dois anos não estão a receber os elementos nutritivos suficientes para a sua idade, o que as priva da energia e dos nutrientes que precisam no período mais decisivo para o seu desenvolvimento físico e cognitivo.” e que “[...] um em cada cinco bebés não come alimentos sólidos até aos 11 meses e que metade das crianças entre os seis meses e os dois anos não recebem o número mínimo de refeições adequadas à sua idade, o que aumenta o risco de atrasos de crescimento [...]” <sup>35</sup>, assim como os da FAO que verifica que “O clima está a mudar: a alimentação e a agricultura também [...]. As estimativas indicam que o número de habitantes do planeta vai superar os nove biliões de pessoas em 2050 e a FAO estima que a produção mundial de alimentos vai ter de aumentar aproximadamente 60% para poder satisfazer as futuras necessidades de bens alimentares.)” <sup>36</sup>, ou os da OIT onde “168 milhões de crianças realizam

---

<sup>33</sup> UNRIC - Centro Regional de Informação das Nações Unidas [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://www.unric.org/pt/informacao-sobre-a-onu/26496?start=2> (Consultado em 28/01/2017).

<sup>34</sup> UNHCR-ACNUR - Agência da ONU para os Refugiados [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/> (Consultado em 28/01/2017).

<sup>35</sup> Maioria das crianças até aos dois anos estão subnutridas (14/10/2016). Texto de Ana Meireles. In, Diário de Notícias [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.dn.pt/mundo/interior/maioria-das-criancas-ate-aos-dois-anos-estao-subnutridas-5440490.html> (Consultado em 28/01/2017).

<sup>36</sup> Dia Mundial da Alimentação 2016 (14/10/2016). Texto de Sofia Costa. In, “Stop Cancer - Portugal” [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://stopcancerportugal.com/2016/10/14/dia-mundial-da-alimentacao-2016/> (Consultado em 28/01/2017).

*trabalho infantil, das quais 120 milhões tem idades entre 5 e 14 anos e cerca de 5 milhões têm condições análogas à escravidão.*” e “[...] *cerca de 75 milhões de jovens, entre 15 e 24 anos estão desempregados. Além disso, entre 20% e 30% das crianças em países de baixa renda abandonam a escola e entram no mercado de trabalho até aos 15 anos.*”<sup>37</sup>. Estes números são referentes ao ano de 2015.

- Qual será a realidade de hoje?

No caso concreto da Comunidade Económica Europeia, que se constituiu através do Tratado de Roma em 1957, e que,

“[...] começou por ser uma união meramente económica, evoluiu para uma organização que abrange uma vasta gama de domínios de intervenção, desde o clima, ao ambiente, à saúde, às relações externas, à justiça e à migração. Em 1993, esta evolução refletiu-se na mudança da designação de Comunidade Económica Europeia (CEE) para União Europeia (UE).”<sup>38</sup>.  
(Europa.eu)

Dos feitos mais notáveis que alcançou, nos seus 60 anos de história, deve realçar-se “*O mercado único (ou «mercado interno») [que] é o principal motor da economia europeia, permitindo a livre circulação de pessoas, bens, serviços e capitais.*”<sup>39</sup>; a promoção dos “[...] *direitos humanos, tanto a nível interno como no resto do mundo. Dignidade humana, liberdade, democracia, igualdade, Estado de Direito e respeito pelos direitos humanos são os valores fundamentais da UE.*”<sup>40</sup>, salientando-se, por esse motivo, que “*Desde a assinatura do Tratado de Lisboa em 2009, todos esses direitos estão consagrados num único documento, a Carta dos Direitos Fundamentais da UE.*”<sup>41</sup>, por tal facto, “*As instituições europeias, assim como os países da UE, têm a obrigação legal de os respeitar sempre que apliquem a legislação europeia.*”<sup>42</sup>; a ratificação do Ato Único Europeu em 1986 e a sua transformação em Mercado Único, em 1993, onde ficaram consagradas as “[...]”

---

<sup>37</sup> OIT alerta que 168 milhões de crianças realizam trabalho infantil no mundo (11/06/2015). Texto de Laura Gelbert. In, EBC. [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/06/oit-alerta-que-168-milhoes-de-criancas-realizam-trabalho-infantil-no-mundo> (Consultado em 09/02/2017).

<sup>38</sup> A União Europeia”. In, europa.eu [em linha]. Disponível na Internet:<URL: [https://europa.eu/european-union/about-eu/eu-in-brief\\_pt](https://europa.eu/european-union/about-eu/eu-in-brief_pt) (Consultado em 09/02/2017).

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> Idem.

<sup>42</sup> Idem.

«quatro liberdades»: livre circulação de mercadorias, de serviços, de pessoas e de capitais.”<sup>43</sup>; a assinatura do Tratado da União Europeia ou Tratado de Maastricht (1993), onde se consumou a União Económica e Monetária (UEM), que, a partir de 01/01/1999, passou a reunir todos os países que observaram um definido número de critérios económicos destinados a afiançar a sua boa gestão financeira e a garantir a solidez da moeda única pretendida e do Tratado de Amesterdão (1997), ficando consignado neste último, o Acordo de Schengen (política de abertura das fronteiras e livre circulação de pessoas entre os países signatários) e a Convenção de Schengen (série de medidas apropriadas para uma estreita cooperação entre as partes contratantes); a criação da Moeda Única (o Euro entrou em vigor a 01/01/1999 de forma não material (transferências e cheques) e a 01/01/2002 em notas e moedas); a validação do Tratado de Lisboa que entrou em vigor no dia 01/12/2009, passou a atribuir personalidade jurídica à União Europeia para além de outras alterações. Este Tratado corrigiu conceitos fundamentais do Tratado de Roma e do Tratado de Maastricht, no intuito de reforçar os ideais construídos no Tratado de Amesterdão e no Tratado de Nice assinado em 2001.

Muitos foram, até ao momento, os feitos alcançados por esta União de Estados-Membros europeus, nomeadamente no que respeita às variadas Políticas de Intervenção<sup>44</sup> que foi criando durante o seu historial, todavia e considerando que o Reino Unido vai sair desta família por força do “Brexit” em resultado do referendo popular realizado em 23/06/2016 (a saída está prevista para 29/03/2019 dado que a Carta a ativar o Artº. 50 do Tratado de Lisboa foi entregue em Bruxelas no dia 29/03/2017), a União Europeia que representava os interesses de cerca de 501 milhões de cidadãos e que passará a defender os de 436 milhões de habitantes, continua a ter muitos problemas por resolver, nomeadamente a negociação da saída do Reino Unido da União Europeia que vai ser assaz complicada; as dívidas externas de vários Estados-Membros (principalmente os periféricos) e as medidas austeras que impõem aos mesmos para liquidarem

---

<sup>43</sup> A União Europeia. In, europa.eu [em linha]. Disponível na Internet:<URL: [https://europa.eu/european-union/about-eu/history\\_pt](https://europa.eu/european-union/about-eu/history_pt) (Consultado em 13/02/2017).

<sup>44</sup> Compreender as Políticas da União Europeia”. In, Eurocid - Centro de Informação Jacques Delors [em linha]. Disponível na Internet:<URL: [http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p\\_cot\\_id=8389](http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p_cot_id=8389) (Consultado em 14/02/2017).



aquelas, deixando os governos desses Países num sufoco incrível e as populações que representam imensamente revoltadas, devido às medidas exageradamente redutoras que são impostas; a desconfiança cada vez mais generalizada da população europeia no que respeita ao descrédito de quem os representa na União Europeia e ao que fazem em prol dos seus representados, sendo a prova de tal facto o elevado abstencionismo verificado nas eleições de 2014 (57,46%)<sup>45</sup>; a falta de transparência nas tomadas de decisão que toma (a nível de Comissão Europeia e Parlamento Europeu) e a demora de aplicação das mesmas (quando ocorre uma diretiva); o défice democrático que se verifica nos diversos setores e agências que constituem a União Europeia; o facto de ainda não se ter tido coragem para resolver o problema dos refugiados, que fogem das guerras e da miséria que se verificam nos seus Países de origem, vindo a morrer de fome, frio e doenças em pleno espaço europeu (quando não morrem em pleno Mar Mediterrâneo ou noutras rotas, ou são vítimas de tráfico humano - principalmente de crianças e mulheres), porque os líderes de cada Estado-Membro não querem assumir a sua quota-parte de ajuda nesta causa nobre que a todos deveria unir e delegam essa responsabilidade em Estados-Membros que se encontram com enormes dificuldades financeiras e sociais, como é o caso da Grécia.

Tudo isto porque, em vez de se dissiparem as causas a *montante* (dando condições de vida aos povos que fogem por falta de trabalho - principalmente aos mais jovens; por inexistência de cuidados de saúde, de educação e de habitação; pela presença duradoura de guerras hediondas, de problemas ambientais, entre tantas outras), mas sempre respeitando as culturas e tradições dos solos pátrios dessas populações foragidas, ajudando dessa forma a solucionar os graves problemas existentes, sem subsistir um envolvimento total de intervenientes externos (neocolonialismo) nas orientações governamentais daqueles povos - sobretudo na Síria, na Líbia, na Nigéria, no Líbano, no Iraque, na Eritreia, na Somália, na Etiópia, no Sudão do Sul e do Norte, no Afeganistão, no Kosovo, na Ucrânia e muitos mais que sofrem as consequências da guerra, do terrorismo e dos

---

<sup>45</sup> Estudo Pós-Eleitoral 2014 - Eleições Europeias 2014 - Síntese Analítica. In, TNS Opinion (2014) [em linha]. Disponível na Internet:<URL: [http://www.europarl.europa.eu/pdf/eurobarometre/2014/post/post\\_2014\\_survey\\_analitica\\_overview\\_pt.pdf](http://www.europarl.europa.eu/pdf/eurobarometre/2014/post/post_2014_survey_analitica_overview_pt.pdf) (Consultado em 14/02/2017).

fanatismos (ditos) religiosos -, procura-se (será ?) remediar a *jusante*, impingindo modelos governativos ocidentais e uma cultura (europeia) intra e extramuros, recebendo os refugiados que conseguem sobrepujar as adversidades da fuga, sem lhes dar qualquer apoio (criam-se novos “campos de concentração” para os acolher em tendas e pouco mais se faz), fazendo de conta que se está a solver esta hecatombe e debandada (em gabinetes), sem se ter noção da realidade e do padecimento que estes seres humanos suportam e, mais terrífico e sem paralelo na história humana, continuando a fornecer armamento (o que já de si é obsceno) a governos déspotas e a grupos terroristas, tudo em nome do lucro e dos bens naturais que alguns destes países têm, sendo os principais fornecedores deste material bélico, os Estados Unidos, a Rússia, a França, o Reino Unido, a Alemanha, a Itália, a China, a Espanha, o Canadá e Israel <sup>46</sup>.

Estes são alguns dos problemas que a União Europeia tem e vai continuar a ter porque adia resoluções e esquece-se do paradigma humanístico que se enformou neste Continente.

A realidade é que, na ânsia do famigerado *alargamento* <sup>47</sup> e do desejado *aprofundamento* <sup>48</sup>, a União Europeia foi conduzida, politicamente e não só, para uma orientação assaz ambígua, desorganizada e complicada, daí que o *Papa Francisco* tenha alertado para essa situação quando afirmou que:

“A par duma União Europeia mais ampla, há também um mundo mais complexo e em intensa movimentação: um mundo cada vez mais interligado e global e, conseqüentemente, sempre menos «eurocêntrico». A uma União mais alargada, mais influente, parece contrapor-se a imagem duma Europa um pouco envelhecida e empachada, que tende a sentir-se menos protagonista num contexto que frequentemente a olha com indiferença, desconfiança e, por vezes, com suspeita.”

(Papa Francisco, 2014)

Quem igualmente olha a União Europeia com indiferença, suspeita e receio são os cidadãos europeus e *Gilles Lipovetsky* cauciona tal quando afirma que “*Já*

---

<sup>46</sup> Arábia Saudita ‘derruba’ Índia na Liderança do Top Mundial da Compra de Armas. Texto de Francisco Marques (09/03/2015). In, euronews [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://pt.euronews.com/2015/03/09/arabia-saudita-derruba-india-da-lideranca-do-top-mundial-da-compra-de-armas> (Consultado em 16/02/2017).

<sup>47</sup> Aprofundamento e Alargamento. In, EUR-Lex - Glossário de Sínteses [em linha]. Disponível na Internet:<URL:[http://eur-lex.europa.eu/summary/glossary/deepening\\_european\\_integration.html?locale=pt](http://eur-lex.europa.eu/summary/glossary/deepening_european_integration.html?locale=pt) (Consultado em 16/02/2017).

<sup>48</sup> Idem.

*nenhum projecto colectivo e histórico - ainda que da Europa se trate - parece capaz de mobilizar os seres em profundidade.*” (Lipovetsky, 2016: 307). Ainda pelas mesmas razões, o *Papa Francisco* faz um reparo bem concreto, quando declara:

“Pode-se também constatar que, no decurso dos últimos anos, a par do processo de alargamento da União Europeia, tem vindo a crescer a desconfiança dos cidadãos relativamente às instituições consideradas distantes, ocupadas a estabelecer regras vistas como distantes da sensibilidade dos diversos povos, se não mesmo prejudiciais. De vários lados se colhe uma impressão geral de cansaço e envelhecimento, de uma Europa avó que já não é fecunda nem vivaz. Daí que os grandes ideais que inspiraram a Europa pareçam ter perdido a sua força de atração, em favor do tecnicismo burocrático das suas instituições.”  
(Papa Francisco, 2014)

Os ideais que o *Papa Francisco* refere, na modesta opinião do autor deste trabalho, continuam presentes na génese da “Humanidade” em geral, só que se encontram em estado letárgico e isto porque, os grilhões que foram colocados na intelectualidade europeia e mundial (impostos pela globalização, pela manipulação dos *mass media* e dos políticos atuais) vão, gradualmente, toldando a criatividade e a iniciativa dos povos e, por esse motivo, estes vão-se entregando, inconscientemente, ao caminho mais fácil de calcorrear ... aquele que os “outros” indicam. Por isso é tão significativo relembrar algo que muitos já esqueceram e que deveria estar sempre presente na memória de cada cidadão europeu:

“A nossa história recente caracteriza-se pela inegável centralidade da promoção da dignidade humana contra as múltiplas violências e discriminações que não faltaram, ao longo dos séculos, nem mesmo na Europa. A percepção da importância dos direitos humanos nasce precisamente como resultado de um longo caminho, feito também de muitos sofrimentos e sacrifícios, que contribuiu para formar a consciência da preciosidade, unicidade e irrepetibilidade de cada pessoa humana. Esta tomada de consciência cultural tem o seu fundamento não só nos acontecimentos da história, mas sobretudo no pensamento europeu, caracterizado por um rico encontro cujas numerosas e distantes fontes provêm «da Grécia e de Roma, de substratos celtas, germânicos e eslavos, e do cristianismo que os plasmou profundamente», dando origem precisamente ao conceito de «pessoa».”

(Papa Francisco, 2014)

A violência a todos os níveis, a falta de interesse em ajudar o próximo e o egocentrismo desmesurado, vão campeando a seu bel-prazer no terreno das relações humanas, conduzindo o homem para um beco sem saída se não despertar, entretanto.

Muitos documentos cheios de boas intenções podem ser criados e publicados para aplicação imediata ou não, mas se não existir uma vontade perene no que respeita à conservação do Humanismo na prática diária (através de ações concretas e efetivas), nenhum deles terá valor algum e não passará de um mero rol de palavras e loas.

O que tem de prevalecer, hoje e sempre, é a vivência do Humanismo enquanto modelo de vida, seguindo-se intuitivamente o que de melhor brota do imo humano e devendo esta conduta natural ser complementada (se necessário) por regras firmes e atuantes, para que não emergam abusos e/ou perversidades comportamentais e não o contrário, ou seja, criarem-se regulamentos que condicionam as atitudes humanas, relegando-se para segundo plano o Humanismo (até à sua extinção), como é exemplo o caso paradigmático da ONU (já referido anteriormente), através da adoção simultânea e paradoxal dos Legados Maquiavélico e Humanista, como observou *Adriano Moreira* <sup>49</sup>.

### **3. Tratados sobre Direitos Humanos - Regulamentos Imprescindíveis ou Meras Falácias?**

Desde tempos imemoriais e por força de incomensuráveis atrocidades que foram cometidas entre os homens, que se procurou evitar e controlar, de forma escrita, os comportamentos belicosos através de hipotéticas normas que teriam então e continuam a ter, a intenção de tornar o mundo mais seguro e pacífico. De entre esses documentos e pela influência que geraram, convirá destacar a *Magna Carta* de 1215, que enumera o que mais tarde veio a ser considerado como direitos humanos <sup>50</sup> (segundo o entendimento ocidental); a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* de 1789 <sup>51</sup>; a *Convenção de Genebra* de 1864 que especificava a obrigação de ampliar o cuidado, sem discriminação, ao pessoal militar ferido ou doente, mantendo o respeito para com eles e com a marca de transportes de pessoal médico e equipa distinguidos pela cruz vermelha sobre um

---

<sup>49</sup> Moreira (2005: 569,570).

<sup>50</sup> Uma Breve História dos Direitos Humanos. In, Unidos pelos Direitos Humanos [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://br.humanrights.com/what-are-human-rights/brief-history/magna-carta.html> (Consultado em 17/02/2017).

<sup>51</sup> Idem.

fundo branco <sup>52</sup>.

Mais recentemente outros convênios foram concebidos e ratificados, salientando-se entre os mais proeminentes a *Declaração Universal dos Direitos do Homem* <sup>53</sup>; a *Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial* <sup>54</sup>; o *Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais* <sup>55</sup>; a *Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres* <sup>56</sup>; a *Convenção contra a Tortura e Outras Penas ou Tratamentos Cruéis, Desumanos ou Degradantes* <sup>57</sup>; a *Convenção sobre os Direitos da Criança* <sup>58</sup>; a *Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia* <sup>59</sup>; e, mais recentemente, a *Declaração de Nova Iorque sobre Refugiados e Migrantes* <sup>60</sup>.

Se outrora a maior parte destes acordos foram vilipendiados devido a inúmeros interesses e deslealdades, hoje em dia, por causa do agravamento da xenofobia, do racismo, do nacionalismo e do segregacionismo, constata-se que os tratados celebrados a partir do século XX pouco ou nenhum poder têm para estabelecerem a ordem e a paz entre os povos, como é seu desígnio.

Neste particular, é de salientar os chamados Direitos Humanos que cada vez

---

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> Declaração Universal dos Direitos Humanos. Unicef - Brasil [em linha]. Disponível na Internet:<URL:

[https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10133.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm) (Consultado em 17/02/2017).

<sup>54</sup> Resolução 2106 (XX) da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 21/12/1965 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/pd-eliminacao-discrimina-racial.html> (Consultado em 17/02/2017).

<sup>55</sup> Resolução 2200A (XXI) da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 16/12/1966 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/cidh-dudh-psocial.html> (Consultado em 17/02/2017).

<sup>56</sup> Resolução n.º 34/180 da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 18/12/1979 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dm-conv-edcmulheres.html> (Consultado em 17/02/2017).

<sup>57</sup> Resolução n.º 39/46 da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10/12/1984 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dhaj-conv-contratortura.html> (Consultado em 17/02/2017).

<sup>58</sup> Resolução n.º 44/25 da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 20/11/1989 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dc-conv-sobre-dc.html> (Consultado em 17/02/2017).

<sup>59</sup> Conselho Europeu de Nice de 7 a 9/12/2000 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://infoeuropa.euroid.pt/files/database/000006001-000007000/000006824.pdf> (Consultado em 17/02/2017).

<sup>60</sup> Declaração de Nova Iorque sobre Refugiados e Migrantes. Declaração da UNICEF ratificada em 19 de setembro de 2016 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: [https://www.unicef.pt/18/site\\_unicef-declaracao\\_nova\\_iorque\\_refugiados\\_e\\_migrantes\\_2016-09-20.pdf](https://www.unicef.pt/18/site_unicef-declaracao_nova_iorque_refugiados_e_migrantes_2016-09-20.pdf) (Consultado em 17/02/2017).

mais têm uma relevância infinda atendendo aos gravíssimos dilemas que se vivem no mundo, mas que geram divergências enormes entre a cultura ocidental e a cultura oriental no que respeita ao entendimento que deles se faz.

É triste constatar que, para se protegerem os seres humanos das crueldades que hoje em dia se perpetram, assim como os princípios humanísticos que estão subjacentes aos mesmos - na sua essência inclusive -, se tenham de produzir, em organismos internacionais, diversos conjuntos de normas para nortear o comportamento que governos e povos devem ter no que concerne ao respeito pela dignidade humana, porém, é bem mais pesaroso apurar-se a disputa indecorosa que se faz sobre a origem dos Direitos Humanos, quando o mais relevante seria o de se verificar, na prática, a consumação dos mesmos, já que é a única forma plausível (nos dias de hoje) de se respeitar o ser humano.

Este tipo de entendimento sobre os Direitos Humanos (quem foi o criador de ...) tem as suas raízes no pensamento ocidental, o qual pretende minimizar (senão mesmo ostracizar) a influência que o pensamento oriental teve na inspiração dos mesmos e as evidências históricas provam-no, especialmente no que se refere a tolerância e diversidade.

Neste sentido, *Amartya Sen* elucida, de forma bem expressiva, isso mesmo:

“[...] o tema dos direitos humanos frequentemente degenera em campo de batalha no qual se defrontam diversas crenças e reivindicações. Nos debates políticos, pode surgir como tema de diferenciação, mais que como ideia unitária. Tais oposições têm por vezes sido consideradas "choques de civilizações" ou "batalhas entre culturas". Por exemplo, diz-se com frequência que os países ocidentais reconhecem numerosos direitos humanos, especialmente os que estão ligados à liberdade pública, ao passo que os países asiáticos não o fazem. Muitos vêem nisso um importante factor de divisão. A tentação de pensar de acordo com tais esquemas regionais e culturais é muito forte no mundo contemporâneo. Os partidários e os adversários dos direitos humanos frequentemente utilizam esses argumentos culturais, baseados nas tradições e nas crenças existentes em determinada sociedade.”

(Sem, 2001: 421 a 429)

Cita este autor, com pertinência e sobre esta insensata contenda, a intervenção que o Ministro das Relações Exteriores de Singapura fez na Conferência de Viena sobre os Direitos Humanos em 1993: “*O reconhecimento universal do ideal dos direitos humanos pode ser nefasto se a universalidade é utilizada para contestar ou mascarar a realidade da diversidade*” (Sem, 2001: 421 a 429).

Neste contexto, não só se verifica que a cultura ocidental se arroga, indevidamente, à condição de criador dos apelidados Direitos Humanos (algo que se consolidou a partir do Iluminismo), como se atesta que esta tendência discricionária menospreza o contributo, de muitos milénios, da cultura ocidental e oriental, olvidando-se por exemplo e ainda segundo o mesmo escritor, o legado deixado por *Aristóteles*, *Platão* e *Santo Agostinho*, assim como por *Confúcio*, *Asoka* e *Maimónides*, entre outros, o qual auxiliou na génese dos apelidados Direitos Humanos que hoje se encontram redigidos e registados, mas que não têm força de lei, mesmo nos Países que os subscreveram (alguns deles considerados desenvolvidos), dado que muitas impunidades continuam a sobrevir.

Concluindo a sua análise, *Amartya Sen* defende que,

“Não pretendo de forma alguma descartar a reivindicação de “particularidade” do Ocidente sustentando que as culturas asiáticas têm mais argumentos para reivindicar a prioridade do conceito dos direitos humanos. Defendo antes a ideia de que as culturas asiáticas desenvolvem, tanto quanto as tradições ocidentais uma grande diversidade de posições. Tanto na Ásia quanto no Ocidente, alguns valorizaram a ordem e a disciplina, ao passo que outros se centraram na liberdade e na tolerância. Destacam-se duas propostas. Primeiro, admitir que a ideia dos direitos humanos enquanto direitos de todo o ser humano, com um alcance universal absoluto e uma argumentação bem desenvolvida, é recente. Na sua forma precisa, não é uma ideia antiga nem no Ocidente, nem em qualquer outra parte. Em seguida, nas tradições e pensamentos antigos, encontramos elementos (como a valorização da tolerância e da liberdade) muito próximos e absolutamente coerentes com a noção moderna de direitos humanos. Podemos encontrá-los nos escritos de certos pensadores asiáticos e nos de autores ocidentais. Podemos assim afirmar que não existe dicotomia cultural global, seja reivindicada pelos que acreditam na “particularidade” do Ocidente ou pelos partidários do autoritarismo asiático.

(Sem, 2001: 421 a 429)

Na opinião do autor deste trabalho académico, fica a certeza de que o etnocentrismo ocidental continuará a manifestar-se desta forma grotesca e egocêntrica (defendendo para si o primado da conceção dos Direitos Humanos em detrimento do contributo da cultura oriental e de outras culturas), originando, *ipso facto*, em vez de consensos e pontes para a unificação universal, cada vez mais desentendimentos quanto à origem e aplicabilidade dos princípios que constam na *Declaração Universal dos Direitos do Homem* e dos tratados que se seguiram para a complementarem; assim como lhe fica a convicção de que as convenções, as declarações, os tratados e outro género de documentos que foram concebidos para defender os Direitos Humanos, ainda que sejam regulamentos imprescindíveis, pois o ser humano carece, infelizmente, de leis para se saber comportar e respeitar

o seu próximo, não passam de meras falácias, pois as atrocidades continuam a ocorrer globalmente e não existe vontade política a nível mundial e europeu em particular, para colocar em prática e de forma incontestável o que se encontra ratificado por inúmeros signatários, alterando assim o *modus vivendi* contemporâneo. Prova cabal do que acima se afiança e sem entrar em grandes minudências, o que está descrito no preâmbulo da *Carta das Nações Unidas* <sup>61</sup> e, igualmente, no preâmbulo e todos os artigos da *Declaração Universal dos Direitos do Homem* <sup>62</sup>, encontra-se muito longe de ser uma realidade concreta com resultados visíveis e satisfatórios (nenhum País subscritor destes documentos cumpre na totalidade o que está escrito e muitos tão-pouco aceitam o que está regulamentado), não passando estes documentos, por isso, de pura utopia.

Como exemplo do que acima se aventa, bastará citar o que se encontra plasmado no Artº. 4 da *Declaração Universal dos Direitos do Homem* <sup>63</sup> - “Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.” - e que de forma alguma acontece, pois neste terceiro milénio continua a existir escravatura, trabalho infantil e tráfico de seres humanos, entre outros horrores; assim como o que se encontra descrito no Artº. 5 - “Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.” - o que é verdadeiramente surreal, tendo em conta que todos os dias temos conhecimento de penas de morte em alguns Estados Americanos e na China (só para citar estes dois Países) e no que concerne a tortura bastará, somente, referir o que se passa na Prisão de Guantánamo, oficialmente Campo de Detenção da Baía de Guantánamo.

---

<sup>61</sup> Carta das Nações Unidas. In, Gabinete de Documentação e Direito Comparado - Direitos Humanos - Instrumentos e textos Universais [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/onu-carta.html> (Consultado em 19/02/2017).

<sup>62</sup> Declaração Universal dos Direitos do Homem [em linha]. Disponível na Internet:<URL: [http://www.fpce.up.pt/sae/pdfs/Decl\\_Univ\\_Direitos\\_Homem.pdf](http://www.fpce.up.pt/sae/pdfs/Decl_Univ_Direitos_Homem.pdf) (Consultado em 19/02/2017).

<sup>63</sup> Declaração Universal dos Direitos Humanos. Unicef - Brasil [em linha]. Disponível na Internet:<URL: [https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10133.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm) (Consultado em 19/02/2017).



#### 4. Fundamentalismo versus Refugiados e Migrantes

O ser humano, desde sempre, foi e será um *homo religiosus* e *Mircea Eliade* justifica tal, alegando que ...

“[...] o homem religioso assume um modo de existência específica no mundo, e, apesar do grande número de formas histórico religiosas, este modo específico é sempre reconhecível. Seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o *homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real. Crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana actualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa, ou seja, participa da realidade. Os deuses criaram o homem e o Mundo, os Heróis civilizadores acabaram a Criação, e a história de todas as obras divinas e semi-divinas está conservada nos mitos.”

(Eliade, 1992: 97)

Contudo, os tempos que vivemos revelam-nos, com mais acuidade, uma realidade que controla, sobremaneira, o comportamento dos seres humanos e que se relaciona com a ação alienadora que as religiões causam nestes e que provoca conflitos incomuns e destruições pavorosas, que apesar de serem ancestrais, hoje devido a um drástico e intransigente neotribalismo - conceito que *Michel Maffesoli* defende na sua obra *O Tempo das Tribos - O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa* e que provém da decadência do individualismo na sociedade de massas, ou seja, ao invés da solidez instigada pelo tribalismo clássico, o neotribalismo é determinado pela fluidez, pelos agrupamentos pontuais e pela difusão dos mesmos -, e a um avanço comunicacional e tecnológico sem precedentes, tornam-se mais presentes, até pelo protagonismo que cada uma dessas confissões deseja ter no proscênio mundial.

Este tipo de sectários, assim como as ações que cometem, vão corroendo o Humanismo sob a capa de uma falsa religiosidade e da liderança de minorias despóticas, deixando-se seduzir por novos movimentos que desencadeiam eventos cada vez mais dizimantes, provocando, desse modo, não só uma mudança social a nível global, como o surgimento do designado fundamentalismo religioso e do terrorismo, os quais promovem uma violência moderna sem paralelo.

Para *Anthony Giddens*, “O fundamentalismo religioso descreve a abordagem desenvolvida por grupos religiosos que apelam a uma interpretação literal das escrituras ou textos básicos e acreditam que as doutrinas que emergem destas

*leituras deveriam ser aplicadas a todos os aspectos da vida social, económica e política.*” (Giddens, 2008: 561) e reforça esta sua ideia referindo que,

“Num mundo em globalização que exige razões racionais, o fundamentalismo insiste em respostas baseadas na fé e em referências à verdade ritual: o fundamentalismo é a tradição defendida de um modo tradicional. O fundamentalismo tem mais a ver com como as crenças são defendidas e justificadas, do que com o conteúdo das próprias crenças. Apesar do fundamentalismo se opor à modernidade, também emprega abordagens modernas na difusão das suas crenças.”

(Giddens, 2008: 561)

De realçar que o fundamentalismo desde sempre existiu nas mais diversas crenças existentes (monoteístas e não só), como tal não é exclusivo de uma religião, denominação religiosa ou seita em particular, porém, nos dias que correm este fanatismo exacerbado tem vindo a causar vítimas sem fim e tem como causador principal o designado fundamentalismo islâmico, que nada tem a ver com a religião islâmica. A este propósito, de evidenciar o testemunho de *Maajid Nawaz*, antigo recrutador do grupo extremista ‘Hizb-ut-Tahrir’ (percursor da Al-Qaeda) e que hoje é coordenador da Fundação Quilliam - cujo objetivo é evitar que o Isis (Daesh) e grupos afins aliciem pessoas no Ocidente para as suas causas -, sobre as razões que levam as pessoas a aderirem a estes grupos: “*Quando você se sente impotente, quando sente que não controla o seu próprio destino e que não tem voz alguma, é muito tentador, apesar de equivocado, sentir que se tornou um agente do destino, sentir de repente que tem voz e que está a moldar a História.*”<sup>64</sup>

Para *Roberto Carlos Ramos*, “*No século XXI, o fundamentalismo ressurgiu, não para combater movimentos de esquerda, mas para combater quem outrora os manipulou, como os Estados Unidos e a Europa.*” (Alves, 2010: 67 *apud* Ramos, 2010: 26) e afiança que “*Os fundamentalistas islâmicos, através do neofundamentalismo desprovido de território, são como uma metamorfose, sem faces, utilizando a internet criada pelos ocidentais, na tentativa de criar uma “umma” [termo que no Islão se refere à comunidade constituída por todos os muçulmanos do mundo] virtual.*” (Ramos, 2010: 26).

---

<sup>64</sup> Programa “A História de Deus com Morgan Freeman” - Episódio 2. In, Youtube [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://www.youtube.com/watch?v=v2BLaoK2Qrs> (Consultado em 28/03/2017).

Neste contexto e ainda segundo este autor,

“Os fundamentalistas advogam que, embora os muçulmanos devam viver num Estado Islâmico, não devem perder o objectivo da violência e da (re)islamização da *umma* através da desterritorialização. O inimigo continua a ser o ocidente, porém, e por agora, a violência política não deve ser opção, muito embora alguns neofundamentalistas admitam uma mensagem política de revolta e ação.”

(Alves, 2010: 68 *apud* Ramos, 2010: 26).

O neofundamentalismo é, portanto, “[...] *um processo de desculturação que vê na globalização uma oportunidade de reestruturar a religião, não pondo o Islão a ser conotado com uma única e específica cultura, como explica Oliver Roy.*” (Roy, 2004: 259 *apud* Ramos, 2010: 26).

Na última década e através de diversos grupos radicais de que se destacam a Al-Qaeda, o Boko Haram, o Hezbollah e o pior de todos, no momento, o Daesh, carnificinas sem fim têm ocorrido por todo o mundo e em países que se encontram em perfeita anomia social e política e que são contrários ao “islamismo sunita” e à “charia”.

Esta situação, cada vez mais inquietante, tem provocado a saída de milhares e milhares de pessoas dos seus Países, no intuito de fugirem à guerra, ao domínio tirânico destes movimentos terroristas e à violência brutal, o que causa fluxos migratórios descomunais rumo à Europa, através de variadas rotas, no intento de encontrarem novos começos para as suas existências, paz e condições de vida.

Com o findar do século XX, *Alfred Opitz* coloca uma pergunta pertinente: “[...] *por que estão os muçulmanos [fundamentalistas] mais empenhados na violência intergrupar do que os povos de outras civilizações. Será que foi sempre assim?*” (Opitz, 1998: 309), embora hoje em dia comecem a utilizar outras formas de ação no que concerne a ataques terroristas.

*Roberto Carlos Ramos* responde-nos a esta aporia defendendo que,

“[...] as razões pelas quais os fundamentalistas islâmicos são muito mais [empenhados e] antiocidentais, parecem ser porque a influência cultural, o dinamismo económico e a divergência ideológica e religiosa são enormes, para além das atitudes do mundo ocidental revelarem perigos, no que diz respeito ao seu poder militar.”

(Ramos, 2010: 30)

Contudo, esta situação acontece porque,

“O islão é uma fonte de instabilidade no mundo porque lhe falta um centro dominante. Os Estados que aspiram a ser os dirigentes do islão, como a Arábia Saudita, o Irão, o Paquistão, a Turquia e, potencialmente, a Indonésia, competem para conseguirem ter influência no mundo islâmico, mas nenhum deles está numa posição forte que lhe permita mediar conflitos no interior do islão, assim como nenhum deles é capaz de atuar com autoridade em nome do islão para regular conflitos entre muçulmanos e não muçulmanos. Finalmente, e muito importante, a explosão demográfica nas sociedades muçulmanas e a disponibilidade de grande número de indivíduos do sexo masculino com idades entre os 15 e 30 anos, frequentemente desempregados, tornaram-se uma fonte de instabilidade e de violência no seio do islão e contra os não muçulmanos. Mesmo que possam existir outras causas, este fator seria suficiente para explicar a violência muçulmana nos anos 80 e 90. O envelhecimento desta geração avantajada e difícil de assimilar na terceira década do século XXI e o desenvolvimento económico das sociedades muçulmanas, caso ocorra, podem, conseqüentemente, conduzir a uma significativa redução da propensão muçulmana para a violência e, como tal, provocar um declínio geral na frequência e intensidade das guerras civilizacionais.”

(Huntington, 1999: 312)

Perante estas circunstâncias, o panorama internacional avassalador que nos revela diariamente litígios políticos colossais, situações económicas inexplicáveis, conflitos religiosos aviltantes, disputas geoestratégicas estultas e problemas sociais e ambientais aterradores, transformou a avelhentada Europa num espaço geográfico almejado para a construção de uma vida diferente e melhor para largos milhares de seres humanos, permitindo-lhes dessa forma fugirem das guerras que os torturam, da destruição avassaladora que as mesmas causam, da intolerância hedionda que está na sua origem, da fome, da miséria e da doença que padecem.

Todavia, a Europa que conhecemos e que é ansiada por tantos como solução para os seus mais imediatos e infernais problemas, encontra-se ainda a recuperar de enorme crise financeira; confronta-se com uma falta de orientação política sem paralelo, tanto ao nível dos mais elevados responsáveis da União Europeia como dos Estados-Membros que a compõem e onde os respetivos governos administram os seus Países de forma opaca e em nome de interesses nada transparentes; defronta-se com gigantescos problemas demográficos, de carácter social e migratórios no seu seio; e depara-se, igualmente, com uma desmedida falta de identidade, não só de cidadania, como cultural.

Perante o medo de islamização que os líderes europeus enfrentam e os cidadãos temem, devido às troadas populistas oportunistas que circulam perigosamente no espaço europeu, apesar de se ter consciência que a Europa está envelhecida e precisa urgentemente de crescer em termos demográficos, o *Papa*

*Francisco* alerta-nos, para a grande realidade dos refugiados e dos migrantes, a qual deve ser analisada com muita atenção, sob pena de se perder o paradigma humanístico que sempre tem caracterizado a Europa:

“De igual forma, é necessário enfrentar juntos a questão migratória. Não se pode tolerar que o Mar Mediterrâneo se torne um grande cemitério! Nos barcos que chegam diariamente às costas europeias, há homens e mulheres que precisam de acolhimento e ajuda. A falta de um apoio mútuo no seio da União Europeia arrisca-se a incentivar soluções particularistas para o problema, que não têm em conta a dignidade humana dos migrantes, promovendo o trabalho servil e contínuas tensões sociais. A Europa será capaz de enfrentar as problemáticas relacionadas com a imigração, se souber propor com clareza a sua identidade cultural e implementar legislações adequadas capazes de tutelar os direitos dos cidadãos europeus e, ao mesmo tempo, garantir o acolhimento dos imigrantes; se souber adotar políticas justas, corajosas e concretas que ajudem os seus países de origem no desenvolvimento sociopolítico e na superação dos conflitos internos - a principal causa deste fenómeno - em vez das políticas interesseiras que aumentam e nutrem tais conflitos. É necessário agir sobre as causas e não apenas sobre os efeitos.”

(Papa Francisco, 2014)

E reforça esta sua ideia, lembrando que,

“Cuidar da fragilidade [dos povos e das pessoas] quer dizer força e ternura, luta e fecundidade no meio dum modelo funcionalista e individualista que conduz inexoravelmente à «cultura do descarté». Cuidar da fragilidade das pessoas e dos povos significa guardar a memória e a esperança; significa assumir o presente na sua situação mais marginal e angustiante e ser capaz de ungi-lo de dignidade. [...] Uma das doenças que, hoje, vejo mais difusa na Europa é a solidão, típica de quem está privado de vínculos. Vemo-la particularmente nos idosos, muitas vezes abandonados à sua sorte, bem como nos jovens privados de pontos de referência e de oportunidades para o futuro; vemo-la nos numerosos pobres que povoam as nossas cidades; vemo-la no olhar perdido dos imigrantes que vieram para cá à procura de um futuro melhor.”

(Papa Francisco, 2014)

Como breve resumo deste capítulo, apuramos que nesta época pós-moderna globalizante e em virtude de todas as céleres transformações que se têm operado no mundo e na Europa, os comportamentos sociais em geral e as idiossincrasias em particular têm sofrido inúmeras alterações, nem sempre as melhores, mas é no comportamento humano que constatamos as maiores diferenças.

O individualismo que vai grassando, o hedonismo que vai medrando de forma incontrolada e um neotribalismo que cada vez ganha mais terreno nas relações humanas, está a gerar um homem novo que é cada vez mais superficial, menos casuístico, mais narcísico e egocêntrico. Dos antigos prazeres que a vida proporcionava (pelo menos até às décadas de 60 e 70 do século XX) em termos de

convívios, de partilhas intelectuais, de estruturas familiares fortes onde as primeiras socializações ajudavam a formar seres preparados para os desafios que tinham pela frente, restam agora gerações antigas exaustas e desalentadas com as ocorrências terríveis que se repetem num movimento perpétuo e gerações novas que, desconhecendo a realidade que as cerca, vivem desorientadas e procuram descobrir por si ou através de grupos onde se identificam, as respostas que não lhes souberam transmitir.

O Humanismo de antanho está a desaparecer tal como o conhecíamos.

Surde, entretantes, um Humanismo Individualista, ou através de grupos minoritários que se dedicam a realizações humanitárias e ambientais, ou em concretizações particulares quando advêm situações gravíssimas.

No princípio deste século XXI muitas dúvidas e incertezas ficam por esclarecer, mas a mais importante delas, quiçá, é a de que tipo de homem se está a formar nesta centúria que tudo atropela à sua passagem. Será que estas transmutações irão consolidar um ser humano cada vez mais egoísta, que somente busca o seu bem-estar, assim como a tribo onde melhor se identifica - que *Michel Maffesoli* tão bem explica: “[...] a constituição dos microgrupos, das tribos que pontuam a espacialidade se faz a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação.” (Maffesoli, 1998: 194) -, e que não o obriga a uma ligação duradoura, podendo sempre optar por novas soluções, novos atalhos e grupos, destruindo, destarte, o que resta do Humanismo, pois estas tribos criam isolacionismo e segregacionismo; ou será que esta metamorfose irá gerar, depois de experiências menos conseguidas e de resultados funestos alcançados, um homem cada vez melhor, mais participativo na vida societária, mais envolvido nas soluções que têm de ser encontradas para resolver os problemas existentes, dando lugar a um Humanismo atualizado - um *Humanismo Renascido*?



### **CAPÍTULO III - O Homem do Século XXI: - Humanista ou não?**

Após o percurso efetuado até ao momento, procurou-se não só analisar o significado do Humanismo e a sua evolução através de diversas correntes de pensamento que foram assomando e reinterpretando o conceito em si, como o surgimento de organizações nacionais e internacionais que os seres humanos foram criando nos últimos decénios, supostamente para se defenderem de novas situações terríficas que sempre acompanharam a gesta humana - tendo o século XX sido um dos exemplos mais significativos no que concerne a tal -, no intento de ajudarem, através de códigos de variadíssima espécie, quem precise de auxílio e/ou viva indefeso e sujeito às mais hediondas violências.

Conquanto o autor deste trabalho reconheça que inúmeras coisas boas foram concebidas em prol da Humanidade, sobretudo em períodos áureos da civilização humana (que já foram referidos previamente) e que ainda têm enorme relevância atualmente, também tentou comprovar que, nas derradeiras décadas (até à presente), tudo o que se produziu pelas estruturas nacionais e internacionais para regulamentar e penalizar as condutas aterradoras que vão proliferando por todo o planeta não passa de imoral sofisma - estéril nos resultados que almeja alcançar e a maior parte das vezes pleonástico - e que sobrevêm, somente, para silenciar a boca dos que amarguradamente sofrem - fazendo-os supor que algo está a ser feito por eles -, pois esses documentos e o que neles se encontra considerado têm como único objetivo satisfazer e saciar, de forma calculista, rentável e egocêntrica, os grandes benefícios de personagens sem escrúpulos que, infelizmente, detêm o poder nas suas mãos a todos os níveis.

Sobre esta temática, *Zygmunt Bauman* na sua obra *Vida a Crédito*, é bastante taxativo quando assevera, no que respeita (por exemplo) à Declaração Universal dos Direitos do Homem, que os fatores económicos se sobrepõem aos políticos:

“O destino da Declaração depende do progresso ou da falta de progresso na resolução do problema mais geral das instituições verdadeiramente globais, capazes de estender o controle efetivo sobre as consequências sociais e políticas da globalização, até agora desenfreadas e desregulamentadas (globalização "negativa", como a chamo: globalização limitada às forças que se especializaram em ignorar fronteiras e linhas de autodefesa comunitárias e em violar ou passar por cima de leis localmente estabelecidas e legislações



compulsórias). No que diz respeito ao avanço da globalização, a política fica muito aquém da economia, de todas as economias - a legal, a ilegal e a oculta.”

(Bauman, 2010: 117,118)

E reforça essa sua análise sobre o não cumprimento da Declaração dos Direitos Humanos, dando como exemplo o caso dos prisioneiros no âmbito da “Guerra ao Terror”:

“Estes [direitos humanos internacionais], em geral, estão em atividade, embora com uma enorme margem de casos abomináveis (cobertos de vergonha) de violação por parte de poderes que se julgam livres para burlá-los e permanecer impunes (como no caso do número, mantido em segredo, de prisioneiros capturados e detidos sem julgamento e sem acusação em prisões, acampamentos e câmaras de tortura também secretos e improvisados, construídos, ativados ou contratados em várias partes do globo pela CIA ou pelo Pentágono, no quadro da "Guerra ao Terror"). Essas exceções à parte, em geral o homem pode contar com um tratamento humano em todo o mundo, pelo menos no grau de humanidade com que os nativos são tratados.”

(Bauman, 2010: 120)

Em qualquer uma destas circunstâncias, seja nas decorrências mais extraordinárias que provocaram, seja no pior que elas causaram, o personagem que tem originado saltos qualitativos na Humanidade ou que a tem destruído com as suas atitudes impudentes -, delapidando dessa forma e gradualmente o Humanismo -, é o próprio Homem <sup>65</sup>.

Face aos novos paradigmas gerados nesta pós-modernidade tardia e globalizante em que vivemos, constata-se uma medrante transformação nos comportamentos societários, assim como a ação direta do Homem enquanto criador ou personagem do que vai acontecendo e que só a espaços - de forma pessoal ou em alguns casos comunitariamente - revive o Humanismo como modelo de vida. Neste particular, *Armindo Santos* na sua obra *Antropologia Geral - Etnografia, Etnologia, Antropologia Social*, explica-nos como forças exógenas influem negativamente sobre sociedades até então equilibradas:

“As sociedades humanas contemporâneas são múltiplas, de grandes e pequenas dimensões, existindo nas mais variadas condições geográficas (do deserto árido à floresta densa, passando pelas regiões geladas, encontram-se seres humanos naturalmente

---

<sup>65</sup> Nota do Autor: O Termo “Homem” é utilizado para significar o personagem humano que faz parte integrante da “Humanidade”, o qual abarca todos os géneros que a compõem (homens e mulheres) [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://www.priberam.pt/dlpo/homem> (Consultado em 03/04/2017) ou, como *Armindo Santos* defesa: “Homem na sua essência morfológica, anatómica” (Santos, 2002: 23).

organizados socialmente), segundo os tipos mais originais de organização social e infinitas formas culturais. Sociedades, muitas delas em locais dos mais recônditos do planeta, mas perfeitamente viáveis nos seus modelos actuais, sobretudo se em numerosos casos (para não dizer em quase todos) forças exógenas adversas não intervissem e causassem desequilíbrios de toda a ordem, conduzindo à sua miséria material e destruição cultural, quando não a autênticos etnocídios como, por exemplo, em muitas situações da floresta amazónica.”

(Santos, 2002: 22)

É pertinente rememorar, no que respeita a este género de ‘forças exógenas’ que *Armando Santos* destaca e que provocam condutas sociais anómalas, que a lógica confusa desta pós-modernidade tardia encontra-se organizada em verdades relativas, assim como noutros paradigmas que entretanto emergiram e que mais adiante serão minudenciados, e estas encontram-se alicerçadas não só na religião e na ciência, assim como no corpo e na mente, isto é, a lógica racional de outrora não se circunscreve mais numa dualidade (crença-alma / empirismo-racionalismo), mas sim numa lógica que insere o Homem numa desordem nocional sem fim e dispersada em diversos centros de interesse, sendo um dos mais significantes exemplos desta lógica o comportamento do Homem coetâneo no que respeita à profissão e à família, em que os valores se inverteram: a profissão, por força da competitividade desbragada e do desemprego decorrente torna-se a primeira prioridade e a família, pilar fundamental da sociedade, é relegada para segundo plano, quando não é mesmo omitida, frequentemente devido a horários incomportáveis e ordenados incompatíveis com a vida familiar.

Neste âmbito e dando conta destas mutações, *Edgar Morin* (2000), defende que o Pensamento do Complexo <sup>66</sup> (que define em obra posterior) e a Transdisciplinaridade devem ser os trilhos exequíveis neste novel ciclo do

---

<sup>66</sup> “O Pensamento do Complexo: Há necessidade de um pensamento que ligue o que está separado e compartimentado, que respeite o diverso ao mesmo tempo que reconhece o uno, que tente discernir as interdependências; - de um pensamento radical (que vá à raiz dos problemas); - de um pensamento multidimensional; - de um pensamento organizador ou sistémico que conceba a relação todo-partes, tal como começou a desenvolver-se nas ciências ecológicas e nas ciências da Terra; - de um pensamento ecologizado que, em vez de isolar o objeto de estudo, o considere em e por sua relação auto-eco-organizadora com seu ambiente-cultural, social, económico, político, natural; de um pensamento que conceba a ecologia da ação e a dialética da ação, e seja capaz de uma estratégia que permita modificar e até mesmo anular a ação empreendida; - de um pensamento que reconheça o seu inacabamento e negocie com a incerteza, sobretudo na ação, pois só há ação no incerto.” (Morin e Kern, 2003: 159,160).

pensamento humano e correspondente comportamento, seguindo, desta forma, o raciocínio de *Max Weber* (1864 - 1920) dado que, para este autor, o verdadeiro ponto de partida é a percepção da atividade dos atores sociais e não a observação das organizações societárias ou dos grupos *per se*.

Com este entendimento, *Max Weber*, não tinha o propósito de contestar a existência ou a relevância dos fenómenos societários, como o Estado, a empresa capitalista ou a sociedade incógnita, mas, unicamente, a de fazer sobressair a necessidade de entender as ideias e as causas dos seres humanos que vivem determinadas conjunturas sociais. Assim, estabeleceu a abordagem da subjetividade do indivíduo, com o reconhecimento das atuações particulares e pessoais.

Para *Max Weber*, na sua obra *Economia e Sociedade* (1994), os episódios societários não são 'coisas', mas factos que o cientista apreende e cujas razões diligenciará deslindar. Qualquer que seja o horizonte perfilhado pelo averiguador, ele sempre redundará numa elucidação parcial. Este autor foi mais longe no seu estudo, ao conceber um meio de análise que apelidou de 'tipo ideal' e que se trata de uma produção abstrata a partir de situações específicas analisadas. O 'tipo ideal' não pretende ser um padrão a atingir, nem um caso observável, é, isso sim, uma edificação do pensamento, uma lupa que ajuda na observação.

Os grandes teóricos da Sociologia como *Émile Durkheim* e *Max Weber*, não podem ser apreciados, simplesmente, como antecessores desta ciência pois, de acordo com *Adalberto Dias Carvalho* (1985), as cogitações que estes eruditos produziram persistem em fomentar a averiguação societária contemporânea.

Neste âmbito, *Michel Maffesoli* assenhoreia-se, de certa maneira, de algumas concepções de *Émile Durkheim* e *Max Weber* para aclarar as transformações que estão a sobrevir no âmago das sociedades coetâneas onde, neste novo arquétipo cultural, a "Humanidade" estará, segundo a sua percepção, a ingressar numa 'fase tribal', ou seja, um retorno a valores que a modernidade considerava inumados.

Face aos mais diversos pareceres que se vão produzindo, tanto no campo antropológico como sociológico, no que toca ao comportamento societário atual e à conduta individualista, hedonista e egocêntrica que o Homem vai manifestando

nos dias de hoje, ficam por responder algumas questões que preocupam todos os que acolhem e se dedicam a esta problemática:

- Será que o Homem Europeu do terceiro milénio continuará a viver fragmentado e em tribos?

- Manterá o Homem Europeu a sua condição de *Homo Religiosus* ou arredar-se-á da religiosidade?

- Que novos desafios a Europa (intramuros e inserida num contexto global), irá ter num futuro próximo?

Sem qualquer tipo de retórica desproporcionada, nos subcapítulos que se seguem tentar-se-ão encontrar algumas respostas para as incertezas apresentadas, tendo-se perfeita noção que as mesmas são o resultado do pensamento lógico e analítico do autor, se bem que em algumas situações os argumentos defendidos possam ser entendidos como meras especulações.

## 1. O Homem Fragmentado e o Neotribalismo

Se, por breves momentos, pretendermos assinalar antropologicamente, as diferenças existentes entre o Homem e os animais, no intuito de se compreender as atitudes que aquele hoje em dia assume, podemos seguir a linha de pensamento de *Roque de Barros Laraia*, quando este se refere às diferenças entre aquele e os animais:

“O que diferencia o homem dos animais é exatamente a capacidade que tem de não se satisfazer apenas com estas necessidades [biológicas]. Um animal bem alimentado e protegido está satisfeito, mas um homem na mesma condição não está necessariamente. De facto, a humanidade aprendeu até mesmo a sacrificar parte de sua satisfação biológica para poder realizar as suas mais diferentes fantasias.”

(Laraia, 2005: 335,336)

Em sequência desta observação, convirá ter em apreço, igualmente, a avaliação que *Zygmunt Bauman* faz sobre o Homem atual, na sua obra *A Vida Fragmentada - Ensaio sobre a Moral Pós-Moderna* e que, de alguma forma, complementa o pensamento de *Roque de Barros Laraia*, pois considera que, no seu âmago, o humano é um ser moral, independentemente daquilo que o separa dos animais:

“Somos, por assim dizer, inelutavelmente - existencialmente - seres morais: por outras palavras, confrontamo-nos com o desafio do Outro, com o desafio da responsabilidade pelo Outro, enquanto condição de existir-para. Mais do que decorrer de um ordenamento social e de uma aprendizagem pessoal, esta «responsabilidade por» delinea a cena primitiva a partir da qual emergem os ordenamentos sociais e a instrução pessoal, que remetem para essa cena primitiva tentando redefini-la e administrá-la.”

(Bauman, 2007:13)

Contudo, alerta-nos ainda e de maneira judiciosa, para as diferenças entre “moral” e “bom”:

“«Ser moral» não significa que sejamos «bons», mas que utilizamos a nossa liberdade de autores e/ou de actores como uma escolha entre o bem e o mal. Dizer que os seres humanos são «seres essencialmente morais» não quer dizer que sejamos fundamentalmente bons; e dizer que as regras construídas e ensinadas pela sociedade são seguidas por referência à condição moral original não é a mesma coisa que dizer que o mal provém da deformação ou da degradação da bondade original causada por pressões sociais nocivas ou pela imperfeição do ordenamento social. Sustentar que a condição humana é moral antes de ser ou de poder ser qualquer outra coisa significa que muito antes de nos ser dada qualquer classificação autorizada do que é «bom» e do que é «mau» (e por vezes do que não é nem uma coisa nem outra), estamos já confrontados com a escolha entre o bem e o mal - o que acontece a partir do encontro, primeiro entre todos e inevitável, com o Outro.”

(Bauman, 2007: 13,14)

Perante esta dicotomia entre “moral” e “bom”, somos forçados a admitir que o Homem de hoje, em vez de viver a sua essência humanística num espírito fraterno, mantendo os seus liames com o ‘Outro’ e com o ‘nós’, torna-se um produto do universo globalizado que o encaminha para a sedução do cosmos moderno e, intrinsecamente, para o ‘eu’. Isto porque a sociedade em que está integrado - onde pulula toda uma oferta fútil e um sistema desumano promovido pela tecnologia e pelo capitalismo irracional que transforma o Homem em “estatísticas” em vez de seres humanos com sentimentos e necessidades naturais -, tem originado ao longo dos tempos dois géneros de indústria que têm vindo a destruir a Humanidade. *Zygmunt Bauman*, de forma um pouco crua, mas realística, delata esta situação tão brutal:

“[...] desde o princípio desenvolveu duas indústrias de massa de "refugo humano" [...]. Uma dessas indústrias é a da construção da ordem (que nada pode fazer além de produzir maciçamente entulhos humanos, aquilo que é "impróprio", o excluído do reino da sociedade apropriada e ordenada, "normal"). A outra, chamada "progresso económico", resulta em grandes quantidades de sobras humanas, seres para os quais não há lugar na "economia", nenhum papel útil a desempenhar, nenhuma oportunidade de ganhar a vida, pelo menos nas formas definidas como legais, recomendáveis ou pelo menos toleráveis.”

(Bauman, 2010: 88)

A realidade acima descrita, que cada vez mais é sentida em todos os espaços do orbe terrestre, provoca gravíssimos problemas a nível cultural, étnico, social e económico e conduz, ao mesmo tempo, os povos para uma descrença total no que respeita àqueles que têm responsabilidades nas governações dos seus Países e, embora o mesmo autor alegue que,

“A vida não tem de ser assim. O espaço onde coabitamos pode perfeitamente ser estruturado em termos de concertação: num espaço assim concertadamente organizado, em que numerosas coisas da maior importância para a vida de cada um de nós (transportes, escolas, serviços médicos, meios de comunicação) serão partilhadas, poderemos ver os outros mais como condições do que como obstáculos no que se refere ao nosso bem-estar tanto colectivo como individual. Do mesmo modo que uma existência fragmentada e descontínua causa o enfraquecimento dos impulsos morais, uma existência em que as relações são contínuas e multifacetadas tonificaria as responsabilidades morais e despertaria a exigência de assumirmos a tarefa de gerir os nossos assuntos, doravante efectivamente comuns. E do mesmo modo que uma vida de episódios e uma política reduzida à gestão da crise promove o abandono da política, o exercício de responsabilidades compartilhadas seria um grande passo em frente no sentido de contribuir para que os cidadãos recuperassem as vozes que perderam ou deixaram de tentar tornar audíveis. Como diz *Steven Connor*, «Só pondo inteiramente em risco o "nós" que somos, realizamos as possibilidades da nossa humanidade».”

(Bauman, 2007: 288)

o que se apura é que o Homem vive cada vez mais fracionado, mais isolado na sua comunidade, mais introvertido, mais afastado da identidade própria, mais longe da sua cultura nativa e cada vez mais inseguro, ou seja e “*Por outras palavras, o mundo em que vivemos (e que contribuímos para fazer por meio das nossas trajectórias de vida) exhibe as marcas da fragmentação, da descontinuidade e da inconsequência.*” (Bauman, 2007: 269), *ipso facto*, o que constatamos por todo o lado é a consolidação de um egocentrismo cada vez mais acirrado e de um isolacionismo confrangedor, pois o medo gritante de amar o próximo e ajudá-lo, assim como receber auxílio dele e por ele ser amado, são entendidos como anátemas e esta forma de sentir e viver origina,

“[...] a solidão, o vazio, a dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si; daí uma fuga para a frente de «experiências», que mais não faz do que traduzir esta busca de uma «experiência» emocional forte. Porque não posso amar e vibrar? Desolação de Narciso, demasiado bem programado na sua absorção em si próprio para poder ser afectado pelo Outro, para sair de si - e, no entanto, insuficientemente programado, pois deseja ainda um mundo relacional afectivo.”

(Lipovetsky, 2016: 118)

Se o fracionamento do Homem se manifesta como uma realidade concreta,

através de um neonarcisismo que se exterioriza através de uma “[...] *desmotivação ante a coisa pública e, por outro, uma descripação e desestabilização da personalidade.*” (Lipovetsky, 2016: 158) e que progride por via do afrouxamento das suas ligações pessoais, na veneração do natural, nas uniões livres, no incremento dos divórcios, nas alterações incessantes dos gostos, valores e desejos, numa ética transigente e permissiva, na propagação de síndromas psicopatológicos - stress e depressão -, entre outras causas e sinais, constatamos que este tipo de postura do ser humano origina em si, uma “[...] *desunificação, pela fragmentação da personalidade, [e isto porque] a sua lei é a coexistência pacífica dos contrários.*” (Lipovetsky, 2016: 159). Este tipo de comportamento faz emergir um novo paradigma, entretentes, na “Humanidade” atual - o ‘neotribalismo’.

Para *Michel Maffesoli*, nesta pós-modernidade desequilibrada que vivemos, os homens começaram a eleger, em sequência da fragmentação que os atinge, um ponto de vista mais emocionante em relação ao seu universo e, como tal, dão espaço ao hedonismo <sup>67</sup> e à emoção entre as novas gerações. Segundo o entendimento deste autor, esta nova conduta vem alterar o protótipo do individualismo no que respeita à inteção da sociedade atual.

*Zygmunt Bauman*, a propósito desta teoria de *Michel Maffesoli*, é bastante explícito quando expressa a sua opinião:

“Michel Maffesoli sugeriu [...] um conceito muito feliz, o neotribalismo, para descrever um mundo como o nosso - um mundo que tem como característica notável a busca obsessiva da comunidade. (O termo, parece, tentar captar um fenómeno semelhante àquele discutido por *Eric Hobsbawm* sob o título de invenção da tradição e por *Benedict Anderson* sob o título de comunidade imaginada). O nosso mundo, sugere Maffesoli, é um mundo tribal, um mundo que só admite verdades tribais e decisões tribais sobre o certo e o errado ou o belo e o feio. Mas é também um mundo neotribal, diferente da antiguidade tribal original em aspetos bastante vitais.”

(Bauman, 1999b: 263)

A diferença entre tribo original e neotribalismo é bem real pois a primeira conceção, que remonta a tempos longínquos, retrata-nos uma população que se

---

<sup>67</sup> “O hedonismo psicológico tem como fundamento a noção que em todas as ações, o ser humano tem a intenção de obter mais prazer e menos sofrimento e essa forma de viver é única coisa que fomenta a ação humana. Por outro lado, o hedonismo ético tem como princípio o facto de o homem contemplar o prazer e os bens materiais como as coisas mais importantes das suas vidas.” In, Significados [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://www.significados.com.br/hedonismo/> (Consultado em 28/04/2017).

constitui em grupos coesos, com vestimentas e práticas idênticas:

“Nos povos indígenas o termo tribo traduzia alianças entre clãs, aldeias ou povoações; era um tipo de sociedade organizada com partilha e distribuição dos papéis, que permitia de uma forma mais eficaz a satisfação das necessidades básicas como as da alimentação e de defesa pessoal.”

Sousa e Fonseca, 2009: 209

Já a segunda noção (nova fase tribal), *Michel Maffesoli* apelida de ‘tribalismo pós-moderno’ ou ‘neotribalismo’ e isto porque a sociedade atual está organizada por variados tribalismos: **Religiosos:** *Rasta ou Rastafari* (“[...] movimento religioso [cujo] objectivo é o de recuperar o modo de vida africano (afrocentrismo), através da proximidade com a natureza e da subsistência com os recursos naturais. Este movimento espalhou-se pelo mundo através do reggae, graças à popularidade de Bob Marley.”), (Sousa e Fonseca, 2009: 211); *Opus Dei* (“[...] instituição pertencente à Igreja Católica, que se intitula como uma ferramenta evangelizadora da igreja, com o objetivo de santificar o trabalho cotidiano das pessoas sob as condutas de uma vida cristã.”)<sup>68</sup>; **Desportivos:** *Dreads* (“Os Dreads estão associados à prática de desportos radicais, são frequentes os skaters, snowboarders, bikers. Habitualmente circulam em grandes grupos e não são violentos”), (Sousa e Fonseca, 2009: 212); *Claques de Futebol;* **Hedonistas:** *LGBT* (“[...] sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgéneros, que consistem em diferentes tipos de orientações sexuais.”)<sup>69</sup>; *Plocs* (“[...] tem como ponto de união, nos seus elementos, os aspectos estéticos que traduzem um desejo de voltar à infância. Com mais adeptas femininas, esta tribo caracteriza-se pelo uso de roupas coloridas e dos mais variados acessórios com motivos infantis.”), (Sousa e Fonseca, 2009: 213,214); **Musicais:** *Clubbers* (“[...] são uma das novas tribos do século XXI. Surgiram, em Londres, do clubbing, isto é, frequência assídua de discotecas (clubs) onde se ouve música house, techno, trance, underground, drum n’bass.”), (Sousa e Fonseca, 2009: 211); *Emos* (“[...] (abreviação de emotional) é um estilo de música descendente do hardcore. Os seus

---

<sup>68</sup> Opus dei [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://www.significados.com.br/opus-dei/> (Consultado em 09/05/2017).

<sup>69</sup> LGBT (ou LGBTTTT) [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://www.significados.com.br/lgbt/> (Consultado em 09/05/2017).



*primórdios remontam a meados dos anos 80 [e] estabeleceu-se “definitivamente” (tanto quanto uma tribo urbana o permite) no início do século XXI com imensos adolescentes a aderirem.”), (Sousa e Fonseca, 2009: 213); **Tecnológicos:** Redes Sociais; Nerds (“[...] é um termo derivado de Northern Electric Research and Development [...] e que descreve alguém com dificuldades de integração social e que, no entanto, nutre grande fascínio por conhecimento ou tecnologia. [...]”), (Sousa e Fonseca, 2009: 212); **Políticos:** Illuminati<sup>70</sup>; Clube Bilderberg<sup>71</sup>; **Étnicos:** Skinheads (“Os skinheads ganharam notoriedade por promoverem confrontos nos estádios de futebol (hooliganismo) e, alguns deles, por usarem a violência contra algumas minorias étnicas e homossexuais.”), (Sousa e Fonseca, 2009: 210); *White Aryan Resistance (WAR)*<sup>72</sup>; **Culturais:** Góticos (“Os góticos distinguem-se das outras tribos urbanas pela sua estética obscura que representa sentimentos de “apego ao nada”, uma falta de esperança, um luto pela situação da humanidade.”), (Sousa e Fonseca, 2009: 211); Hip-Hop ([...] espécie de “cultura das ruas”, um movimento de reivindicação traduzido numa música com letras questionadoras e agressivas com ritmo forte e intenso e nas imagens grafitadas.), (Sousa e Fonseca, 2009: 210).*

---

<sup>70</sup> Illuminati é o nome de um grupo secreto que tem como objetivo dominar o mundo através da fundação de uma Nova Ordem Mundial. A palavra *illuminati* é um termo do latim que significa "iluminado" e representa uma ordem ou sociedade secreta que tem o iluminismo como base das suas doutrinas. Como se trata de um grupo secreto, ele é rodeado de grande mistério e há várias teorias que provam ou que negam a sua existência. Apesar disso, quase todos os autores que se manifestam sobre este assunto concordam que o objetivo dos Illuminati é alcançar o domínio total do mundo, através de influências e pressões políticas, econômicas e sociais [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://www.significados.com.br/illuminati/> (Consultado em 09/05/2017).

<sup>71</sup> O Clube Bilderberg foi fundado em 1954 e, desde então, vem realizando suas reuniões como forma de promover o diálogo entre a Europa e os EUA. Ao todo, participam entre 120 a 150 líderes políticos e influentes empresários nas áreas da indústria, finanças e media; além de acadêmicos, dos encontros anuais para discutir assuntos como política externa, tecnologia, Oriente Médio e África. É considerado, por especialistas, como o encontro mais secreto do mundo, tamanha é a segurança e os ritos que seguem a tradição do Clube [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://portugalglorioso.blogspot.pt/2014/06/afinal-o-que-e-o-clube-bilderberg.html> (Consultado em 09/05/2017).

<sup>72</sup> The White Aryan Resistance (WAR) is a neo-Nazi national-socialist organization that preaches racial discrimination and solidarity among the Anglo-Saxon segment of the population, especially among white blue-collar workers, as a means of racial survival of the white men. The anti-capitalistic doctrine of the organization is also known as "Third Force" or "Third Position," and based on the left-wing theories sponsored by Gregor Strasser, a German Nazi Party member, executed in 1934 by Hitler's order. The group also claims to be fighting against a Zionist-occupation government (ZOG) that purportedly controls the U.S. government, among others [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.encyclopedia.com/politics/legal-and-political-magazines/white-aryan-resistance-war> (Consultado em 09/05/2017).

*Michel Maffesoli* descreve esse ‘neotribalismo’ como uma ‘comunidade emocional’ ou ‘nebulosa afetiva’ em antítese ao protótipo de organização racional característico da sociedade moderna.

Nas ‘tribos’, o ‘*ethos* comunitário’ é classificado pelo agregado de expressões que destina a uma subjetividade comum, a um queimor repartido. A aquiescência a esses ajuntamentos é sempre célere, não subsistindo uma finalidade consistente para estes encontros que possa afiançar a sua continuação. Tratam-se somente de redes de amizade episódicas que se agrupam com a ideia particular de confirmar o sentimento que um determinado grupo tem de si próprio (Maffesoli, 1998).

Tendo em consideração o que este autor revela sobre o ‘neotribalismo’, a que igualmente denomina de ‘comunidades emocionais’, poder-se-á garantir que este novo entendimento traz à superfície o ‘tipo ideal’ das ‘comunidades afetivas’ ou ‘emocionais’, que é aludida na obra póstuma de *Max Weber* - “*Economia e Sociedade*” (1994).

Para este erudito, essa ordem serviu como denunciadora de conjunturas que estavam presentes na modernidade. *Max Weber* designa a ‘comunidade’ como “*uma relação social, na medida em que a orientação da ação social baseia-se num sentido de solidariedade, resultado de ligações emocionais*” (Weber, 1994). A ‘comunidade’ é, pois, a consequência de um processo de integração, cujo motivo do grupo é um sentimento de pertença vivenciado pelos participantes e cuja causa se alicerça em qualquer género de elo emocional ou afetivo, daí a expressão: ‘comunidades emocionais’.

Para *Max Weber* esses reagrupamentos estão, vulgarmente, à parte das inflexibilidades institucionais. O ‘grupo’ (ou ‘comunidade’) pode ser aberto ou fechado e tal derivará da tradição, de posturas apaixonadas ou condicionado racionalmente por valores ou fins. Tanto a aprovação quanto a rejeição dos indivíduos pode diversificar imenso, de modo que variados predicados podem ser alvitrados para a aceitação ou até para a delimitação dentro do grupo (Weber, 1994). As particularidades dessas ‘comunidades emocionais’ são: o cariz fugaz, a constituição alternante, a inscrição local, a inexistência de uma estrutura e a organização diária. Estas mesmas especificidades são usadas por *Michel Maffesoli*

para defender o 'neotribalismo'.

*Michel Maffesoli* (1998) propõe que a 'comunidade aberta' e a emoção repartida que origina a multiplicidade de grupos, chegam a instituir uma forma de laço societário bem robusto.

Argumenta igualmente, que o 'neotribalismo' é uma "*constatação empírica, ou seja, as pessoas estão se reagrupando em microtribos e buscando novas formas de solidariedade, que não são encontráveis necessariamente nas grandes instituições sociais habituais*" (Maffesoli, 1998), neste particular, de salientar o caso específico das ONGs, cuja atuação tem, cada vez mais, uma pertinência progressiva, principalmente na solução de problemas, em que a sua estrutura e a sua forma de ação (informação sem fronteiras e contactos informais), podem ser mais eficazes do que a atividade dos Estados e das organizações oficiais (exemplos de ONGs relevantes são a Amnistia Internacional, a Human Rights Watch, a Greenpeace - na área da proteção do ambiente e da vida animal -, a AMI - Assistência Médica Internacional -, o Banco Alimentar Contra a Fome, o SOS Racismo e outras de natureza local, regional, nacional e internacional.

O 'tribalismo' reporta-se, previsivelmente, a um desejo de "estar-junto", onde o que interessa é a partilha de sensações em comum. Isto vai coordenar o que este autor cognomina como uma 'cultura do sentimento', composta por ligações palpáveis e maneiras grupais de afinidade. Esta cultura do sentimento tem, como exclusiva apreensão, a atualidade vivida coletivamente. Este encadeamento de ideias evoca a 'solidariedade orgânica' de *Émile Durkheim* onde o encontro de proveitos complementares gera uma união societária, isto é, um outro género de princípio de solidariedade, com ética inerente e que dá proveniência a uma moderna estrutura social. *Émile Durkheim* (1991) interpretou a 'solidariedade orgânica' na sua obra "*De La Division Du Travail Social*" e, conforme o exposto nessa brochura, a cisão do trabalho, distintiva das sociedades mais desenvolvidas, produz um novo padrão de solidariedade, não mais fundamentado na analogia entre os seus membros (solidariedade mecânica), mas na complementação de frações diferenciadas.

O encontro de conveniências complementares gera uma ligação social nova, isto é, um outro género de princípio de solidariedade, com ética apropriada e que

determina uma nova composição social, sendo o seu fundamento a ‘diversidade’. A ‘solidariedade orgânica’ envolve uma maior emancipação, com uma percepção pessoal mais livre. Trata-se de uma conexão que tem como primórdio a ‘diversidade’ de funções societárias, onde se demanda a parceria “*daqueles que pensam e que sentem como nós*” (Durkheim, 1991). É isto que possibilita determinar uma ligação entre a ‘solidariedade orgânica’ e as ‘comunidades neotribalistas’ de *Michel Maffesoli*, ou seja, o ponto comum entre ambas é a consciência compartilhada entre os elementos da comunidade, sentimento esse que *Michel Maffesoli* classifica de ‘aura estética’ (o sentir em comum). Desta maneira, na sua observação pós-modernista, o ‘tribal’ assoma-se como um gênero de contrapartida a uma sociedade cujas conexões e coesão sociais são débeis.

O ‘neotribalismo’ corresponde, desta forma, a uma espécie de réplica a uma sociedade segmentada, glacial, egoísta, pessoal, competitiva e burocrática, onde a subsistência no seio das ‘tribos’ abre a oportunidade de um encontro afetivo, a formação de um campo de discordância e de um canal alegórico de manifestação identitária.

Neste contexto, todos os acontecimentos fraturantes que se têm disseminado na sociedade, global recente, têm originado “[...] *um novo individualismo, no qual as pessoas têm de constituir-se a si próprias de modo ativo e construir as suas identidades.*” (Giddens, 2008: 61) e isto porque, segundo este sociólogo, o *modus vivendi* atual das comunidades locais, ao serem forçadas a viver conforme as diretrizes que emanam de uma ‘nova ordem mundial’ originada pela globalização, debilita a construção sólida dessas entidades. Neste contexto afirma que:

“À medida que as comunidades locais interagem com uma nova ordem mundial, o peso da tradição e dos valores estabelecidos enfraquece. Os «códigos sociais» que antigamente guiavam as escolhas e as ações das pessoas perderam significativamente importância. [...] A globalização está a obrigar as pessoas a viver de uma forma mais aberta e reflexiva. Isto significa que estamos constantemente a responder ao contexto de mudança à nossa volta e a ajustar-nos a ele; enquanto indivíduos, evoluímos com os contextos mais abrangentes onde estamos inseridos. Mesmo as mais pequenas escolhas que fazemos no dia-a-dia - o que vestir, como ocupar os tempos livres, como cuidar da saúde e do físico - são parte integrante de um processo contínuo de criação e recriação das nossas identidades pessoais.”

(Giddens, 2008: 61,62).

Neste século XXI e consolidados numa Pós-Modernidade impessoal por força da globalização, dos novos paradigmas que ela gerou e do poder económico descontrolado e bárbaro, pode assegurar-se que vivemos no chamado Tribalismo Pós-Moderno ou Neotribalismo que *Michel Maffesoli* sugere e que provem da decadência do individualismo na sociedade de massas. Neste sentido, este autor alega que, o que é entendido como uma ideia geral, mais não é do que a influência direta ou indireta de um determinado grupo a que se pertence, o que origina aquilo que apelida de ‘nebulosa afetiva’, ou seja:

“Essa nebulosa “afetiva” [interações que assumem aspetos endémicos e tornam-se preeminentes na consciência coletiva] permite compreender a forma específica assumida pela sociabilidade nos nossos dias: o vaivém massa-tribos. Com efeito, a diferença do que prevaleceu durante os anos setenta [...] trata-se antes do ir-e-vir de um grupo para outro, do que da agregação a um bando, a uma família, a uma comunidade. É isso que pode dar a impressão de atomização. [...] De facto, ao contrário da estabilidade induzida pelo tribalismo clássico, o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. [...] E é no seio de uma tal ambiência [estética] que, pontualmente, podem ocorrer essas “condensações instantâneas”, tão frágeis, mas que, no seu momento, são objeto de forte envolvimento emocional.”

(Maffesoli, 1998: 106,107)

Para este pensador as ‘neotribos’ revelam a sociedade criadora da nossa contemporaneidade, na qual sucede uma contradança inalterável entre a massificação crescente e o desenvolvimento de microgrupos com modelos comunitários que se supunha sobrepujados. Após o ciclo de desencanto que o universo vai vivendo quotidianamente e a Europa em especial, o homem vai-se fragmentando, como *Zygmunt Bauman* defende, e para se “reconstruir ou encontrar uma nova identidade” procura acolhimento em Grupos/Neotribos e nesse particular refere ainda que esta nova identificação em grupos específicos (neotribos) - numa procura vã de se reconhecer em algo que se aproxime dos seus gostos e ideais -, torna-se efémera devido à sua temporalidade, defraudando dessa forma as expectativas e esperanças colocadas durante a sua integração na(s) tribo(s) escolhida(s), o que provoca, com mais intensidade, um maior fracionamento interior devido à insatisfação que colhe e que não fazia parte dos resultados almejados.

Neste âmbito, defende que:

“A sua existência [neotribos] é transitória e em fluxo contínuo. Inflamam mais a imaginação e atraem a lealdade mais ardente quando ainda residem no reino da esperança. São

formações frouxas demais para sobreviver ao movimento da esperança para a prática. Parecem ilustrar a definição de ser de *Jean-François Lyotard* como algo que "escapa à determinação e chega cedo e tarde demais". Parecem também se encaixar muito bem no conceito kantiano de comunidade estética. Para *Kant*, a comunidade estética é e está fadada a ser uma ideia, uma promessa, uma expectativa, uma esperança de unanimidade que não deve ser. A esperança de unanimidade traz a comunidade estética à existência; a não realização dessa esperança mantém-na viva. A comunidade estética deve a sua existência, por assim dizer, a uma promessa falsa. Mas a escolha individual não pode ser feita sem tal promessa.

(Bauman, 1999b: 263,264)

Ementes, encontramos-nos ao mesmo tempo a viver um reencantamento no cosmos, que tem como sustentáculo primordial uma renovada maneira de disseminar a cultura através de novas vias (das redes sociais quando devidamente utilizadas, dos *mass media* quando sérios e isentos e de grupos que pugnam por um multiculturalismo abrangente e sem resquícios de superioridades culturais de antigamente), assim como de novas formas de atuar nesta área e essa difusão passa por um novo tipo de mensagem e, porventura, de uma nova Corrente Humanista, que se expressa através de uma Transdisciplinaridade que pretende resolver os graves problemas hodiernos através da junção de proficiências de várias disciplinas sociais. O mundo está sempre em mudança (a História é prova viva de tal desiderato) e novas formas de pensar e atuar têm metamorfoseado o planeta ao longo de centúrias sem fim.

- Será que se poderá apelidar uma hipotética nova corrente humanista de "*Humanismo Renascido*"?

Tendo em apreço que o Humanismo é um conceito que se realiza através do comportamento humano e não uma doutrina, que se trata de uma filosofia de razão e ciência em busca do saber e que ressurgiu através de novas noções, acompanhando dessa forma os tempos, o *Humanismo Renascido* que o autor defende, tem como primórdio basilar a adaptação à realidade global que hoje se vive, de alguns dos preceitos a que o *Humanismo Universalista* aspira, nomeadamente, a conceção de uma comunidade humana mundial que não seja apática, mas sim, um universo humano diverso e interativo, composto por todas as etnias, línguas e costumes existentes, assim como pelas mais diversas crenças, desde o agnosticismo até às diferentes formas de religiosidade, rejeitando a fé arbitrária e o fundamentalismo, bem como de alguns dos cânones do *Humanismo Secular*, que defende a aplicação das lições da história e da vivência pessoal para

produzir renovados alicerces morais e éticos, no propósito de criar um novo sentido para a vida humana, encorajando para tal a dedicação a um conjunto de princípios que promovem o desenvolvimento da tolerância, da compaixão, da ética (tanto individual, quanto social e política), da diversidade, da justiça, da fraternidade, da filantropia, da igualdade, de uma compreensão dos métodos da ciência, da prática da análise crítica e da reflexão filosófica, assim como do respeito integral dos Direitos Humanos.

O *Humanismo Renascido* teria na propagação da sua mensagem, para além dos fundamentos acima indicados, pilares essenciais como a criação de condições sociais para que todos os povos tenham as mesmas oportunidades e o mesmo direito ao bem-estar humano e à responsabilidade individual; à família nuclear e a uma renovada educação multicultural e transdisciplinar através da arte, da música, da literatura, da filosofia e de áreas recentes do conhecimento, como são as ciências humanas, sabendo aproveitar para esse efeito as melhores valências que as novas tecnologias permitem, juntando a estas o encorajamento para o regresso aos clássicos (autores e livros), onde tanto se tem para aprender, especialmente no que respeita ao comportamento social atual; a procura da satisfação e do incentivo à criatividade do ser humano e da “Humanidade” em geral; a inquietação permanente com a vida real e o pacto de a prover de sentido, através de uma melhor agnição de quem somos enquanto espécie, da nossa história e das nossas aquisições intelectuais e artísticas; do cuidado ecológico da Terra, da assistência aos doentes, aos deficientes, às crianças, às mulheres vulneráveis, aos idosos, aos desempregados e aos mais frágeis, o que permitirá acompanhar a evolução antropológica que vai emergindo dia a dia; do repúdio à discriminação, aos estereótipos, aos estigmas, às guerras, recuperando desta forma, com mais intensidade, a designada “não-violência ativa” que se pode definir como uma atitude cuja característica fundamental é a rejeição a todas as formas de violência.

O porvir esclarecerá se a sugestão apresentada fará sentido e se ganhará corpo com o tempo. Todavia, para o autor deste trabalho, esta designação é a mais consentânea com o que vai surgindo a espaços (atitudes filantrópicas, comportamentos solidários e fraternais, quando enormes hecatombes ocorrem), através de ações humanísticas que comunidades ativas - pequenas, médias e

grandes organizações -, tanto na Europa como no mundo em geral, realizam. Daí passar a usar esta terminologia doravante.

O que se aguarda, contudo, e com viva expectativa, é que a fragmentação do homem e o 'neotribalismo' que campeiam desafortadamente neste século XXI, deem lugar a uma nova forma de interação entre os homens e aquilo que hoje os vai separando, possa vir a ser suplantado e novos valores humanísticos os congreguem de novo.

## **2. Retorno do Homem do Século XXI à Religião Tradicional ou Eclosão de um Novo Tipo de Religiosidade?**

Através da teoria sobre o “*Inconsciente Colectivo*” de *Carl Jung* (2000) e do conceito que *Mircea Eliade* (1992) advoga sobre o crente e o não-crente, a religião está, infalivelmente, na origem da vida humana, afectando-a e transformando-a e tal influencia, tanto o *Homo Religiosus*, como o Homem moderno *a-religioso*.

“Constatemos somente que, em última instância, o homem moderno a-religioso assume uma existência trágica e que a sua escolha existencial não é desprovida de grandeza. Mas o homem a-religioso descende do homo religiosus e, queira ou não, é também obra deste, constituiu-se a partir das situações assumidas por seus antepassados. Em suma, ele é o resultado de um processo de dessacralização.”

(Eliade, 1992: 98)

Desde épocas imemoriais, o homem não se aparta de uma existência superna e de uma imagética misteriosa e transcendental e é neste contexto que a narrativa se arquiteta e progride, com origem nas intemporalidades e no *Homo Religiosus*.

Se um dos recursos da cronologia humana é o que o homem *produz*, poder-se-ia reconhecer nas suas práticas, um fundamento preambular para a investigação das religiões e religiosidades.

- Sabendo que na génese da evolução humana está a religiosidade, que religiões terão influído de forma ímpar para aquela que hoje intitulamos de “Conceção Humanista” e que nos foi propagada através dos tempos?

Todas as três religiões monoteístas mais preponderantes na história universal (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) tiveram, de alguma forma (com



mais ou menos contributos), influência no Humanismo que despontou na Europa em plena Idade Média e se consolidou com o Renascimento e o Iluminismo, contudo, não podemos olvidar que “*As primeiras referências a filosofias semelhantes ao Humanismo surgem na Antiguidade, no turbilhão de ideias produzidas pelos filósofos da Grécia Antiga.*”<sup>73</sup>, nomeadamente através de Sócrates e mais tarde por via dos Estoicos.

De igual maneira, todas tiveram a sua génese no Próximo Oriente influenciando-se reciprocamente, contudo, nunca podemos omitir as influências que advieram de civilizações, culturas e diversas crenças, que antecederem aquelas (Egipto e Mesopotâmia, Pérsia, entre outras).

Tentar compreender a dimensão que a religião tem no comportamento humano é tarefa assaz complicada, ou, como *Anthony Giddens* menciona:

“O estudo da religião representa um desafio, na medida em que coloca fortes exigências à imaginação sociológica. Ao analisarmos as práticas religiosas, temos de interpretar crenças e rituais muito diferentes dos que encontramos em várias culturas humanas. Temos de ser sensíveis aos ideais que inspiram convicções profundas aos crentes, e de manter simultaneamente uma visão equilibrada dos mesmos. Temos de confrontar ideias que buscam o eterno, enquanto reconhecemos ao mesmo tempo que os grupos religiosos também promovem objectivos bastante mundanos - como os de adquirirem recursos financeiros e seguidores. Temos de reconhecer a diversidade das crenças religiosas e dos modos de conduta, mas devemos igualmente analisar a natureza da religião como fenómeno de carácter geral.”

(Giddens, 2008: 535)

Longos foram os caminhos trilhados pelo Homem na religiosidade e enquanto o Cristianismo teve o seu grande domínio no Ocidente (ainda mantém algum hoje em dia, mas de forma mais prudente, sujeito a críticas e a um novo tipo de perseguições), o ser humano manteve-se dependente da protecção que aquele lhe oferecia, mas não gratuitamente.

Em nome das religiões, sobretudo as designadas de monoteístas, muitas barbaridades se cometeram (e continuam a perpetrar) e tudo em nome de um Deus magnânimo.

Relembre-se a este propósito que, no Judaísmo, as guerras narradas no Antigo Testamento (em especial no Livro de Josué), são motivadas pela vontade e

---

<sup>73</sup> Breve Introdução à História do Humanismo. In, Humanismo Secular Portugal. Texto de Miguel Duarte, 2002 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.humanismosecular.org/historia-humanismo> (Consultado em 15/05/2017).

proteção de Deus, no sentido de se conquistar a Terra Prometida; as Cruzadas que, enquanto movimentos militares cristãos, rumaram à chamada Terra Santa com a finalidade de ocupá-la e mantê-la sob domínio cristão, combatendo assim o Islamismo (entre o século XI e o século XIII - 1095 a 1270); as Guerras Religiosas Francesas que, durante o século XVI, opuseram os católicos e os protestantes huguenotes; a Guerra dos Trinta Anos, entre católicos e protestantes, durante o século XVII, no território que é hoje a Alemanha; e, mais recentemente, os ataques de 11 de setembro, nos Estados Unidos, que podem ser entendidos como uma “*jihad*” (guerra santa) contra o “Grande Satã” - a América -, e que, no entender dos muçulmanos, é sinónimo do Cristianismo, mantendo-se, até aos dias de hoje, outras guerras e atentados terroristas, sob a égide da religião fundamentalista (islâmica).

Contudo, e em resultado destas inconseqüências religiosas, bem como de uma modernidade e de uma pós-modernidade que tudo revolucionou, o homem fragmentou-se e, no intuito de criar uma pretensa proteção para si próprio, começou a esconder-se em ‘neotribos’.

Perante estes desfechos dos tempos modernos e das ofertas exógenas e *a-religiosas* que o ser humano vai recebendo e consumindo avidamente, “*O apoio entusiasta à religião em todo o mundo é, infelizmente, acompanhado pela proliferação de conflitos religiosos. A religião pode ser uma fonte de consolo e apoio, mas também esteve e continua a estar na origem de intensas lutas e conflitos sociais.*” (Giddens, 2008: 556), daí que, toda esta profusão de acontecimentos conflituantes tenham vindo, ao longo dos tempos (não só no presente século), a afastar os prosélitos das religiões tradicionais, acentuando dessa forma uma secularização cada vez maior, e isto porque, em vez de se ocuparem com a disseminação da sua doutrina de paz e amor e cativar novos fiéis ou manter os que já conquistaram, deixam-se enredar nas tramas que as ideologias e o poder económico congeminam, no intuito de dominarem totalmente a população mundial.

Mesmo assumindo que a religião, *per se*, nos seus formatos tradicionais e/ou modernos, continue a oferecer “[...] *a muitas pessoas perspectivas sobre questões complexas acerca da vida e do seu sentido que não podem ter uma resposta satisfatória no âmbito de perspectivas racionalistas.*” (Giddens, 2008: 556), o

momento que se vive nesta pós-modernidade incomum é todo composto de indiferença e é um terreno árido que se revela na apatia das massas, que ...

“[...] está tão longe do niilismo «passivo» e do seu deleite comprazido na inanidade universal, como do niilismo «activo» e da sua autodestruição. Deus morreu, as grandes finalidades extinguem-se, mas toda a gente se está a lixar para isso, eis a jubilosa nova, eis o limite do diagnóstico de *Nietzsche* a respeito da queda europeia. O vazio do sentido, a derrocada dos ideais não levou, como se poderia esperar, a mais angústia, a mais absurdo, a mais pessimismo. Esta maneira de ver ainda religiosa e trágica é desmentida pelo surto da apatia de massa, da qual as categorias de plenitude e decadência, de afirmação e negação, de saúde e doença são incapazes de dar conta. Mesmo o niilismo «incompleto», com os seus sucedâneos de ideais laicos, passou, e a nossa bulimia de sensações, de sexo, de prazer, nada esconde, nada compensa e, sobretudo, não esconde nem compensa o abismo de sentido aberto pela morte de Deus. A indiferença e não a infelicidade metafísica. O ideal ascético já não é a figura dominante do capitalismo moderno; o consumo, os tempos livres, a permissividade, já nada têm a ver com as grandes operações da medicação sacerdotal: hipnotização-estivação da vida, crispação das sensibilidades por meio de actividades maquinais e de estrita obediência, intensificação das emoções estimuladas pelas noções de pecado e de culpa. [...] A desenvoltura pós-moderna liquida o cansaço, o enquadramento ou o extravasar niilista; a desconstracção abole a fixação ascética”

(Lipovetsky, 2016: 64,65)

Perante esta crua realidade (de indiferença, crispação de sensibilidades e de niilismo - negação de todo e qualquer princípio religioso, social e político), que afasta cada vez mais o ser humano da religiosidade e, por inerência, do Humanismo, reemerge por todo o lado e com particular veemência, o fundamentalismo, só que este assoma-se sob “[...] *formatos novéis e desconhecidos: [...] novos movimentos religiosos, cultos, seitas e actividades do new age*” (Giddens, 2008: 556). Este género de fundamentalismo religioso relata uma “[...] *abordagem desenvolvida por grupos religiosos que apelam a uma interpretação literal das escrituras ou textos básicos e acreditam que as doutrinas que emergem destas leituras deveriam ser aplicadas a todos os aspectos da vida social, económica e política*”. (Giddens, 2008: 561)

Convirá, entretanto, evidenciar que este género de radicalismo é um fenómeno recente que se tornou presente no discurso coetâneo nos dois ou três últimos decénios e surgiu como resposta à globalização. Neste sentido, *Anthony Giddens* esclarece-nos que o fundamentalismo tem mais a ver com o modo como se praticam as crenças do que com o seu conteúdo:

“À medida que as forças da modernização minavam progressivamente os elementos tradicionais do mundo social - como a família nuclear e a dominação das mulheres pelos

homens - o fundamentalismo surgiu em defesa das crenças tradicionais. Num mundo em globalização que exige razões racionais, o fundamentalismo insiste em respostas baseadas na fé e em referências à verdade ritual: o fundamentalismo é a tradição defendida de um modo tradicional. O fundamentalismo tem mais a ver com como as crenças são defendidas e justificadas, do que com o conteúdo das próprias crenças.”

(Giddens, 2008: 561)

Contrariamente ao que é disseminado, o fundamentalismo não se limita somente ao Islamismo.

Também o Judaísmo e o Cristianismo têm as suas vertentes fundamentalistas, sendo que, no caso concreto desta segunda religião (nomeadamente nos Estados Unidos da América, Canadá, Nova Zelândia e na Austrália), atinge proporções horrendas, que estão ao nível das atrocidades que os fundamentalistas islâmicos praticam, tal como lemos neste contributo:

“Anti-abortion violence is violence committed against individuals and organizations that provide abortion. Incidents of violence have included destruction of property, in the form of vandalism; crimes against people, including kidnapping, stalking, assault, attempted murder, and murder; and crimes affecting both people and property, including arson and bombings. Anti-abortion extremists are considered a current domestic terrorist threat by the United States Department of Justice. Most documented incidents have occurred in the United States, though they have also occurred in Australia, Canada, and New Zealand. G. Davidson Smith of Canadian Security Intelligence Service defined anti-abortion violence as single-issue. A study of 1982-87 violence considered the incidents "limited political" or "sub-revolutionary" terrorism.”

(Wilson e Lynxwiler, 1988: 263-273)

Ainda mais tenebroso o que encontramos na notícia que se segue:

“At least 11 people have been killed in attacks on abortion clinics in the United States since 1993, including the Colorado attack. The most recent victims were Garrett Swasey, a police officer at the University of Colorado - Colorado Springs and a part-time church pastor; Ke'Arre M. Stewart, a former Army specialist who served in Iraq; and Jennifer Markovsky, a woman from Hawaii who was at the clinic with a friend. Authorities identified the gunman in the attack as Robert L. Dear Jr., saying that he opened fire with an assault-style rifle at the facility, setting off an hourslong standoff and gun battle that also wounded nine people. The police have not described the gunman's motive, but authorities said that he spoke of “no more baby parts” in a rambling interview after his arrest. Here is a brief look at the history of deadly violence against abortion clinics, their staff members, patients and their guests in the United States and Canada.”

(Stack, 2015) <sup>74</sup>

Mas se, nestes Países, se verificam tamanhas barbaridades, não se pode

---

<sup>74</sup> A Brief History of Deadly Attacks on Abortion Providers. In, The New York Times, By, Liam Stack - 29/11/2015 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: [https://www.nytimes.com/interactive/2015/11/29/us/30abortion-clinic-violence.html?\\_r=0](https://www.nytimes.com/interactive/2015/11/29/us/30abortion-clinic-violence.html?_r=0) (Consultado em 20/05/2017).

deixar de denunciar a “tortura psicológica” que a chamada evangelização televisiva pratica nos Estados Unidos e na América Latina, mormente no Brasil (casos mais paradigmáticos), onde os líderes dessas seitas enriquecem indecorosamente através da alienação que produzem nos seus seguidores.

Para além destas situações indecentes e sem palavras para serem descritas com propriedade, estes fundamentalistas (ditos cristãos), propagam uma mensagem radical na tentativa de converter os não crentes, sendo contra a teologia liberal e os adeptos do *Humanismo Secular*, isto é, os que são “[...] *a favor da emancipação da razão, dos desejos e dos instintos, por oposição à fé e à obediência ao comando de Deus*” (Kepel, 1994: 133). No âmbito da sua atuação, poder-se-á afirmar que o fundamentalismo cristão “[...] *coloca-se contra a ‘crise moral’ provocada pela modernização - o declínio da família tradicional, a ameaça à moral individual, a relação enfraquecida entre o Homem e Deus.*” (Giddens, 2008: 565).

No que respeita ao fundamentalismo Islâmico, este sustenta-se não só num ativismo exacerbado, destinando-se a combater os descrentes e os “[...] *que introduzem a corrupção na comunidade muçulmana. Ao longo dos séculos, houve gerações sucessivas de reformadores muçulmanos, e o Islamismo tornou-se internamente tão dividido como o Cristianismo.*” (Giddens, 2008: 562) e, neste contexto, podem distinguir-se as três principais vertentes mais conhecidas desta religião: os Sunitas, grupo mais moderado; os Xiitas mais conservadores; e os Wahabistas ou Salafistas, grupo extremista, ortodoxo, ultraconservador e austero, que sustenta financeira e logisticamente grupos terroristas e extremistas, no propósito de fazerem prevalecer, pelo pavor, os seus ideais. Tudo isto com a intervenção direta (como já se referiu anteriormente) da Alemanha, Espanha, França, Inglaterra, Estados- Unidos, Rússia, entre outros, que vendem armamento (tradicional e sofisticado) a estas forças luciferinas.

*Samuel Huntington* na sua obra *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial* (1999) defendia a ideia que “[...] *os confrontos entre as visões ocidentais e islâmicas tornar-se-iam parte de um ‘conflito entre civilizações’ com o final da Guerra Fria e com a globalização crescente*” e, tristemente, acertou nas suas previsões. Tudo isto porque “*O Estado-Nação deixa de ser a principal*

*influência nas relações internacionais; as rivalidades e os conflitos ocorrerão, por isso, entre as grandes culturas ou civilizações.*” (Huntington, 1999).

Se antes era um erro afiançar que o fundamentalismo Islâmico estava a derribar, o certo é que nestas quase duas décadas do século XXI, sobretudo a partir de 2001 (11 de setembro), surgiu com enorme pujança e hoje é uma ameaça constante, mantendo os povos de todo o mundo inseguros e em permanente terror, principalmente em Países considerados inimigos ou que têm relações políticas e económicas com eles. Neste âmbito, *Anthony Giddens* assegura: “*O revivalismo islâmico não pode ser entendido inteiramente em termos religiosos; representa em parte uma reacção contra o impacto do Ocidente e é um movimento de reivindicação nacional ou cultural.*” (Giddens, 2008: 565), ou seja, trata-se de uma insurreição consciente contra a hegemonia do Ocidente e todos os valores que este defende (democracia, neoliberalismo, capitalismo irracional, aculturação, miscigenação, etc.).

Nesta era globalizada e diante destes eventos alarmantes e hediondos, consentidos por decisores políticos ineptos - que em vez de procurarem soluções para um entendimento entre povos, culturas e religiões, respeitando as formas de administração de cada nação e que só demandam os seus interesses pessoais ou de grandes agentes económicos -, verifica-se que o ser humano ocidental pós-moderno cada vez mais se afasta do que o rodeia, criando uma “ilha” à sua volta para não ser molestado e, por tal razão, nesse seu narcisismo, arroga-se defensor de valores que não pratica e de povos que vê à sua própria imagem mas que verdadeiramente não protege:

“O retorno do sagrado é ele próprio arrastado pela celeridade e pela precariedade das existências individuais entregues apenas a si próprias. A indiferença pura designa a apoteose do temporário e do sincretismo individualista. Pode-se assim ser simultaneamente cosmopolita e regionalista, racionalista no trabalho e discípulo intermitente de certo guru oriental, viver numa época permissiva e respeitar, escolhendo-as à lista, as prescrições religiosas. O indivíduo pós-moderno é um indivíduo desestabilizado e de certo modo «ubiquista». O pós-modernismo não passa de um grau mais da escalada da personalização do indivíduo consagrado ao self-service narcísico e a combinações caleidoscópicas indiferentes.”

(Lipovetsky, 2016: 70)

Perante todos estes factos e tentando, dentro do possível, responder à questão que se levanta no título deste subcapítulo, o autor do presente trabalho é

de opinião que, embora o ser humano seja por natureza um *Homo Religiosus*, toda a parafernália materialista que o capitalismo irracional atual lhe impõe a todo o momento - no intuito de saciar não só as necessidades mais importantes do *Homo Faber*, como as mais sórdidas -, assim como os acontecimentos pavorosos que têm sucedido neste milênio com mórbida regularidade, levará, inevitavelmente, o *Homo Sapiens Degradandis* - o termo *Degradandis* foi adaptado a partir do ensaio de Ninis e Bilibio / 2012; os autores realizaram um diálogo entre psicanálise, filosofia e ciências sociais para a discussão da crise ambiental <sup>75</sup>, em contraposição à expressão *Homo Sapiens Demens* defendido por *Edgar Morin*, que se refere ao indivíduo racional, mas igualmente louco, constituído pelo imaginário, pela arte, pela poesia, pela literatura; um ser noológico e criativo -, a preferir a segurança em detrimento da liberdade que tanto lhe custou a conquistar, conduzindo-o ao afastamento definitivo (por outras razões também) da religião tradicional, entregando-se a um novo género de vivência transcendental, que ocasionará um novo tipo de corrente humanista - a dos 'homens perdidos' deste tempo.

Uma novel experiência, religiosa até, que se escorará numa renovada boa-nova, a qual originará uma *re-ligação* totalmente diferente, capaz de compreender todas as religiões e servindo de elo entre os seres humanos (Humanismo), tal como *Edgar Morin* e *Anne Kern* vislumbram:

“Se o evangelho dos homens perdidos e da Terra-Pátria pudesse dar vida a uma religião, seria uma religião em rutura tanto com as religiões da salvação celeste quanto com as religiões da salvação terrestre, tanto com as religiões com deuses quanto com as ideologias que ignoram sua natureza religiosa. Mas seria uma religião capaz de compreender as outras religiões e de ajudá-las a reencontrar a sua fonte. O evangelho da anti-salvação pode cooperar com o evangelho da salvação justamente na fraternidade que lhes é comum. Essa religião, muitos de nós já a pré-vivemos, mas isoladamente, sem estarmos ainda re-ligados pela força comunicante e comungante.”

(Morin e Kern, 2003: 172)

---

<sup>75</sup> *Homo sapiens degradandis*, porque se exclui do *ethos* o lado *demens*, *ludens* e *mythologicus* para uma supervalorização do *sapiens* em nome do avanço da ciência e do impulso tecnológico, pelo desejo de dominação da Natureza e de uma vida facilitada e confortável. Embora as facilidades e conforto na vida não sejam para todos os seres humanos que habitam a Terra, o processo de modernização da sociedade deu-se em função deste argumento”. Texto de Filipi Vieira Amorim, sob o título “*Homo Sapiens Sapiens x Homo Sapiens Demens: A Educação Ambiental em Busca das Antinomias do Homo Sapiens Degradandis*. Apresentado na 37ª. Reunião Nacional da ANPEd - 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt22-4187.pdf> (Consultado em 08/06/2017).

Seguindo esta linha de pensamento que *Edgar Morin* e *Anne Kern* congeminarão na sua obra *Terra-Pátria*, essa nova fase do comportamento humano, que se desligará aos poucos das religiões tradicionais e trinitárias, entregar-se-á, porventura, a uma religião que volte a respeitar a sua essência (ou, na pior das situações, o seu interesse) e que promova a aproximação ao Outro, ou seja, “[...] *uma religião que se proponha salvar o planeta, civilizar a Terra, realizar a unidade humana e salvaguardar a sua diversidade.*” (Morin e Kern, 2003: 173).

Estes autores sugerem ainda que a acontecer esta nova religião, a mesma,

“Seria uma religião sem promessa, mas com raízes: raízes em nossas culturas, raízes em nossa civilização, raízes na história planetária, raízes na espécie humana, raízes na vida, raízes nas estrelas que forjaram os átomos que nos constituem, raízes no cosmos onde apareceram as partículas que constituem os nossos átomos. Seria uma religião terrestre, não supraterestrre, e não mais de salvação terrestre. Mas seria uma religião de salvaguarda, de salvamento, de liberação, de fraternidade. Seria uma religião, como toda religião, com fé, mas, diferente das outras religiões que recalcam a dúvida pelo fanatismo, reconheceria em seu seio a dúvida e dialogaria com ela.”

(Morin e Kern, 2003: 173)

O resultado desta nova conduta, grosso modo, terá a ver com a desatualização das crenças que mais seguidores têm, dando assim lugar a novas filosofias de vida (principalmente provindas do Oriente), seitas e outras denominações religiosas -, em virtude de as religiões monoteístas não acompanharem a evolução dos tempos e as novas exigências culturais das sociedades onde estão inseridas; devido à forma como se afastam dos problemas sociais que afetam os seus devotos, alegando que essas situações devem ser resolvidas pelos responsáveis políticos; e por causa de um dogmatismo arcaico, débil e bastas vezes tirânico, que não se consegue descomplicar, arranjando dessa maneira (caso se atualizassem) argumentos e soluções viáveis para fazer frente à racionalidade pós-modernista insubmissa e temerária, o que origina, cada vez mais, o surgimento do homem *a-religioso*, embora se deva referir, em abono da verdade, que o pós-modernismo, no seu relativismo, também pode ser religioso. A sua não aceitação das metanarrativas faz com que aceite e se aproxime das verdades relativas de cada um, religiosas ou não; aliás, os críticos do pós-modernismo alegam que o seu relativismo é, em si, um absoluto, ou seja, um dogma, uma metanarrativa.



Apesar de ter sido “[...] *nas sociedades europeias modernas que o homem a-religioso se desenvolveu plenamente*”, o homem moderno *a-religioso* “[...] *assume uma nova situação existencial: reconhece-se como o único sujeito e agente da História e rejeita todo apelo à transcendência.*” (Eliade, 1992: 96,97), daí que e perante esta perspectiva, é de crer que, paulatinamente, a Europa em particular e o mundo em geral venham a sofrer alterações no que respeita à religiosidade que vai vigorando - até por causa da entrada de migrantes de outras culturas nesses espaços geográficos que fogem das barbaridades que se cometem nos seus Países de origem -, apesar de, entretantes, muitas coisas aterradoras continuarem a suceder.

Derruir os anátemas que pululam no orbe terrestre através da catarse que um *Humanismo Renascido* poderá originar, em vez da influência perniciosa de religiões dominantes, fundamentalistas e alienatórias (como tem sido apanágio até aos dias de hoje), é a solução humanitária indispensável para aproximar os povos e gerar o consenso entre os mesmos, com base no respeito mútuo e na aceitação absoluta das suas culturas, fés e tradições. Este tem de ser o *Leitmotiv* que o ser humano, no sentido de recuperar o espírito humanístico que sempre o conduziu nos momentos mais altos da sua gesta e até nos menos bons, tem de procurar reedificar tão breve quanto possível.

Só através de uma simbiose amor-fraternidade-respeito tal será possível, mas, para que tal ocorra, o homem terá de combater convictamente na sua vida terrena material, toda a negatividade que as ambivalências encerram em si e que sempre o seduzem e, ao mesmo tempo, o destroem.

### **3. Os Desafios da Europa no Século XXI**

O Humanismo sempre existirá, enquanto corrente filosófica e paradigma existencial, norteando a mundividência dos seres humanos que procuram vivenciar diariamente, os alteados valores que o mesmo propugna, contudo, os desafios que enfrenta neste século XXI são incomensuráveis e podem, em termos de “Humanidade”, originar desfechos irreparáveis e com isso a extinção, gradual, da sua influência nas atitudes dos homens, enquanto seres sensitivos.

O Homem, desde a sua criação e através dos tempos, vive num cosmos dual, porém, nem sempre fez as melhores escolhas quando tal foi necessário, daí que a História humana seja pródiga em acontecimentos que foi registando e que originaram resultados infames em determinadas alturas e imensamente pusilânimes noutras. Esta constatação é sublinhada por *Edgar Morin e Anne Kern*, quando afirmam e, ao mesmo tempo, questionam:

“Grandeza, horror. Sublimidades, atrocidades. Esplendores, misérias. As realidades ambivalentes e complexas da natureza humana exprimem-se de forma fabulosa na História, cuja aventura prossegue, se desdobra, se exaspera na era planetária em que vivemos. Hoje, o destino da humanidade coloca-nos com insistência extrema a questão chave: podemos sair dessa História? Essa aventura é nosso único devir?”

(Morin e Kern, 2003: 17)

É esta de facto a grande aporia deste terceiro milénio: - Até que ponto existe vontade para sair deste enredo que sempre se nutre de ambivalências?

O unanimismo sempre será algo que jamais deverá existir, até porque somente através de antagonismos sadios e da diversidade de ideias é que se conseguem obter resultados profícuos para a sociedade global, contudo, o que tem sucedido, é que estas oposições (mormente as de índole religiosa, política e económica) têm sido danosas e como resultado de tal, têm produzido ocorrências inclassificáveis.

*Edgar Morin e Anne Kern* dão-nos conta disso mesmo ao afirmarem que,

“Através dos antagonismos entre nações, o antagonismo das religiões se reativa, notadamente nas zonas ao mesmo tempo de interferências e de fraturas como Índia/Paquistão e Médio Oriente; o antagonismo modernidade/tradição agrava-se em antagonismo modernidade/fundamentalismo; o antagonismo democracia/totalitarismo enfraquece-se, mas dá lugar a um antagonismo virulento: democracia/ditadura; o antagonismo Ocidente/Oriente alimenta-se desses antagonismos e alimenta-os, assim como o antagonismo Norte/Sul, ao que se misturam os interesses estratégicos e económicos antagónicos das grandes potências. São todos esses antagonismos que se encontram nas grandes zonas sísmicas do globo (entre as quais a que vai da Arménia/Azerbaijão até ao Sudão) e se concentram em toda parte onde há religiões e etnias misturadas, fronteiras arbitrárias entre Estados, exasperações de rivalidades e recusas de toda ordem, como no Oriente Médio.”

(Morin e Kern, 2003: 73,74)

Aduziria a esta asserção que os conflitos a que se referem não são somente de carácter religioso, mas, sobretudo, de jaez económico, político e geoestratégico.

Esta análise conduz-nos, forçosamente, para os graves problemas que a

Europa sofre presentemente (nesta segunda década do século XXI) e são esses os enormes reptos para os quais esta deve procurar, desde já, encontrar soluções, sob pena de se transformar num enorme Continente com pouca ou nenhuma intervenção a nível global.

Situações como os problemas sociais que afetam os seus povos, nomeadamente no que respeita ao desemprego cada vez maior, não só nos jovens, como nas pessoas mais idosas; a acomodação da 4ª. Revolução Industrial no mercado de trabalho, o que irá provocar um maior número de pessoas sem emprego; a perda de regalias das chamadas classes médias, que sustentam, amiúde, os orçamentos estatais, assim como os encargos da segurança social; a existência de mais miséria, pobreza, fome, pessoas idosas sem apoio comunitário, inexistência de saneamento básico e água em muitas zonas europeias, falta de serviços de saúde para muitas classes originando a ressurgência de doenças julgadas superadas e a existência de um número cada vez maior de sem-abrigos; a proliferação de novas formas de escravatura e de redes de tráfico humano, principalmente no que se refere a mulheres e crianças; a propagação da venda de órgãos humanos, ou por necessidade económica de quem os vende, ou em resultado da ação de criminosos; a vulgarização da violência de todo o género, sem haver uma resposta cabal, exemplar e eficaz de quem pode decidir; a presença cada vez mais frequente nos nossos dias, de etnocídios e genocídios, não tendo as organizações internacionais interesse em resolver estes assuntos, devido a conveniências imorais; os populismos negativos que levam ao poder pessoas que não têm perfil para governar e que só procuram as suas vantagens, levando as populações a fugirem cada vez mais da cidadania ativa; os problemas demográficos que afetam a Europa (predominância do número de idosos em relação à população economicamente ativa), o que, forçosamente, fará com que os refugiados que provêm de outras paragens tenham de ser acolhidos (não só por causas humanitárias, como por necessidade de reocupação das zonas mais carenciadas de população) e isto porque não existem incentivos para políticas de natalidade a nível europeu; o medo que existe nos cidadãos europeus no que concerne à entrada dos refugiados nos seus Países e o receio de virem a ser islamizados com o tempo, para além de a sua entrada gerar revolta, devido aos

subsídios que recebem, enquanto os nativos de cada Estado-Membro, que se encontram em dificuldades, não os recebem; o exacerbado etnocentrismo <sup>76</sup> que continua a inflamar o comportamento europeu a todos os níveis, essencialmente no capítulo cultural; a decadência do padrão da territorialização das ocorrências e práticas políticas específicas do Estado contemporâneo, e, em resultado de tal, o desenvolvimento de um processo de desterritorialização da Europa (e do globo em geral) assim como dos sistemas políticos, devido à evolução veloz de novas formas de internacionalização <sup>77</sup> no processo resolutivo e de mundialização <sup>78</sup> das atividades políticas, o que origina a perda de autonomia dos chamados Estados soberanos; uma política cada vez menos transparente da União Europeia, no que diz respeito aos cidadãos que representa e aos interesses que estes desejam ver resolvidos; o pouco empenho e medidas penalizantes ridículas, por parte da União Europeia e dos seus Estados-Membros, em particular no que respeita à defesa do meio ambiente e ecossistemas, embora o Tratado de Paris (conseguido entre 30/11/2015 e 12/12/2015 na 21<sup>a</sup>. Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2015 [COP21], subscrito em 22/04/2016 <sup>79</sup> por 195 Países em Nova Iorque e que tem de ser agora ratificado ou aceite por pelo menos 55 nações, representando no mínimo 55% das emissões globais de gases com efeito de estufa e reforçado com a Declaração de Marraquexe de 17/11/2016, na 22.<sup>a</sup> Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas [COP22]) <sup>80</sup>, seja

---

<sup>76</sup> “O etnocentrismo é uma desconfiança em relação a estranhos combinada com uma tendência para avaliar as outras culturas em termos da nossa própria cultura. Todas as culturas têm sido virtualmente, em grau maior ou menor, etnocêntricas, e é fácil ver como o etnocentrismo se combina com o pensamento estereotipado.” (Giddens, 2008: 256).

<sup>77</sup> Internacionalização: ato ou efeito de internacionalizar. In, Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/internacionalizacao> (Consultado em 15/06/2017).

<sup>78</sup> Mundialização: resultado da multiplicação e da intensificação das relações que se estabelecem entre os agentes económicos situados nos mais diferentes pontos do espaço mundial. In, A Globalização do Mundo Actual [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://aglobalizacaoemundoactual.blogspot.pt/2007/05/globalizacao-x-mundializacao.html> (Consultado em 15/06/2017).

<sup>79</sup> Países assinam Acordo do Clima de Paris, nesta sexta, na sede da ONU. In, G1 Natureza, S. Paulo - 22/04/2016 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2016/04/paises-assinam-acordo-do-clima-de-paris-nesta-sexta-na-sede-da-onu.html> (Consultado em 15/06/2017).

<sup>80</sup> Acordo de Paris: Trump anuncia saída porque a América está primeiro. Texto de Tomás Albino Gomes. In, Sapo24, 01/06/2017 [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://24.sapo.pt/atualidade/artigos/donald-trump-retira-estados-unidos-do-acordo-de-paris> (Consultado em 15/06/2017).

um passo muito tímido rumo à salvação do planeta, até porque o 2º. maior emissor de CO2 no mundo - Estados Unidos, com 12,23 % de emissões em 2015 -, abandonou unilateralmente o Acordo em 01/06/2017; o enorme perigo de, na sequência da globalização desgovernada em vigor, vir a surgir a homogeneização mundial, ou seja, na confusão desta “nova desordem mundial” - em que já se vive uma segunda guerra fria desde que a Crimeia foi anexada em consequência da revolução ucraniana iniciada no final de 2013 e que levou a Rússia a considerar aquela zona geográfica como seu território a partir da assinatura do acordo intergovernamental em março de 2014 -, possa tomar corpo, definitivamente e de forma forçada, o chamado Governo Mundial que há tanto tempo é desejado por determinados grupos políticos e económicos e que, enquanto conceito político/filosófico criaria um único governo que reuniria o poder e a ascendência suficientes para fazer, interpretar e aplicar um conjunto de leis internacionais, tendo as nações, individualmente, que abdicar da sua soberania.

Esta ideia apavorante deve deixar a população mundial vigilante e pronta para resistir a esta descomunal ameaça, dado que já não se trata mais de uma teoria de conspiração, é, na realidade, um facto que vai sucedendo de forma gradativa e quotidianamente (vemo-lo diariamente nos noticiários ou em jornais e se juntarmos cuidadosamente as peças do puzzle que constitui a política internacional, constata-se que não é impunemente que determinados eventos - entenda-se guerras, atos terroristas, contendas religiosas sem sentido, conflitos por causa de recursos naturais, anomia social, desemprego galopante, domínio da tecnologia sobre o ser humano, etc. -, ocorrem, não só por interesses económicos, como por questões geoestratégicas e geopolíticas e tudo isto conforme planeado, atempadamente, por grupos secretos restritos influentíssimos e agências governamentais de Países preponderantes no palco internacional.

A acontecer uma situação deste jaez (governo mundial), tal significaria que os Estados-Nação desapareceriam, por isso, colocam-se imensas perguntas:

- Quem é que governaria o mundo?; - Uma nação ou um reduzido grupo de nações relevantes e com maior poder económico?; - Que ideologia seria praticada ou reduzir-se-ia a influência das que vigoram contemporaneamente (até à sua exterminação), dando-se primazia à governação económica, sendo o ser humano

considerado uma mera estatística?; - Se existir uma moeda única, em que situação ficariam os pequenos e médios Países? - Pura e simplesmente desapareceriam, em virtude de a possibilidade de poderem desvalorizar a sua moeda para combater períodos de inflação não ser possível !; - Como se fará o controlo das pessoas universalmente? - Através de passaportes únicos ou de microchipagem?; - A educação, a implementar-se mundialmente e que seria hegemónica, respeitaria as características culturais, tradicionais, religiosas, sociais de cada povo ou, simplesmente, destruir-se-ia a sua identidade nativa?; - Existindo um exército único, quem o controlaria e/ou comandaria? - Que garantias se teriam que esse exército seria leal ao governo mundial e numa primeira oportunidade não se sublevaria contra ele?; - Parariam, definitivamente as guerras? - Não !; - O que aconteceria à ONU e outros organismos internacionais, mormente blocos económicos existentes? - Desapareciam !

Outras questões relevantíssimas poderiam ser acrescentadas, contudo bastam estas para chegarmos à conclusão de que, com o avanço tecnológico e armamentista existente, assim como com as condições económicas depauperadas que existem no mundo, a acontecer a eclosão de um governo mundial, este será bem pior que o que foi imaginado por *George Orwell* no seu romance distópico *1984*, publicado em 1949, ou por Aldous Huxley na sua obra *Admirável Mundo Novo* (1932).

Mais desafios devem ser adicionados, sobretudo no que tange ao futuro da Europa, particularmente no que respeita à propalada Cultura Europeia e o que ela, em si, significa; aos problemas relacionados com as minorias étnicas e ao racismo (biológico e institucional); ao reaparecimento do nacionalismo e da xenofobia patológica, cada vez mais presente; à discriminação e aos preconceitos ininteligíveis; aos problemas relacionados com a biotecnologia, a biogenética e a bioética, porém.

Fica-nos, no entanto, através de *Adalberto Dias Carvalho*, a ideia que *Edgar Morin* nos faz recordar e que se relaciona com o renascimento do Homem moderno responsável, tão fundamental nos dias que correm e que deve sentir-se apto para responder aos grandes desafios que se lhe colocam:

“[...] numa primeira conjuntura, a precisão do exercício ético que leva cada um a reconhecer-se responsável. Esta responsabilidade exige o conceito de re-ligação, que abrange a comunicação, a associação, a solidarização e a fraternização, colocando de parte tudo o que fragmenta e disjunta, assim como a ignorância do Outro e o egocentrismo. Esta ética também supõe a regra do debate, da argumentação ao invés dos julgamentos de autoridade. Da mesma forma, incentiva a compreensão mais que a explicação - a compreensão permite conhecer o sujeito enquanto sujeito e tende a reumanizar o conhecimento político.”

(Carvalho, 1985).

*Edgar Morin assegura ainda, “[...] que o único meio capaz de tentar quebrar o ciclo infernal de intolerância entre os homens é a irrupção da magnanimidade, da clemência, da generosidade, da nobreza”* (Carvalho, 1985).

No mesmo sentido, aquele antropólogo/sociólogo/filósofo faz um apelo à boa vontade de todos, para que se “[...] associem entre si para salvar a Humanidade do desastre e por mais que essa tarefa possa parecer impossível, exorta a um espírito de resistência contra a barbárie, para que esta fermente um germe para o futuro” (Carvalho, 1985), isto é, uma espécie de antídoto que cure a Humanidade das moléstias que a afetam hodiernamente, entre elas a barbárie.

Porém e na perspectiva do autor deste trabalho, esta transmutação a acontecer irá demorar imenso tempo, dado que e segundo *Edgar Morin e Anne Kern*, “Os indivíduos só pensam no dia de hoje, consomem o presente, deixam-se fascinar por mil futilidades, tagarelam sem jamais se compreender na torre de Babel das bugigangas. Incapazes de ficar quietos, lançam-se em todos os sentidos. [...] A ‘diversão’ moderna mantém o vazio que ela quer evitar.” (Morin e Kern, 2003: 84).

E tudo isto porque a imensa oferta consumista global, assim como a manipulação que os *mass media* (tradicionais e novos) impõem às pessoas, distrai-as - voluntariamente, quando estas desejam abstrair-se dos problemas que as rodeiam e involuntariamente, quando são conduzidas pelas forças exteriores acima descritas e não têm capacidade para discernir sobre os perigos que elas encerram e pretendem alcançar, ou seja, o domínio das suas faculdades cognitivas, no intuito de lhes limitar o seu livre-arbítrio em termos de escolha, conduzindo-as, assim, a uma distração duradoura e doentia. Neste sentido, *Edgar Morin e Anne Kern* persistem na ideia que ...

“A multiplicação dos meios de comunicação pode estar ligada ao empobrecimento das comunicações pessoais. O indivíduo pode ser simultaneamente autónomo e atomizado, rei

e objeto, soberano de suas máquinas e manipulado/dominado por aquilo que domina. Ao mesmo tempo, algo ameaça a nossa civilização desde dentro. A degradação das relações pessoais, a solidão, a perda das certezas ligada à incapacidade de assumir a incerteza, tudo isso alimenta um mal subjetivo cada vez mais difundido. Como esse mal das almas se oculta em nossas cavernas interiores, como ele se fixa de forma psicossomática em insónias, dificuldades respiratórias, úlceras de estômago, desassossegos, não se percebe sua dimensão civilizacional coletiva e vai-se consultar o médico, o psicoterapeuta, o guru.”  
(Morin e Kern, 2003: 85)

Após a exposição de todos estes desafios que colocam a Europa em perigo (e o mundo igualmente, dado que muitos dos problemas referenciados afetam o planeta em geral), mais do que nunca se torna importante alertar as populações para estes riscos e incentivá-las para que, ‘num todo’, ajudem a resolver estas questões de forma ativa e através de uma cidadania assumida.

Para que tal seja exequível, os governos de cada Estado-Membro, de forma isenta e esclarecedora, devem promover programas educativos que informem as pessoas sobre o que está em causa, sem permitirem que os *mass media* manipuladores (novos e tradicionais) dominados por grandes grupos económicos ou, ainda mais grave, que as chamadas “Click Farm” (Quintas de Clicks) - tipo de fraude virtual através da qual um grande grupo de pessoas são contratadas para clicarem em links de anúncios online e outro tipo de notícias, no intuito de influenciar a opinião pública mundial - <sup>81</sup>, tenham qualquer tipo de hipótese de interferirem.

- Será que existe vontade política para que tal possa ser feito?

---

<sup>81</sup> The bizarre ‘click farm’ of 10.000 phones that give FAKE ‘likes’ to our most-loved apps. In, Mirror News [em linha]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.mirror.co.uk/news/world-news/bizarre-click-farm-10000-phones-10419403>. (Consultado em 28/06/2017).





## CONCLUSÃO

A História Universal, no seu regaço recôndito, é a guardiã dos eventos que foram decorrendo ao longo de várias eras e aguarda, atentamente, a oportunidade de poder vir albergar novos ápices que irão ocorrer - no presente e no porvir - não só na Europa, como no mundo em geral.

É no hiato entre acontecimentos, que ela nos concede tempo e oportunidade para podermos fazer uma introspeção sobre o que sobreveio (vencendo maldições impressionantes e alcançando feitos incomensuráveis) e tomar, em sequência da mesma, arrojadas decisões sobre novas experiências, não só nas áreas do sentido, como no âmbito das conexões entre o ser, o espírito, a mente, a erudição, a retórica e a prática. É ainda neste ínterim, que surge o desejo por percepções novadoras, pois tal desiderato é intrínseco ao ser humano.

Como *Friedrich Nietzsche* asseverou, “*São as palavras mais silenciosas que trazem a tempestade. Os pensamentos que vêm com pés de lã são os que dirigem o mundo*” (Nietzsche, 2002: 234), daí que os factos positivos que sobrevêm sejam sempre discretos e desde logo pouco inteligíveis, pois sucedem em momentos de maior emudecimento e recato e o autor recorda-nos isso de forma sublime:

“Os maiores acontecimentos e as maiores ideias - e as ideias maiores são também os maiores acontecimentos - são os últimos a serem compreendidos, as gerações contemporâneas não chegam a vivê-los - passam sempre ao lado deles. Acontece na vida, como acontece entre os astros. A luz das estrelas mais longínquas chega mais tarde até nós e tanto, que o homem que não as percebeu nega a sua existência. “Quantos séculos necessita um espírito para ser compreendido?” - Mesmo isso é uma medida que por isso mesmo cria uma hierarquia, uma etiqueta indispensável para o espírito, tanto quanto para os astros”

(Nietzsche, 2001: 218).

Devido ao facto que somos “... os herdeiros de duas concepções do universo, ambas geradas entre o Eufrates e o Nilo, há muitos milénios” (Russ, 1997: 11) e vivemos, entretanto, num espaço universal confuso e sem rumo - na Europa em especial -, tentamos contemporaneamente encontrar o novo posicionamento da estrela polar para que ela nos norteie nestes novos desafios e ansiando por paradigmas renovados que nos voltem a animar e nos proporcionem outras rotas

para seguir, tal como os nossos antecessores fizeram, numa bela aurora, realizando assim os seus sonhos.

A Europa não é somente uma zona situada ao acaso no mapa-múndi e sem algum sentido, é, isso sim, um ponto de chegada e partida histórico-universal, pois ostenta a singularidade de ter concebido uma qualidade que lhe é reconhecida em todo o universo hodierno: a Europa é o berço onde emanou a universalidade, conquanto as suas raízes provenham de uma ancestralidade extrínseca.

Por esta razão tão eminente e singela e principalmente devido à crise gravíssima e contínua que se vive, à falta de uma identidade europeia marcante, à destruição de diversas culturas, aos problemas societários existentes e à ameaça de anomia social, bem como à busca de uma novel noção ocidental de sociedade solidária e humanista que tarda, é pedido a cada um de nós - europeus -, que nos congreguemos de novo e numa récita coletiva procuremos representar os “*signos diagnósticos e premonitórios dos tempos*”, que *Immanuel Kant* desenvolveu, para que o reavivado espetáculo seja um sucesso, a plateia mundial se deleite uma vez mais e nós, atores europeus, passemos a efetivar representações diferentes e originais todos os dias, com o mesmo queimor que uma criança entrega a uma nova descoberta ou a uma nova brincadeira.

Independentemente das opiniões (enfeitadas com as mais variadas matizes) que grandes vultos da história defensaram e outros continuam a sustentar, a verdade é que o Humanismo percorreu uma extensa e progressiva rota marítima nas águas impetuosas do tempo - numa fase inicial em navegação de “cabotagem”, pois a viagem do entendimento era recente e obrigava a discernir prudentemente sobre cogitações desconhecidas provindas de outras origens e a desenvolvê-las; serodiamente já em pleno “alto mar”, quando decidiu criar os seus próprios mapas de orientação e partir ousadamente à aventura, com as velas da sapiência enfunadas, disseminando então o que havia aprendido e acrescentado.

Em sequência dessa longa mas gratificante jornada, concedeu novos domínios cognitivos ao universo humano, através da erudição conquistada, os quais sobrevieram durante as borrascas dantescas que viveram e souberam transcender.

Foram as interações entre povos, culturas, classes e Estados, que engendraram uma uniformidade em si - própria, plural e antinómica -, mas foi, igualmente, através da manifestação da Cristandade que essas consistências (insolitamente europeias, que são os Estados-Nações e a Ciência), puderam advir e foi, ainda, por via das cisões e conflitos entre Estados que se disseminou a ideia de Europa (a qual não tem um proémio fundador singular) e com ela o Humanismo (paradigma verdadeiramente europeu).

Porque a Europa não tem fronteiras efetivas e não possui uma unidade geográfica interior, a sua particularidade habita na carência de uniformidade e nada aventava, com o decorrer dos tempos, que se transformasse numa entidade histórica. Todavia, tal ocorreu e, contextualizando o que *Jacqueline Russ* defende, pode afirmar-se que, “*O confronto entre as duas Weltanschauung (visão do mundo), que constitui a história das ideias do Ocidente, vai criar, ao longo dos séculos, uma combinação explosiva, acompanhada por um sentimento de crise permanente, que escritores, pensadores e filósofos não cessarão de exprimir*” (Russ, 1997: 11 a 16).

O Humanismo, tema em análise, numa primeira instância, é algo que não deve levar ao desconhecimento dos paradigmas culturais que agregam uma sociedade e lhe concedem uma identidade cultural.

Para que tal suceda, dever-se-á agenciar a igualdade entre os modelos de erudição do conhecimento ocidental e propiciar uma oportunidade à compreensão dos arquétipos culturais das minorias étnicas que povoam os mais diversos territórios.

Pensar e viver de forma humanística é, acima de tudo, considerar identidades plurais que completam as sociedades e em soluções que caucionem a representação e a valorização dessas identidades.

A noção de identidade é entendida como uma edificação, efetivada nos variados campos discursivos, que abrangem a família, a escola, os grupos ou tribos, os *media*, o trabalho, a organização política e outras áreas e situações onde “[...] *narrativas e discursos presentes, explícitos e implícitos, transmitem mensagens que contribuem para o constante ressignificar dessa identidade, seja ela em termos raciais, de género, de sexo, de religião, de linguagem e outros*

*marcadores identitários*” (Canen & Canen, 2005: 42).

O Humanismo para além de admitir a pluralidade das sociedades, peleja em benefício da transigência, da probidade e da emancipação das pessoas.

Reprova o jugo cultural e económico de certos grupos e, acima de tudo, defesa a paridade e a identidade cultural. Nesta ótica humanística e multicultural, é de particular relevância referir *“as sinergias possíveis entre a educação e outros campos do saber, como a logística nas organizações, numa visão multicultural”* (Canen e Canen, 2005: 42), daí que se designem ideias diversas para pessoas diferentes e variadas instituições.

Persistindo nesta ideia, pensar e viver o Humanismo, assim como *“Pensar em multiculturalismo é, acima de tudo, pensar sobre identidades plurais que perfazem as sociedades e em respostas que garantam a representação e a valorização dessas identidades nos espaços sociais e organizacionais”* (Canen e Canen, 2005: 42).

Tudo se deve reunir para que a aposta nesta aldeia global se transforme num autêntico ensino humanista, multicultural e intercultural.

O protótipo intercultural insere a diversidade, a pluralidade, a dissemelhança, a complexidade, a interdisciplinaridade na análise e na intervenção no ensino; possibilita compreender as condições e as dificuldades em termos de energias, de processamentos, de ligações e de estratégias; envolve uma postura de descentração e uma moral da conexão humana e da ligação pedagógica, assim como o aperfeiçoamento de aptidões pessoais e de cidadania.

A multiplicidade cultural está no âmago do desenvolvimento humanista e não poderá ser entendida como uma dissimulação ou provocar conflitos e tensões, devendo a probabilidade intercultural assim como a pluralidade, serem assimiladas num panorama mais vasto que estruture outra vez a sociedade.

É necessário que se faça da multiplicidade e motilidade uma possibilidade de melhoria e aprendizado ao ritmo do universo global e de uma sociedade diversa, repartindo memórias culturais, proficiências e saberes.

Desta forma, os Estados têm de incrementar políticas educativas, sociais e multiculturais, para acautelar o ostracismo e a injustiça nos campos societário, económico, cultural, religioso, educativo e linguístico e para integrar a diversidade

cultural, a comunicação intercultural e fomentar a equidade de possibilidades nas diferentes áreas da sociedade.

É imprescindível uma interpelação sobre as polémicas educativas, para que se possam solucionar estas e se integre a instrução na sociedade como um direito natural que constitui a essência do aperfeiçoamento humano; como uma maneira de convocação e de transmutação social, componente capital para combater as disparidades e a injustiça; que incorpore, analogamente, a energia da mudança e da diversidade cultural, a proliferação de opções e condições de inserção, de renovação e de progresso.

É essencial um protótipo de abordagem sobre a multiplicidade e os grupos minoritários, não como uma dificuldade, mas como um expediente de habilitação e revalorização de identidades culturais, com uma possibilidade de crescimento pessoal, social e cultural, num processamento resiliente, firmando as competências dos atores sociais e dos agregados, para defrontarem a mutação e a sua própria expansão.

É forçoso incrementarem-se planos sólidos e mediações psicológicas, sociológicas e instrutivas, para que os cidadãos possam saber localizar-se e defrontar, de uma maneira habilitada, consciente e ponderada, as pluralidades particulares e culturais que se descobrem no cerne da sociedade e das instituições, assim como os reptos e as dificuldades que coloca a interligação com pessoas com indícios linguísticos e culturais distintos, incrementando em todos, uma maior perceção da sua própria cultura e das outras, assim como uma melhor aptidão de comunicação com os elementos da sua cultura ou pertencentes a outros grupos.

É urgente lembrar que o ser humano é um cidadão do mundo e um filho da Terra. *Edgar Morin e Anne Kern* ilustram essa ideia de forma bem elucidativa:

“[...] somente quando nos tornarmos de fato cidadãos do mundo, isto é, cosmopolitas, [...] seremos vigilantes e respeitosos das heranças culturais, bem como compreensivos das necessidades de retorno às fontes. Por isso assumimos a palavra cosmopolita que significa (literalmente) cidadão do mundo e (concretamente) filho da Terra - e não indivíduo abstrato que perdeu todas as suas raízes.”

(Morin e Kern, 2003: 120)

Uma sociedade multi/intercultural e um universo integralmente interdependente carecem de um novo paradigma humanista (renascido), que

agregue a energia da variedade cultural e da renovação, assim como os princípios indispensáveis dos Direitos Humanos, por via de estratégias e políticas que estimulem o ensino, o progresso humano, a igualdade de oportunidades, a comunicação intercultural e o acesso à cidadania de todos, em especial dos grupos minoritários.

Só desta forma será possível divisar-se, num advir que se anela próximo, novas concepções filosóficas e pluridisciplinares, que podem ajudar a transformar o mundo confuso onde vivemos presentemente, todavia, para que tal transformação ocorra - através da partilha multicultural e intercultural, respeitando-se o espaço de cada ser humano, as suas opções e as suas convicções religiosas, sociais, políticas e de género -, terá de se consumir a simbiose respeito-amor- fraternidade.

“O apelo da fraternidade não se encerra numa raça, numa classe, numa elite, numa nação. Procede daqueles que, onde estiverem, o ouvem dentro de si mesmos, e dirige-se a todos e a cada um. Em toda parte, em todas as classes, em todas as nações, há seres de "boa vontade" que veiculam essa mensagem.”

(Morin e Kern, 2003: 167)

O ser humano, desde sempre e durante as suas jornadas de aprendizagem, observou o Céu - o universo das ideias -, em demanda de respostas para as perguntas que lhe pululavam na mente e, em atitude deferente - por vezes servil -, sempre estendeu a sua mão para receber da Terra - dadora magnânima -, a verdade palpável que sempre almejou. Neste axioma encontra-se aquilo que revela a Europa de hoje e a sua gesta ancestral, ou seja, uma narrativa consumada através do encontro contínuo entre Céu e a Terra, onde o firmamento anuncia a propensão para o metafísico e para Deus, o que incessantemente distinguiu o Homem europeu; e a vertente terrena determina a aptidão real desse mesmo Homem para defrontar as dificuldades da vida e solucionar os problemas mais intrincados que sempre surgiram, alcançando assim o entendimento.

O futuro do Humanismo, ou se colocarmos a questão de outra forma, as sendas que este deverá percorrer nos tempos vindouros, pende do reencontro do Homem com o vínculo fundamental e indivisível formado por estes dois elementos - o Céu e a Terra.

Uma Europa que não for competente para se devotar de novo à grandeza inefável da vida, será uma Europa que, paulatinamente, calcorreia o atalho que a

conduzirá à perda da sua essência original e, igualmente, do espírito humanista que a caracterizou, guiou e genuinamente idolatra e defende; será uma Europa que perderá o seu legado Greco-Romano-Cristão, em nome de valores que lhe são completamente alheios e nada familiares.

Neste contexto, a Europa tem de voltar a ser uma família de povos que saiba acolher outros povos, que saiba promover de forma sábia a unidade, aceitando similarmente a variedade distintiva de cada um (enaltecendo os costumes pessoais) e deixando de ver um inimigo no Outro e incentivando este a deixar de ver em nós um opositor.

“É verdade que os egocentrismos e os etnocentrismos, que suscitaram e não cessam de suscitar inimigos, são estruturas inalteráveis da individualidade e da subjetividade, mas, assim como essa estrutura comporta um princípio de exclusão no *eu*, ela comporta um princípio de inclusão num *nós*, e o problema chave da realização da humanidade é ampliar o *nós*, abraçar, na relação matri-patriótica terrestre, todo *ego alter* e reconhecer nele um *alter ego*, isto é, um irmão humano. Precisamos superar a repulsa diante do que não se conforma às nossas normas e aos nossos tabus, e superar a inimizade contra o estrangeiro, sobre o qual projetamos nossos temores do desconhecido e do estranho; isso requer um esforço recíproco que venha desse estrangeiro, mas é preciso que alguém comece.”

(Morin e Kern, 2003: 168)

Consolidados numa pós-modernidade conturbada por força da globalização, dos paradigmas que gerou e dos problemas que foram suscitados através dela, encontramos-nos a viver numa nova forma de subsistir socialmente (fragmentada e neotribalística, que em vez de unir causa conflitos), assim como com uma renovada maneira de disseminar as culturas e essa difusão passa pelas autoestradas da comunicação (*mass media* e redes sociais) que, na maior parte das vezes, delapidam integralmente o que se pretende divulgar (intencionalmente ou não).

A verdadeira propagação das culturas passa pela transdisciplinaridade, a qual agrupa em si a disciplinaridade, a pluridisciplinaridade e a interdisciplinaridade e só desta maneira, se reconquistará a noção das suas narrativas e das suas origens, pois torna-se livre, outra vez, de manipulações e medos sem fim.

Pôr de novo o Homem no centro da história, permite que este pode expressar espontaneamente a própria essência, assim como a sua criatividade - novas formas de pensar e novos trilhos a percorrer -, não só como cidadão do mundo, mas também como intelectual e membro ativo de uma comunidade e tal desiderato permitirá edificar uma nova Europa, desta feita multicultural na sua substância e



não fruto de um programa predelineado para si, intercultural e que respeita identidades culturais díspares.

*Edgar Morin e Anne Kern* expressam de forma muito objetiva este desejo:

“Podemos reencontrar e realizar a unidade do homem. Esta, perdida na e através da diáspora do *Homo sapiens* pelos continentes e ilhas, tem sido mais negada que reconhecida na era planetária. Devemos reencontrá-la, não numa homogeneização que terraplenaria as culturas, mas, ao contrário, através do pleno reconhecimento e do pleno desabrochar das diversidades culturais, o que não impede que processos de unificação e de rediversificação sejam levados a cabo em níveis mais amplos.”

(Morin e Kern, 2003: 60)

Facultar novas expectativas e orientações à Europa não indica admitir somente a centralidade do ser humano; envolve incentivar, identicamente, os seus méritos e os seus talentos. Trata-se, por isso, de apostar nela e nos campos de ação onde as suas capacidades são aperfeiçoadas e dão resultados. O primordial círculo é certamente o da instrução e da educação, a principiar pela família una e indivisível - primeira socialização -, núcleo crucial e fator valiosíssimo de toda a sociedade.

É tempo de reedificar uma Europa que passe a circular em redor dos valores sagrados do ser humano, como defende *Adriano Moreira* (2005); uma Europa que enlaça com bravura o seu passado e contempla com firmeza o seu porvir, vivendo, plenamente e com fé, a atualidade.

Em vez de uma Europa receosa e reclusa em si mesma - de um espaço geográfico sem liderança, sem elã e sem alma -, tem de se incrementar uma Europa interventora e mensageira da ciência, da arte, da música, de valores humanos, de paz, de fraternidade e também de convicção e crença; a mesma Europa que, como outrora, estudava o Céu para se inspirar e estendia a mão à Terra para dela receber a sua energia telúrica.

É isso que se ambiciona de novo: uma Europa que intervém, que defende o Homem, que progride em terra compacta e sólida, sendo dessa forma e de novo, um preciosíssimo exemplo para toda a “Humanidade”; uma Europa universalista (no melhor dos sentidos), que detém conhecimento e que sabe disseminá-lo no mundo, de forma altruísta, mas tendo sempre presente a abertura necessária para aprender com as demais culturas, pois também elas têm algo a ensinar, evitando-

se, dessa forma, novas formas de superioridade cultural (etnocentrismo europeu), que foram apanágio deste Continente no passado.

*Federica Mogherini* (Alta Representante da União Europeia para a Política Externa e Segurança) em resposta a uma questão que lhe colocaram sobre três atentados terroristas ocorridos no dia 26/06/2015 (Lyon/França; Sousse/Tunísia; Cidade do Kuwait/Kuwait) e que originou centenas de feridos e dezenas de mortos, afirmou o seguinte:

“A reacção será a de uma maior unidade, expressa de modo muito claro: [...] aquilo que precisamos é de uma aliança de civilizações e [...] não há forma de usar negativamente uma religião [Islamismo] para nos separar. Estamos unidos. O Islão também pertence à Europa e os nossos valores europeus também pertencem ao mundo árabe”

(Federica Mogherini) <sup>82</sup>

Chegámos a uma fase em que se disputam, de formas desumanas, as visões do Universo e do Homem.

O Homem do século XXI, até à presente data, revelou os seus limites e a sua incapacidade para descobrir um novo rumo e criar uma consanguinidade universal verdadeira que permita uma partilha iluminada e transcendental, originando dessa forma uma vitória venturosa para todos, sem exceção alguma.

Contextualizando as palavras de *Federica Mogherini*, aduziria que é urgente uma coalizão de civilizações e que um *Humanismo Renascido* sobrevenha. Que a sua ação, flua vigorosamente dos rios cognitivos individuais, no intento de desaguar no imenso oceano do pensamento universal, originando, de tal forma, uma fusão de grandiosas palavras silenciosas que originam de forma discreta novos mundos intelectivos, relembrando o ser humano, por fim, que é um cidadão do mundo e que as suas origens são terrenas.

A Europa encontra-se, de momento, numa borrasca em pleno “alto mar”, à deriva entre dois oceanos - o da “agnição e partilha” e o da “indiferença e ambivalência”.

As velas da nau do Humanismo europeu sofrem, presentemente, arremetidas titânicas de um mar revoltoso e de ventos ciclónicos, os quais teimam

---

<sup>82</sup> Entrevista concedida por *Federica Mogherini* (Alta Representante da União Europeia para a Política Externa e Segurança) in, “Bom Dia Portugal” de 27/06/2015 - Noticiário da Manhã.

em complicar o prevalecimento deste sublime paradigma e o desejo deste alcançar nova direção.

Que os navegantes da embarcação europeia, com os seus astrolábios da sensatez e da sabedoria, saibam descobrir o novo posicionamento da estrela polar e, através dele, se dirijam outra vez para o oceano do pensamento universal.

Veremos, a breve trecho, qual será o resultado obtido e a escolha que será feita, temporariamente, até que uma nova intempérie intelectual surda e novos navegadores se façam ao mar e à aventura, rumando a um novo Humanismo, espaço acolhedor para todos os povos.

Que neste meu trabalho, as palavras redigidas tenham alcançado o seu mais vivo intento: terem sido silenciosas no intuito de originar um temporal e, através dele, enquanto mareante europeu, ter conseguido, de alguma forma, ajudar a descobrir qual deve ser a rota a seguir - pelos homens de boa-vontade - rumo ao mar do pensamento universal, da paz, do amor e da fraternidade, neste século XXI, recuperando-se assim a génese do Humanismo que presentemente não tem expressão a nível europeu e mundial.

**FIM**

## REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **ARMSTRONG**, Karen - *Uma História de Deus*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1996. 498 p. ISBN: 972-42-1291-2.
- **BASARAB**, Nicolescu - *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Editora Triom, 2008. 165 p. ISBN: 978-858-546-422-6.
- **BAUMAN**, Zygmunt - *Globalização - As Consequências Humanas*. [Em Linha]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Ltd<sup>a</sup>. 1999a. 125 p. ISBN: 0-09-065252-0. [Consult. em 2017/02/06]. Disponível na Internet:<URL:  
[https://vk.com/doc259715455\\_314866308?hash=661752a564b5773688&dl=bdaa89afb1ed2bacb1](https://vk.com/doc259715455_314866308?hash=661752a564b5773688&dl=bdaa89afb1ed2bacb1).
- **BAUMAN**, Zygmunt - *Modernidade e Ambivalência*. [Em Linha]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Ltd<sup>a</sup>. 1999b. 334 p. ISBN: 85-7110-494-8. [Consult. em 2017/02/07]. Disponível na Internet:<URL:  
<https://sociedadecultura.files.wordpress.com/2011/05/modernidade-e-ambivalencia-zygmunt-bauman.pdf>.
- **BAUMAN**, Zygmunt - *Em Busca da Política*. [Em Linha]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Ltd<sup>a</sup>. 2000. 213 p. ISBN: 85-7110-553-7. [Consult. em 2017/02/07]. Disponível na Internet:<URL:  
<https://lelivros.pro/book/baixar-livro-em-busca-da-politica-zygmunt-bauman-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>.
- **BAUMAN**, Zygmunt - *A Vida Fragmentada - Ensaios sobre a Moral Pós-Moderna*. [Em Linha]. Lisboa: Relógio D'Água Editores. 2007. 311 p. ISBN: 978-972-708-932-1. [Consult. em 2017/02/06]. Disponível na Internet:<URL:  
[www.institutoveritas.net/livros-digitalizados.php?baixar=119](http://www.institutoveritas.net/livros-digitalizados.php?baixar=119).
- **BAUMAN**, Zygmunt - *Vida a Crédito - Conversas com Citali Roviroso-Madrado*. [Em Linha]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Ltd<sup>a</sup>. 2010. 160 p. ISBN: 978-85-7110-969-8. [Consult. em 2017/02/09]. Disponível na Internet:<URL:  
<https://lelivros.pro/book/baixar-livro-vida-a-credito-zygmunt-bauman-em-pdf-epub-e-mobi/>.
- **BRIGAGÃO**, Clóvis - *Prevenir, Manter e Construir a Paz: Novos Desafios à Segurança Internacional*. [Em Linha]. S. Paulo: Instituto de Estudos Avançados da

Universidade de S. Paulo (1998) p. 1 e 2 [Consult. em 2017/02/27]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/brigagaopaz.pdf>.

- **BURNS**, Edward McNall - *História da Civilização Ocidental* - Volume II - 2ª. Edição. [Em Linha]. São Paulo: Editora Globo. 2005. 613 p. **ISBN**: 978-852-500-530-4. [Consult. em 2017/01/25]. Disponível na Internet:<URL:

<http://docs10.minhateca.com.br/773345292,BR,0,0,Edward-McNall-Burns---Hist%C3%B3ria-da-Civiliza%C3%A7%C3%A3o-Ocidental---Vol-II.pdf>.

- **BURR**, Vivien - *Introduccio Al Construccione Social*. Madrid: Editora Proa, 1997. 192 p. **ISBN**: 978-848-256-297-1.

- **CANEN**, Ana e **CANEN**, Alberto G. - *Rompendo Fronteiras Curriculares: O Multiculturalismo na Educação e outros Campos do Saber*. [Em Linha]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Currículo Sem Fronteiras, Volume 5, Nº. 2. Jul./Dez. 2005. (Págs. 40-49). [Consult. em 2017/02/15]. Disponível na Internet:<URL:

<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol5iss2articles/canen.pdf>.

- **CAMERON**, Rondo - *História Económica do Mundo - De uma Forma Concisa de há 30.000 Anos até ao Presente*. 2ª. Edição. Mem-Martins: Publicações Europa-América, Lda., 2004. 497 p. Edição Nº. 116521/8485.

- **CARMO**, Hermano e **FERREIRA**, Manuela Malheiro - *Metodologia da Investigação - Guia para a Auto-Aprendizagem*. 2ª. Edição. Lisboa: Universidade Aberta. 2008. 377 p. **ISBN**: 978-972-674-512-9.

- *Carta das Nações Unidas e Estatuto da Corte Internacional de Justiça*. [Em Linha]. In, Gabinete de Documentação e Direito Comparado - Direitos Humanos - Instrumentos e Textos Universais. [Consult. em 2017/03/27]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/onu-carta.html>.

- **CARVALHO**, Adalberto Dias - “Edgar Morin e a Renovação do Humanismo” (Págs. 21 a 41). [Em Linha]. 1985. [Consult. em 2017/05/20]. Disponível na Internet:<URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1348.pdf>.

- **CORDÓN**, Juan Manuel Navarro e **MARTÍNEZ**, Tomás Calvo - *História da Filosofia - Dos Pré-Socráticos à Filosofia Contemporânea*. Lisboa: Edições 70. 2014. 795 p. **ISBN**: 978-972-44-1753-0.

- **Declaração de Nova Iorque sobre Refugiados e Migrantes.** [Em Linha]. Declaração da UNICEF ratificada em 19 de setembro de 2016. In, UNICEF - 70 Anos para Todas as Crianças. [Consult. em 2017/03/27]. Disponível na Internet:<URL:  
[https://www.unicef.pt/18/site\\_unicef-declaracao\\_nova\\_iorque\\_refugiados\\_e\\_migrantes\\_2016-09-20.pdf](https://www.unicef.pt/18/site_unicef-declaracao_nova_iorque_refugiados_e_migrantes_2016-09-20.pdf).
- **Declaração Universal dos Direitos do Homem.** [Em Linha]. [Consult. em 2017/03/27]. Disponível na Internet:<URL:  
[http://www.fpce.up.pt/sae/pdfs/Decl\\_Univ\\_Direitos\\_Homem.pdf](http://www.fpce.up.pt/sae/pdfs/Decl_Univ_Direitos_Homem.pdf).
- **DURKHEIM, Émile - De La Division du Travail Social - Vol. I.** Paris: Les Presses Universitaires de France. 1991. 206 p. ISBN: 978-213-043-970-7.
- **ECO, Umberto - Idade Média - Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos.** [Em Linha]. Lisboa: Publicações D. Quixote. 2010. 630 p. ISBN: 978-972-204-992-4. [Consult. em 2016/10/02]. Disponível na Internet:<URL:  
<http://lelivros.me/book/baixar-livro-idade-media-umberto-eco-em-pdf-epub-e-mobi/>.
- **ELIADE, Mircea - O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões.** [Em Linha]. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 1992. 214 p. ISBN: 85-336-0053-4. [Consult. em 2017/03/27]. Disponível na Internet:<URL:  
<http://lelivros.space/book/download-o-sagrado-e-o-profano-mircea-eliade-em-epub-mobi-e-pdf/>.
- **FRANCISCO, Papa - Discurso proferido no Parlamento Europeu em Estrasburgo - 25/11/2014.** [Em Linha]. [Consult. em 2016/09/15]. Disponível na Internet:<URL:  
[http://pt.radiovaticana.va/news/2014/11/25/discorso\\_do\\_papa\\_ao\\_parlamento\\_europeu\\_em\\_estrasburgo/1112319](http://pt.radiovaticana.va/news/2014/11/25/discorso_do_papa_ao_parlamento_europeu_em_estrasburgo/1112319).
- **FRANCISCO, Papa - Discurso proferido durante a Cerimónia de Entrega do Prémio Carlos Magno em Aachen - 06/05/2016.** [Em Linha]. [Consult. em 2016/09/15]. Disponível na Internet:<URL:  
<http://papa.cancaonova.com/discorso-do-papa-em-entrega-do-premio-carlos-magno/>.
- **GIDDENS, Anthony - Sociologia.** 6ª. Edição. Lisboa: Fundação Calouste

Gulbenkian. 2001. 743 p. ISBN: 978-972-31-1075-3.

- **HACKING**, Ian - *Social Construction of What?* [Em Linha]. Cambridge: Harvard University Press. 1999. (Pág. 48). ISBN: 0-674-81200-X. [Consult. em 2016/12/29].

Disponível na Internet:<URL:

<https://larvalsubjects.files.wordpress.com/2011/01/hacking-the-social-construction-of-what2.pdf>.

- **HEIDEGGER**, Martin - *Carta sobre o Humanismo*. Lisboa: Guimarães Editores. 1987. 110 p. Depósito Legal Nº. 9497/85.

- **HUNTINGTON**, Samuel P. - *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*. Lisboa: Gradiva Publicações, S.A. 1999. 380 p. ISBN: 978-972-662-652-7.

- **HOBBSAWM**, Eric - *A Era dos Extremos - O Breve Século XX - 1914-1991*. S. Paulo: Companhia das Letras. 2003. 562 p. ISBN: 85-7164-468-3.

- **JAMESON**, Fredric - *Pós-Modernismo - A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. [Em Linha]. Editora Ática. 1971. (Pág. 27 à Pág. 79). [Consult. em 2017/02/01]. Disponível na Internet:<URL:

<http://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/Jameson%20-%20A%20L%C3%B3gica%20cultural%20do%20capitalismo%20tardio.pdf>.

- **JUNG**, Carl Gustav - *Os Arquétipos e o Inconsciente Colectivo - Vol IX-1 - Obras Completas de C. G. Jung*. 2ª. Edição. [Em Linha]. Petrópolis: Editora Vozes, Ltd. 2000. 408 p. ISBN: 85.326.2355-7. [Consult. em 2016/09/29]. Disponível na Internet:<URL:

<http://clinicapsique.com/wp-content/textos/C.%20G.%20Jung-%20Os%20arqu%C3%A9tipos%20e%20o%20inconsciente%20coletivo.pdf>.

- **KANT**, Immanuel - *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Coleção Grandes Filósofos (Págs. VII a XXIV). Lisboa: Edições 70, Lda. 2008. ISBN: 978-84-92482-12-2.

- **KEPEL**, Gilles - *The Revenge of God - The Resurgence of Islam, Christianity, and Judaism in the Modern World*. Pensilvânia: Penn State University Press. 1994. ISBN: 978-0-271-01314-5.

- **LARAIA**, Roque de Barros - *Da Ciência Biológica à Social: A Trajetória da Antropologia no Século XX*. [Em Linha]. In, "Habitus", Goiânia, v.3, n. 2, Págs. 321-

345, jul./dez. 2005. [Consult. em 2017/05/05]. Disponível na Internet:<URL:

<http://seer.ucg.br/index.php/habitus/article/viewFile/63/59>.

- **LIPOVETSKY**, Gilles - *A Era do Vazio - Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo*. Lisboa: Edições 70, Lda. 2016. 308 p. ISBN: 978-972-44-1746-2.

- **MACHADO**, Ana Paula - *Tópicos sobre o Pensamento Europeu*. [Em Linha]. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa. In, *Gaudium Sciendi*, Nº. 7. 2015. 12 p. [Consult. em 2016/09/29]. Disponível na Internet:<URL:

[http://www2.ucp.pt/resources/Documentos/SCUCP/GaudiumSciendi/Revista\\_Gaudium\\_Sciendi\\_n7/19.%20T%C3%93PICOS%20.pdf](http://www2.ucp.pt/resources/Documentos/SCUCP/GaudiumSciendi/Revista_Gaudium_Sciendi_n7/19.%20T%C3%93PICOS%20.pdf).

- **MAFFESOLI**, Michel - *O Tempo das Tribos: O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa*. [Em Linha]. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1998. 232 p. ISBN: 85-218-0226-9. [Consult. em 2017/05/24]. Disponível na Internet:<URL:

<https://pt.scribd.com/doc/52731177/O-Tempo-das-Tribos-Livro>.

- **MAFFESOLI**, Michel - *Mediações Simbólicas: A Imagem como Vínculo Social*. [Em Linha]. In, "*Para Navegar no Século XXI*" (2ª. Edição). Porto Alegre: Sulina/Edipucrs. 2000. [Consult. em 2017/05/24]. Disponível na Internet:<URL:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5462/3963>.

- **MARCOS**, Isabel Marques - *Citar e Referenciar: Norma Portuguesa 405*. [Em Linha]. Lisboa: Universidade Aberta - Direção de Serviços de Documentação. 2016. 60 p. [Consult. em 2017/02/15]. Disponível na Internet:<URL:

[http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4901/4/FormacaoRBibliograficasUAb\\_NP405\\_reposit%C3%B3rio.pdf](http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4901/4/FormacaoRBibliograficasUAb_NP405_reposit%C3%B3rio.pdf).

- **MOREIRA**, Adriano. *Teoria das Relações Internacionais*. 5ª. Edição. Coimbra, Editora Almedina. 2005. 701 Págs. ISBN: 978-972-40-2700-7.

- **MORIN**, Edgar - *Pensar a Europa*. Mem-Martins: Publicações Europa-América. 1988. 170 p. Edição Nº. 104234/4486 - Depósito Legal Nº. 19851/88.

- **MORIN**, Edgar [et al] - *Ética, Solidariedade e Complexidade*. São Paulo: Palas Athena. 1998. ISBN: 978-857-242-025-9.

- **MORIN**, Edgar - *A Cabeça Bem-Feita: Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, Ltda. 2000. 121 p. ISBN: 85-286-0764-X.



- **MORIN**, Edgar, **KERN**, Anne Brigitte - *Terra-Pátria*. [Em Linha]. Porto Alegre: Editora Sulina. 2003. 181 p. ISBN: 85-205-0114-1. [Consult. em 2017/05/26]. Disponível na Internet:<URL:  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/307749/mod\\_resource/content/1/LIVRO%20-%20Terra%20P%C3%A1tria%20-%20EDGAR%20MORIN.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/307749/mod_resource/content/1/LIVRO%20-%20Terra%20P%C3%A1tria%20-%20EDGAR%20MORIN.pdf).
- **MORIN**, Edgar e **CLOTET**, Joaquim - *As Duas Globalizações - Complexidade e Comunicação - Uma Pedagogia do Presente*. 3ª. Edição. [Em Linha]. Porto Alegre: Editora Meridional e Edipucrs. 2007. 83 p. ISBN: 978-85-105-0469-7. [Consult. em 2017/03/20]. Disponível na Internet:<URL:  
<http://www.pucrs.br/edipucrs/digitalizacao/diversos/978-85-7430-625-4.pdf>.
- **NIETZSCHE**, Friedrich - *Além do Bem e do Mal ou Prelúdio de Uma Filosofia do Futuro* - “Nona Parte - O Que é Aristocrático? - Aforismo 285. [Em Linha]. Curitiba: Hemus Livraria, Distribuidora e Editora, S.A. 2001. 230 p. [Consult. em 2017/05/02]. Disponível na Internet:<URL:  
<http://ghiraldelli.pro.br/wp-content/uploads/alem-do-bem-e-do-mal.pdf>.
- **NIETZSCHE**, Friedrich - *Assim Falava Zaratustra (II Parte - A Hora Silenciosa)*. [Em Linha]. Versão para eBook - eBooksBrasil.com. 2002. 536 p. [Consult. em 2017/05/02]. Disponível na Internet:<URL:  
<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf>.
- **OPITZ**, Alfred [Coord.] - *Sociedade e Cultura Alemãs*. Lisboa: Universidade Aberta. 1998. 435 p. ISBN: 978-972-674-239-5.
- **PIRES**, Laura Bettencourt - *Teorias da Cultura - Capítulo 2 - Modernidade*. [Em Linha]. Lisboa: Universidade Católica Editora. 2004a. [Consult. em 2016/11/28]. Disponível na Internet:<URL:  
<file:///C:/Users/Luis%20Monteiro/Documents/TEORIAS%20DA%20CULTURA%20-%20MODERNIDADE%20-%20MARIA%20LAURA%20BETTENCOURT%20PIRES%20-%202002.pdf>.
- **PIRES**, Laura Bettencourt - *Teorias da Cultura - Capítulo 4 - Pós-Modernidade*. [Em Linha]. Lisboa: Universidade Católica Editora. 2004b. [Consult. em 2016/11/28]. Disponível na Internet:<URL:  
<file:///C:/Users/Luis%20Monteiro/Documents/TEORIAS%20DA%20CULTURA%20-%20MODERNIDADE%20->

[%20MARIA%20LAURA%20BETTENCOURT%20PIRES%20-%202002.pdf](#).

- **RAMOS**, Roberto Carlos - *O Fundamentalismo Islâmico e o Terrorismo - Das Origens aos Desafios para o Século XXI*. [Em Linha]. Dissertação de Mestrado em Ciência Política, Governança e Relações Internacionais, em parceria com IEP-UCP/UCM. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa - Instituto de Estudos Políticos, 2012. 140 p. [Consult. em 2017/03/27]. Disponível na Internet:<URL: <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9283/1/TESE%20MESTRADO%20-%20Roberto%20Carlos%202012.pdf>.

- **RÉMOND**, René - *Introdução à História do Nosso Tempo - Do Antigo Regime aos Nossos Dias*. Lisboa: Gradiva Publicações, S.A. 1994. 460 p. Depósito Legal: 79.545/94.

- **RUSS**, Jacqueline - *A Aventura do Pensamento Europeu - Uma História das Ideias Ocidentais*. Lisboa: Terramar - Editores, Distribuidores e Livreiros, Ltdª. 1997. 361 p. ISBN: 972-710-156-9.

- **SAID**, Edward W. - *Orientalismo - O Oriente como Invenção do Ocidente*. [Em Linha]. São Paulo: Companhia das Letras. 1990. 370 p. ISBN: 85-7164-133-1. [Consult. em 2017/02/03]. Disponível na Internet:<URL: [https://docviewer.yandex.com/view/0/?\\*=Awg7fb5yphjB%2B0xndzMnRXuEO6x7InVybcI6lnlhLWRpc2stcHVibGljOi8vZGR3VlgvdmtaWU1JYUN1VkhHZXM1T1NSRWYvZ25ENUo0TTVuQXZ1Y2I4ND0iLCJ0aXRsZSI6Ik9yaWVudGFsaXNtby5wZGUiLCJ1aWQiOiIwliwieXUiOiI4OTc1MTQ0NTkxNDk5MDg2OTA0liwibm9pZnJhbWUiOmZhbnHnILCJ0cyI6MTQ5OTA4NjkzODQzN30%3D](https://docviewer.yandex.com/view/0/?*=Awg7fb5yphjB%2B0xndzMnRXuEO6x7InVybcI6lnlhLWRpc2stcHVibGljOi8vZGR3VlgvdmtaWU1JYUN1VkhHZXM1T1NSRWYvZ25ENUo0TTVuQXZ1Y2I4ND0iLCJ0aXRsZSI6Ik9yaWVudGFsaXNtby5wZGUiLCJ1aWQiOiIwliwieXUiOiI4OTc1MTQ0NTkxNDk5MDg2OTA0liwibm9pZnJhbWUiOmZhbnHnILCJ0cyI6MTQ5OTA4NjkzODQzN30%3D).

- **SANTOS**, Armindo - *Antropologia Geral - Etnografia, Etnologia, Antropologia Social*. Lisboa: Universidade Aberta. 2002. 232 p. ISBN: 978-972-674-383-5.

- **SEM**, Amartya - *Direitos Humanos e Diferenças Culturais*. [Em Linha]. In, *Democracia*. Organizado por Robert Darnton e Olivier Duhamel. Rio de Janeiro: Editora Record. (2001) p. 421-429. ISBN: 978-850-105-738-5. [Consult. em 2017/03/22]. Disponível na Internet:<URL: [http://www.dhnet.org.br/direitos/indicadores/amartyasen/amartya\\_sem\\_dh\\_div\\_cultural.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/indicadores/amartyasen/amartya_sem_dh_div_cultural.pdf).

- **SOLOMON**, Robert C. - *Existentialism*. New York: McGraw-Hill. 1974. ISBN: 978-007-553-711-3.

- **Von ZUBEN**, Newton Aquiles - *A Fenomenologia como Retorno à Ontologia em Martin Heidegger*. [Em Linha]. In, *Trans/Form/Ação*, Vol. 34, Nº. 2. Marília 2011. S. Paulo: Universidade Estadual Paulista - Departamento de Filosofia. 2011. Print Version ISSN 0101-3173. [Consult. em 2016/12/27]. Disponível na Internet:<URL: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31732011000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732011000200006).
- **ZIZEK**, Slavoj - *Europa à Deriva - A Verdade sobre a Crise dos Refugiados e o Terrorismo*. Lisboa: Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. 2016. 150 p. ISBN: 978-989-665-073-5.
- **WEBER**, Max - *Economia e Sociedade*. [Em Linha]. Brasília: Editora Universidade de Brasília, SCS. 1994. 464 p. ISBN: 978-85-230-0314-2. [Consult. em 2017/05/20]. Disponível na Internet:<URL: [http://www.uel.br/grupo-pesquisa/socreligioses/pages/arquivos/impressorasuel.br\\_20130410\\_215439.pdf](http://www.uel.br/grupo-pesquisa/socreligioses/pages/arquivos/impressorasuel.br_20130410_215439.pdf)
- **WILSON**, Michelle e **LYNXWILER**, John - *Abortion Clinic Violence as Terrorism - Studies in Conflict*, *Journal Terrorism*, Volume 11, Issue 4. 1988. Págs. 263-273. Disponível na Internet:<URL: <http://www.tandfonline.com/loi/uter20>.

## WEBGRAFIA

- <http://observador.pt/especiais/os-novos-muros-da-europa/>
- [http://pt.radiovaticana.va/news/2014/11/25/discorso\\_do\\_papa\\_ao\\_parlamento\\_europeu\\_em\\_estrasburgo/1112319](http://pt.radiovaticana.va/news/2014/11/25/discorso_do_papa_ao_parlamento_europeu_em_estrasburgo/1112319)
- <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-media/peste-negra.htm>
- <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ontologia>
- <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Fenomenologia%20>
- [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31732011000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732011000200006)
- <http://dererummundi.blogspot.pt/2011/12/aos-ombros-de-gigantes.html>
- <http://lelivros.me/book/baixar-livro-idade-media-umberto-eco-em-pdf-epub-e-mobi/>
- <https://dia-da-terra.blogspot.pt/2011/07/dialeticatese-antitese-e-sintese.html>
- <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5175.pdf>

<http://www.geografiaopinativa.com.br/2015/03/modelos-produtivos-as-diferencas-entre.html>

<http://www.bbc.com/portuguese/geral-37658309>

<http://www.unric.org/pt/actualidade/31160-relatorio-das-nacoes-unidas-estimaque-a-populacao-mundial-alcance-os-96-mil-milhoes-em-2050->

<https://geekiegames.geekie.com.br/blog/nova-e-velha-ordem-mundial-resumo/>

<http://www.politicaeconomia.com/2011/10/os-efeitos-do-consenso-de-washington-na.html>

<http://www.euoparl.europa.eu/sides/getDoc.do?language=pt&type=IM-PRESS&reference=20080414FCS26499>

[http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Population\\_statistics\\_at\\_regional\\_level/pt#Europa\\_2020](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Population_statistics_at_regional_level/pt#Europa_2020)

[https://www.infopedia.pt/\\$sociedade-das-nacoes](https://www.infopedia.pt/$sociedade-das-nacoes)

<https://www.unric.org/pt/informacao-sobre-a-onu>

<https://www.unric.org/pt/informacao-sobre-a-onu/26496?start=2>

<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/>

<http://www.dn.pt/mundo/interior/maioria-das-criancas-ate-aos-dois-anos-estao-subnutridas-5440490.html>

<http://stopcancerportugal.com/2016/10/14/dia-mundial-da-alimentacao-2016/>

<http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/06/oit-alerta-que-168-milhoes-de-criancas-realizam-trabalho-infantil-no-mundo>

[https://europa.eu/european-union/about-eu/eu-in-brief\\_pt](https://europa.eu/european-union/about-eu/eu-in-brief_pt)

[https://europa.eu/european-union/about-eu/history\\_pt](https://europa.eu/european-union/about-eu/history_pt)

[http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p\\_cot\\_id=8389](http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p_cot_id=8389)

[http://www.euoparl.europa.eu/pdf/eurobarometre/2014/post/post\\_2014\\_survey\\_analitical\\_overview\\_pt.pdf](http://www.euoparl.europa.eu/pdf/eurobarometre/2014/post/post_2014_survey_analitical_overview_pt.pdf)

<http://pt.euronews.com/2015/03/09/arabia-saudita-derruba-india-da-lideranca-do-top-mundial-da-compra-de-armas>

[http://eur-lex.europa.eu/summary/glossary/deepening\\_european\\_integration.html?locale=pt](http://eur-lex.europa.eu/summary/glossary/deepening_european_integration.html?locale=pt)

<http://br.humanrights.com/what-are-human-rights/brief-history/magna-carta.html>

[https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10133.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm)

<http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/pd-eliminacao-discrimina-racial.html>

<http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/cidh-dudh-psocial.html>

<http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dm-conv-edcmulheres.html>

<http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dhaj-conv-contratortura.html>

<http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dc-conv-sobre-dc.html>

<https://infoeuropa.euroid.pt/files/database/000006001-000007000/000006824.pdf>

[https://www.unicef.pt/18/site\\_unicef-declaracao\\_nova\\_iorque\\_refugiados\\_e\\_migrantes\\_2016-09-20.pdf](https://www.unicef.pt/18/site_unicef-declaracao_nova_iorque_refugiados_e_migrantes_2016-09-20.pdf)

<http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/onu-carta.html>

[http://www.fpce.up.pt/sae/pdfs/Decl\\_Univ\\_Direitos\\_Homem.pdf](http://www.fpce.up.pt/sae/pdfs/Decl_Univ_Direitos_Homem.pdf)

[https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10133.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm)

<https://www.youtube.com/watch?v=v2BLaoK2Qrs>

<http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt22-4187.pdf>

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/internacionalização>

<http://aglobalizacaoemundoactual.blogspot.pt/2007/05/globalizao-x-mundializao.html>

<http://g1.globo.com/natureza/noticia/2016/04/paises-assinam-acordo-do-clima-de-paris-nesta-sexta-na-sede-da-onu.html>

<http://24.sapo.pt/atualidade/artigos/donald-trump-retira-estados-unidos-do-acordo-de-paris>

<http://www.mirror.co.uk/news/world-news/bizarre-click-farm-10000-phones-10419403>